



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação Física

NÁTHALI FERNANDA FELICIANO

**A MULHER COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE PARALÍMPICO: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL ENTRE DEFICIÊNCIA E GÊNERO**

Campinas

2024

NÁTHALI FERNANDA FELICIANO

**A MULHER COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE PARALÍMPICO: UMA ANÁLISE
INTERSECCIONAL ENTRE DEFICIÊNCIA E GÊNERO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação Física na área de Atividade Física Adaptada.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Luiza Tanure Alves

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA NÁTHALI FERNANDA FELICIANO E
ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA
MARIA LUIZA TANURE ALVES.

Campinas

2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

F334m Feliciano, Náthali Fernanda, 1998-
A mulher com deficiência no esporte paralímpico : uma análise interseccional entre deficiência e gênero / Náthali Fernanda Feliciano. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Maria Luiza Tanure Alves.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação Física.

1. Gênero. 2. Esportes paraolímpicos. 3. Mulheres. I. Alves, Maria Luiza Tanure. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Woman with disability in paralympic sport : an intersectional analysis between disability and gender

Palavras-chave em inglês:

Gender

Paralympic games

Women

Área de concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

Maria Luiza Tanure Alves [Orientador]

Helena Altmann

Vanessa Helena Santana Dalla Déa

Data de defesa: 08-08-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-3928-1148>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/0101777085946063>

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luiza Tanure Alves
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Helena Altmann

Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me abençoar com a oportunidade de realizar o mestrado na UNICAMP e colocar pessoas maravilhosas na minha trajetória.

À minha mãe Claudia e meu pai Marcus por acreditarem em mim e nos meus sonhos. Eles foram e continuam sendo a minha base.

Ao meu melhor amigo e namorado Leonardo que me acompanha e me incentiva desde o início do meu sonho em cursar Educação Física na UNICAMP.

À toda minha família que sempre me apoiou, em especial minhas avós Inez e Maria Elizabeth e meu avô e professor Júlio (*em memória*), o qual foi e continuará sendo minha inspiração na docência.

À minha amiga Maressa por acreditar em mim e abrir as portas para o mundo da pessoa com deficiência.

À minha professora e orientadora Malu por acreditar em mim e aceitar me orientar nesse processo. Agradeço todos os ensinamentos e acolhimento nos momentos de dificuldade e indecisão.

Aos mestres e doutores que conheci durante a graduação e o mestrado, em especial professoras Gabriella Figueiredo e Mariana Gomes e professor Edison Duarte.

Aos meus colegas de graduação e de mestrado que estiveram ao meu lado: Bella, Igor, Renata, Larissa, Mariana, Allan, Alê, Ana Julia, Gustavo, Letícia e Rogério.

À todas as participantes e colaboradoras deste estudo por aceitarem o convite para a realização da entrevista.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPQ, processo nº 131666/2022-3, por conceder a bolsa de mestrado, a qual permitiu a minha dedicação integral a essa pesquisa.

RESUMO

O esporte paralímpico, desde seu início, foi construído e constituído por homens. Neste contexto, o esporte se estrutura como um espaço não dominado pelas mulheres. Além disso, pouco se sabe sobre o significado do esporte para mulheres com deficiência que atuam no Esporte Paralímpico. Dessa forma, o estudo teve como objetivo compreender a experiência de mulheres atletas com deficiência a partir da interseccionalidade entre ser mulher e ser uma pessoa com deficiência no campo do esporte paralímpico de alto rendimento brasileiro. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com a participação de cinco atletas paralímpicas de nível internacional que apresentaram classificação funcional oficial em classes para pessoas com deficiência física elegíveis do Programa Paralímpico Brasileiro de 2023. Para realização da análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, que consiste na descrição e interpretação do conteúdo coletado. Quatro categorias de análise foram elaboradas para responder o objetivo do estudo: 1) Esporte: um agente transformador na identidade e experiência de atletas paralímpicas; 2) Esporte e gênero: a luta das atletas pela equidade no movimento paralímpico; 3) Família e equipe multidisciplinar: os agentes facilitadores na trajetória de atletas paralímpicas; 4) Capacitismo: os estereótipos e narrativas que caracterizam pessoas com deficiência. Como resultado, o esporte desempenha um papel fundamental na construção da identidade das atletas como pessoa com deficiência e nas transformações pessoais e sociais. No entanto, ser uma mulher no esporte paralímpico de alto rendimento ainda é um desafio existente. Para isso, elas contam com o apoio e suporte de suas famílias e equipe multidisciplinar e esperam ser modelos de inspiração para incentivar uma nova geração de meninas e mulheres e contam com o auxílio e apoio familiar nas suas carreiras. Na busca de superar o estereótipo de gênero de que o esporte não é um lugar de mulher e que a pessoa com deficiência não é capaz, elas buscam o desempenho com grande eficiência em suas modalidades para mostrar que são capazes, sendo o esporte também um cenário de resistência e ativismo.

Palavras-chave: gênero, Esporte Paralímpico, mulher.

ABSTRACT

Paralympic sport, since its inception, has been built and shaped by men. In this context, sport is structured as a space not dominated by women. Additionally, little is known about the significance of sport for women with disabilities participating in Paralympic Sport. Thus, the study aimed to understand the experience of female athletes with disabilities through the intersectionality of being a woman and being a person with a disability in the field of high-performance Brazilian Paralympic sport. Data collection was conducted through semi-structured interviews with five internationally ranked Paralympic athletes who had official functional classifications in classes for physically disabled individuals eligible for the Brazilian Paralympic Program of 2023. Content analysis was used to analyze the data, which involves describing and interpreting the collected content. Four analysis categories were developed to address the study's objective: 1) Sport: a transformative agent in the identity and experience of Paralympic athletes; 2) Sport and gender: the athletes' struggle for equity in the Paralympic movement; 3) Family and multidisciplinary team: the facilitators in the trajectory of Paralympic athletes; 4) Ableism: stereotypes and narratives that characterize people with disabilities. As a result, sport plays a fundamental role in shaping the athletes' identities as people with disabilities and in their personal and social transformations. However, being a woman in high-performance Paralympic sport remains an ongoing challenge. They rely on the support of their families and multidisciplinary teams and hope to serve as role models to inspire a new generation of girls and women. They also count on family support in their careers. In their quest to overcome gender stereotypes that view sport as not suitable for women and that individuals with disabilities are incapable, they strive for high performance in their disciplines to demonstrate their capabilities, making sport also a realm of resistance and activism.

Keywords: gender, Paralympic Sport, woman.

SUMÁRIO

1.	Introdução	10
2.	Referencial teórico	12
2.1	Deficiência e sociedade	12
2.2	Mulheres: papéis sociais e participação no esporte.....	25
2.3	Esporte Paralímpico: breve histórico	28
2.4	Esporte Paralímpico: contexto brasileiro e inserção e participação de mulheres.....	30
3.	Objetivo	34
3.1	Objetivos específicos.....	35
4.	Método	35
4.1	Estudo piloto	35
4.2	Participantes	36
4.3	Coleta de dados	37
4.4	Análise dos Dados	38
5.	Resultados e discussão	39
5.1	Esporte: um agente transformador na identidade e experiência de atletas paralímpicas	39
5.2	Esporte e gênero: a luta das atletas pela equidade no movimento paralímpico..	48
5.3	Família e equipe multidisciplinar: os agentes facilitadores na trajetória de atletas paralímpicas.....	52
5.4	Capacitismo: os estereótipos e narrativas que caracterizam pessoas com deficiência.....	55
6.	Considerações finais	59
7.	Referências bibliográficas	62
8.	Apêndice 1	75
9.	Apêndice 2	95

10.	Apêndice 3	104
11.	Apêndice 4	115
12.	Apêndice 5	133
13.	Anexo 1	152
14.	Anexo 2	155

1. Introdução

O esporte é uma ferramenta poderosa para o empoderamento de meninas e de mulheres (ONU MULHERES, [s.d.]) e, por este motivo, sua prática deve ser possível em todos os níveis: escolar, de participação, lazer e de alto rendimento. Entretanto, as diferenças sociais entre homem e mulher na sociedade ainda representam um desafio para promoção da equidade e justiça social. Junto com as desigualdades de gênero, os desafios impostos à mulher com deficiência revelam desvantagens e invisibilidades comparado aos homens com deficiência e às mulheres sem deficiência (BÊ, 2020). Nesse sentido, o envolvimento de mulheres com deficiência no contexto esportivo depende de agentes e contextos facilitadores, tais como a família, a escola, colegas com deficiência e o professor de educação física (RUDDELL; SHINEW, 2006).

A opressão sobre mulheres com deficiência percorre o contexto estrutural e social. A desvantagem na prática de atividades físicas e esporte por mulheres com deficiência já se inicia nas aulas de educação física escolar, no qual estas são subestimadas em relação aos meninos com deficiência e as meninas sem deficiência (APELMO, 2018). Como reflexo, na fase adulta as mulheres com deficiência demonstram menor adesão e envolvimento na prática esportiva de participação ou lazer (FRENCH; HAINSWORTH, 2001). Elas relatam um desconforto ao praticar alguma modalidade esportiva por se tratar de um contexto de predomínio masculino ou, quando esse desconforto não é presente, o interesse na prática esportiva é interrompido por barreiras estruturais e sociais (FRENCH; HAINSWORTH, 2001), como a falta de suporte familiar, a exposição limitada da mídia e aos estereótipos negativos impostos pela sociedade (RUDDELL; SHINEW, 2006).

No entanto, este cenário está se transformando. O Brasil teve suas primeiras atletas paralímpicas em Toronto, 1976, Maria Alvares e Beatriz Siqueira, em uma delegação que contava com 23 atletas competindo (PARSONS; WINCLER, 2012). Na edição dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2021, o Brasil contou com a participação de 96 mulheres atletas que representaram 37% da delegação brasileira. Sendo assim, há mais mulheres com deficiência praticando o esporte, o qual proporciona a construção de uma nova identidade: a atlética (HAIACHI et al., 2018).

Apesar disso, neste contexto, a mulher com deficiência se encontra em uma posição de dupla vulnerabilidade através da intersecção entre gênero e deficiência: é mulher e tem

deficiência (NICOLAU; SCHRAIBER; AYRES, 2013). Ambas vulnerabilidades são colocadas como desvantagens sociais (HANNA; ROGOVSKY, 1991) visto que, primeiro, a pessoa com deficiência sofre uma opressão social de uma sociedade que não é sensível à diversidade (DINIZ, 2007), em segundo lugar, o entendimento de que a mulher é uma versão inferior ao homem (NICOLAU; SCHRAIBER; AYRES, 2013).

No entanto, o esporte se apresenta como um contexto de luta anticapacitista (SERON et al., 2021), permitindo à mulher com deficiência um novo status social (HAIACHI et al., 2018). Nessa perspectiva, este estudo busca investigar o significado do esporte paralímpico para mulheres atletas com deficiência a partir da interseccionalidade entre deficiência e gênero, que é fundamental para compreender a participação e as relações da mulher com deficiência no esporte (GARLAND-THOMSON, 2005). É claro que não podemos ignorar outros fatores interseccionais como raça, etnia, classe social, que nos mostrará a subjetividade dessa experiência tão única quando analisada individualmente e plural quando comparada às experiências de outras mulheres esportistas com deficiência.

Sendo assim, este estudo buscou compreender a experiência de mulheres atletas com deficiência a partir da interseccionalidade entre ser mulher e ser uma pessoa com deficiência no campo do esporte paralímpico de alto rendimento brasileiro. Para direcionar a análise e discussão deste estudo, utilizamos os estudos feministas da deficiência, que surgiu como uma crítica à primeira geração do modelo social (DINIZ, 2007). Os estudos feministas da deficiência foram constituídos na segunda geração do modelo social da deficiência por mulheres com deficiência e cuidadoras de pessoas com deficiência. Os estudos feministas da deficiência colocam em pauta questões como a ética do cuidado, a dor e a interdependência, além disso, partem da premissa de que é preciso compreender a experiência da deficiência através de diversos indicadores sociais (e.g. raça, gênero, orientação sexual, etnia, idade, entre outros) (GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012).

2. Referencial teórico

2.1 Deficiência e sociedade

O entendimento da deficiência tem sido construído historicamente, influenciado por mudanças culturais e sociais (BARNES, 2020). Sendo assim, a deficiência tem sido percebida e significada de diversas formas, onde seu entendimento tem se concentrado em dois modelos principais: modelo médico e modelo social da deficiência (BARNES, 2020; DINIZ, 2007). Dessa forma, apresentaremos a seguir uma linha histórica de ambos modelos que compõem os estudos da deficiência.

No século XVIII, o significado da deficiência estava atrelado à uma concepção da variação do padrão de normalidade da espécie humana (DAVIS, 1995). Sendo assim, ser uma pessoa com deficiência era ser um corpo fora da norma (DINIZ, 2007). Essa concepção, reconhecida historicamente como *modelo médico*, compreende a deficiência como uma doença (OLKIN, 1999) pautada no diagnóstico clínico (BRISENDEN, 1986) e uma questão exclusivamente individual (BARNES, 2020; BARTON; OLIVER, 1997; WATSON; VEHMAS, 2020). Nesse sentido, o impedimento corporal do indivíduo é a causa da desigualdade experienciada (COSTA, 2021) em uma sociedade que foi construída especificamente para as pessoas tidas com corpos sem deficiência (DINIZ, 2013).

O modelo médico reconhece, no corpo com deficiência, a primeira e principal causa da desigualdade experimentada pelas pessoas com deficiência (SANTOS, 2008), ignorando o papel das estruturas sociais para a opressão individual. No Brasil, a deficiência foi definida originalmente a partir do Benefício da Prestação Continuada (BPC), uma transferência incondicional de renda para idosos ou pessoas com deficiência extremamente pobres (BRASIL, 1995). A deficiência foi conceituada como “*uma condição devida a incapacidades biológicas irreversíveis que resulta na incapacidade para o trabalho ou para a vida independente*” (BRASIL, 1995). Esta perspectiva reduz a deficiência às inconformidades do corpo e à uma concepção de tragédia pessoal (OLIVER, 1990), trazendo uma ideia de causalidade entre a lesão e a experiência vivida pela pessoa com deficiência (MEDEIROS; DINIZ; SQUINCA, 2006). Toda essa perspectiva faz com que as barreiras sociais e os constrangimentos enfrentados por pessoas com deficiência sejam naturalizados devido às suas limitações funcionais (MARTINS et al., 2012).

A concepção do modelo médico parte do pressuposto que a pessoa com deficiência seja inserida numa abordagem reabilitacional (DINIZ, 2007), pautada na ideia de que as pessoas com deficiência são sujeitos passivos e que as decisões sobre a vida dessas pessoas deveriam estar sob a responsabilidade de seus responsáveis e profissionais da saúde (BARNES, 2020; MARTINS et al., 2012). Toda essa relação de autoridade e hierarquia provocou uma desqualificação das perspectivas das pessoas com deficiência (MARTINS et al., 2012), além de expressar uma limitação corporal da pessoa com deficiência para interagir com a sociedade (MEDEIROS; DINIZ; SQUINCA, 2006). Partindo do pressuposto de que a experiência da deficiência está sempre atrelada às limitações e incapacidades que o modelo médico a coloca, ela sempre será vista como uma questão de disfunção e incapacidade individual (BRISENDEN, 1986).

O retrato que se tem da deficiência muito contribui à invisibilidade social das pessoas com deficiência, na qual a exclusão se perpetua (MARTINS et al., 2012; MORRIS, 2001). Dessa forma, na busca de contestar as perspectivas do modelo médico, o modelo social vem questionar o entendimento de deficiência e sua construção social (DINIZ, 2013; WATSON; VEHMAS, 2020). Diniz (2007) coloca os diferentes tipos de deficiência como diferentes modos de vida, sendo a anormalidade um julgamento estético sobre os estilos de vida de cada indivíduo. Ao contrário do que a sociedade pensa, ir contra o julgamento da deficiência como algo fora do padrão, “não significa ignorar que um corpo com lesão medular necessite de recursos médicos ou de reabilitação” (DINIZ, 2007, p. 2), mas a necessidade de ressignificar a deficiência e as políticas de inclusão da pessoa com deficiência.

Nesse tocante, em uma área de investigação fortemente compromissada na luta contra a opressão social das pessoas com deficiência e no sentimento de formar uma sociedade mais inclusiva (MARTINS et al., 2012), a perspectiva social da deficiência deu um novo conceito para a deficiência. Essa mudança de perspectiva foi nomeada como *modelo social*, o qual não responsabiliza o indivíduo pelas desvantagens que vivencia, mas a sociedade, a qual não é adaptada para receber a diversidade existente entre as pessoas, incluindo as com deficiência (BAMPI; GUILHEM; ALVES, 2010). Antes vista única e exclusivamente como uma tragédia pessoal, a deficiência é reconceitualizada como uma forma de opressão social (MELLO, 2014; UPIAS, 1976), buscando uma nova perspectiva fortemente aliada às pessoas com deficiência (MARTINS et al., 2012). O modelo social marcou não só a compreensão mas

também a causalidade da deficiência, a qual passou do indivíduo para a estrutura social (DINIZ, 2007; GARLAND-THOMSON, 2005).

A partir da década de 1940 houve uma mudança de política para pessoas com deficiência no Reino Unido, Europa e Estados Unidos como resultado de vários fatores, tais como uma obrigação moral sentida pelos políticos representantes e pela população em geral devido ao grande número de militares que retornaram feridos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (BARNES, 2020). Além disso, com os avanços médicos, as pessoas com deficiência tiveram suas expectativas de vida elevadas, aumentando o número de pessoas com deficiência consideravelmente, o que também contribuiu na politização da deficiência pelas pessoas com deficiência e pelas organizações que representaram seus interesses durante a segunda metade do século XX em vários países (BARNES, 2020). No Reino Unido, o ativismo pela deficiência baseava-se na rejeição dos cuidados residenciais e do controle de profissionais que estavam aliados à medicina, além de relacionar a deficiência com a pobreza devido à exclusão de pessoas com deficiência das atividades econômicas (BARNES, 2020).

Até o final da década de 1960, as pessoas que tinham uma deficiência considerada grave, não tinham apoio fora das instituições destinadas à elas e não recebiam pagamento de assistência social (BARNES, 2020). Consequentemente, elas ficavam confinadas em residências que eram administradas por profissionais ou então em suas comunidades em situação de pobreza e isolamento social (BARNES, 2020). Diante desse cenário, pessoas com deficiência e suas famílias enfrentaram dificuldades socioeconômicas, o que fez com que duas mulheres com deficiência formassem o *Disabled Incomes Group* no ano de 1965 no Reino Unido com o objetivo de ajudar as famílias (CAMPBELL; OLIVER, 1996). A formação desse grupo chamou atenção de diversos ativistas da deficiência no país inteiro, entre eles figuras importantes do Reino Unido como Paul Hunt, Vic Finkelstein, Maggie Hines e Ken Davis (BARNES, 2020). No entanto, apesar do *Disabled Incomes Group* ter sido importante para ajudar financeiramente pessoas com deficiência, esses ativistas rejeitaram essa abordagem (BARNES, 2020). Em seguida, também houve a existência da *Disability Alliance*, que reuniu diversas organizações de pessoas com deficiência para obtenção de renda. Ainda assim, os ativistas se apresentavam descontentes com ambos movimentos, que eram dominados por pessoas sem deficiência (BARNES, 2020).

A compreensão da deficiência começou a ser discutida então na década de 1960 por teóricos, sociólogos e pessoas com deficiência do Reino Unido, Escandinávia e América do

Norte, dando nome ao que chamamos hoje de modelo social da deficiência (OLIVER; BARNES, 2012). Ativistas da deficiência passaram a questionar a autoridade do discurso médico frente à deficiência (SANTOS, 2008), especialmente Paul Hunt, um sociólogo com deficiência física. Paul Hunt foi um dos precursores do modelo social da deficiência no Reino Unido nos anos 1960 (DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019) e escreveu uma carta ao jornal inglês *The Guardian*, em 20 de setembro de 1972, propondo a formação de um grupo de pessoas que pudessem levar ao Parlamento as ideias das pessoas com deficiência, como uma forma de garantia de direitos (DINIZ, 2007). Alguns sociólogos como Michael Oliver, Paul Abberley e Vic Finkelstein responderam a carta de Hunt, o que possibilitou a formação da *Union of the Physically Impaired Against Segregation* (União das Pessoas com Deficiência Física Contra a Segregação) - UPIAS, em 1976 (DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019). Diversas associações e instituições já existiam na época, porém a UPIAS foi a organização mais influente na história do pensamento do modelo social (BARNES, 2020) e a primeira formada *por e para* pessoas com deficiência (DINIZ, 2007). Anteriormente, as organizações eram geridas por pessoas sem deficiência, ou seja, as políticas públicas bem como decisões importantes sobre o público com deficiência eram decididas por pessoas que não vivenciavam a deficiência.

Para esse grupo (UPIAS), a concepção que se tinha da deficiência pautado no modelo médico não era suficiente, provocando insatisfação e questionamentos sobre o significado, que refletia diretamente no modo que as pessoas com deficiência eram vistas e tratadas (UPIAS, 1976). O modelo social enxerga a deficiência como uma forma de opressão social (BARNES, 2012; UPIAS, 1976) semelhante àquela vivenciada por outros grupos sociais minoritários como mulheres, gays, lésbicas, negros e indígenas (BARNES, 2020). No caso da pessoa com deficiência, essa opressão é vivenciada através da relação de desigualdade imposta por ambientes que apresentam barreiras a um corpo com lesão (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009) e só é manifestada em uma sociedade que é pouco sensível à diversidade (DINIZ, 2007). Sendo assim, a UPIAS propôs o rompimento da compreensão da deficiência somente sob a ótica das lesões e dos impedimentos do corpo, objetivando assim uma virada conceitual, incorporando junto a este fenômeno as questões sociais e políticas (BARNES, 2012; GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012). Como dito por Costa (2021, p. 58),

“explicar a opressão imposta às pessoas com deficiência com base no impedimento corporal é confundir o impedimento com deficiência, tal como confundir sexo com gênero. Impedimento, assim como o sexo, tem origem na

biologia, enquanto a deficiência, assim como o gênero, é uma construção sociocultural com localização histórica”.

Para esclarecer melhor, traremos aqui a diferença entre *impairment* e *disability*. *Impairment* é a lesão que um corpo apresenta¹ e *disability* é a deficiência como resultado da interação entre o corpo com lesão e a sociedade opressiva (DINIZ, 2007). Nesse sentido, “a explicação sobre a deficiência desloca-se do indivíduo para a organização social” (COSTA, 2021, p. 53). O fato do indivíduo apresentar uma lesão não significa que ele tem uma deficiência, pois esta deficiência só irá se manifestar a partir de uma opressão social (BARNES, 2020; SANTOS, 2008). A definição de deficiência pela UPIAS foi adotada por organizações nacionais e internacionais dirigidas por pessoas com deficiência (BARNES, 2020).

No entanto, as pessoas com deficiência ainda são vistas sob a ótica da anormalidade, caracterizadas como pessoas que são infelizes, inúteis, diferentes e doentes (HUNT, 1996). Desse modo, a dificuldade socioeconômica anteriormente abordada é uma causa da opressão social que as pessoas com deficiência vivenciam, e não uma causa de suas lesões ou impedimentos corporais (BARNES, 2020). Todo esse processo é resultado do isolamento, segregação e restrição de atividades em todas as áreas da vida social, como educação, trabalho, mobilidade e moradia (BARNES, 2020).

Antes de prosseguirmos, queremos ressaltar que o modelo social não nega a importância das intervenções médicas ou reabilitativas apropriadas, mas chama a atenção para suas limitações visando promover o empoderamento das pessoas com deficiência (BARNES, 2020; DINIZ, 2007). Além disso, o modelo social refere-se a uma tentativa de remover o foco das limitações funcionais das pessoas com deficiência (modelo médico) para os problemas sociais de opressão que envolve ambientes, barreiras e culturas incapacitantes (BARNES, 2020; DINIZ, 2007).

A década de 1970 foi marcada por diversos desenvolvimentos importantes como, por exemplo, o aumento do ativismo pela deficiência nos Estados Unidos e o surgimento do Movimento de Vida Independente (BARNES, 2020). Esse movimento emergiu dos grandes esforços de ativistas americanos, que cresceu com os veteranos da Guerra do Vietnã que tinham deficiência, a fim de influenciar a legislação americana sobre a deficiência (BARNES, 2020).

¹ e.g. má formação congênita, lesão medular, cerebral ou visual, amputação, doenças degenerativas, atrofia de múltiplos sistemas.

No Reino Unido, houve a criação da Lei de Pessoas com Doenças Crônicas e Deficiências, considerada como a primeira legislação do mundo a introduzir políticas que visem melhorias e igualdade para pessoas com deficiência (BARNES, 2020). Três anos depois (1973), o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei de Reabilitação, que incluía a seção nº 504 que proíbe o ato de discriminação contra pessoas com deficiência em qualquer programa que seja financiado pelo governo (BARNES, 2020). Além disso, a Organização das Nações Unidas (ONU) introduziu sua Declaração sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Mental em 1971 e a Declaração sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência em 1975 (BARNES, 2020).

No entanto, ainda com os pressupostos e ideais voltados para a área médica, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou em 1980, quatro anos após o lançamento da UPIAS (1976), a Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap (ICIDH). A ICIDH foi desenvolvida por diversos cientistas sociais com a liderança de Philip Wood, porém sem o envolvimento de pessoas com deficiência (BARNES, 2020). Esse documento foi elaborado a fim de padronizar a linguagem biomédica em relação às deficiências e lesões (OMS, 1980) e fornecer uma definição universalmente aceitável de deficiência (BARNES, 2020), porém sem nenhuma contribuição ou interferência do modelo social (DINIZ, 2007). Essa linguagem biomédica estabelecida define a população com deficiência com fundamentação exclusivamente assistencialista, colocando a pessoa com deficiência única e exclusivamente no âmbito da reabilitação, visto que a deficiência está atrelada, na perspectiva médica, à doença e incapacidade (BARNES, 2020; DINIZ, 2007).

Criada a fim de complementar a Classificação Internacional de Doenças (CID) da OMS (OMS, 1976), a Classificação Internacional de Lesão, Deficiência e Handicap (ICIDH) separa os conceitos de *impairment*, *disability* e *handicap*. Esta proposta refere-se às cinco categorias de deficiência: deficiência visual, física, intelectual, auditiva e múltipla (AMARAL, 1996).

Tabela 1: Conceitos de *impairment*, *disability* e *handicap* a partir da ICIDH

Conceito	Definição
Impairment - Lesão	qualquer perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica
Disability - Deficiência	qualquer restrição ou falta (resultante de uma deficiência) da capacidade de realizar uma atividade da maneira ou dentro da faixa considerada normal para um ser humano
Handicap - Desvantagem	uma desvantagem para um determinado indivíduo, resultante de uma perda (lesão) ou deficiência, que limita ou impede o cumprimento de um papel (dependendo da idade, sexo, fatores sociais e culturais) para esse indivíduo.

Fonte: Organização Mundial de Saúde (OMS, 1980).

A ICIDH foi alvo de muitas críticas pelos ativistas da deficiência e seus aliados frente à invisibilidade da construção social da deficiência (BARNES, 2020). Primeiro, porque está pautada nas definições médicas com suposições de normalidade (ABBERLEY, 1993; DAVIS, 1995). Em segundo lugar, a lesão é colocada como a causa da deficiência e da desvantagem (BARNES, 2020), ou seja, apresenta pressupostos do modelo médico, no qual o indivíduo é responsabilizado pela sua dificuldade de participação social (BARNES, 2020; DINIZ, 2007; WATSON; VEHMAS, 2020).

A partir das críticas à ICIDH, a OMS juntamente com ativistas com deficiência anônimos da década de 1990, elaboraram um novo documento no ano de 2001, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) (BARNES, 2020; DINIZ, 2007). A CIF surge depois de “um longo processo de reflexão sobre as potencialidades e os limites dos modelos biomédico e social da deficiência” (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009, p. 72) e reconhece a deficiência como a interação entre o corpo, suas estruturas, participação e os fatores ambientais (BARNES, 2020; MARTINS et al., 2012).

A proposta do documento foi desenvolver um diálogo entre o modelo médico e o modelo social, dando nome ao que chamamos de modelo biopsicossocial da deficiência, que descreve os impedimentos corporais e avalia as barreiras sociais e a participação das pessoas com deficiência (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). A CIF afirma incorporar as reflexões

do modelo social, mas foi fundamentada nas noções ocidentais médicas e científicas (BARNES, 2020). Apesar de reconhecer que o contexto e o ambiente permeiam nossa compreensão da deficiência, a CIF coloca a lesão como a principal causa da deficiência (BARNES, 2020; BARNES; MERCER, 2010), continuando pautada nas condições médicas, apresentando os aspectos sociais somente com referência aos fatores ambientais da deficiência (BARNES; MERCER; SHAKESPEARE, 2000; PFEIFFER, 2000).

Diniz e Barnes (2013) também fazem uma forte crítica ao modelo biopsicossocial da deficiência, afirmando que este modelo envolve a biologia, a psicologia, mas a questão social aparece somente por último. Hoje, a deficiência é uma questão sociopolítica: anteriormente vista como um problema individual, atualmente é reconhecida por não se limitar aos indivíduos, mas envolver a sociedade como um todo (BARNES, 2020; WATSON; VEHMAS, 2020). A problemática está no fato de que os governos, seguindo os documentos da OMS que apresentam influência médica e biopsicossocial, escolhem focar apenas nos problemas individuais, visto que é mais fácil resolvê-los, ao invés de mudar as barreiras impostas pela sociedade (DINIZ, 2013).

Toda essa abordagem coloca as pessoas com deficiência em uma posição de dependência (BARNES, 2020). Sua condição é individualizada e medicalizada, havendo a necessidade de dependência de profissionais para apoio social e terapêutico (BARNES, 2020; BARTON; OLIVER, 1997; DINIZ, 2007). Como lesões são apresentadas como a causa raiz da deficiência, a lógica do modelo médico e biopsicossocial é que elas devem ser minimizadas ou curadas (BARNES, 2020; BRISENDEN, 1986). No entanto, nem sempre há cura para uma lesão, colocando as pessoas com deficiência como inválidas econômica e socialmente e necessitadas de cuidados (BARNES, 2020). Com influência do sistema capitalista, esse pensamento deu origem a diversas indústrias compostas por instituições estatais, empresas privadas, instituições de caridade e agências voluntárias com profissionais de diversas áreas com alto custo (BARNES, 2020). Através do modelo biopsicossocial, a deficiência passou a ser compreendida como “um fenômeno de múltiplas causalidades” (DINIZ, 2007, p. 44), mas não deixou de permanecer vinculada ao modelo médico.

Com o crescente interesse pelas questões da deficiência, tivemos o primeiro avanço em 1981 com a criação do Ano Internacional das Pessoas Deficientes pela ONU, sendo considerado um marco muito importante para as pessoas com deficiência (BARNES, 2020; GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012). Isso significou um reconhecimento formal da

garantia dos direitos para as pessoas com deficiência (BARNES, 2020). Ainda em 1981, ativistas da deficiência que eram pessoas com deficiência criaram a *Disabled People's International* (DPI) (BARNES, 2020), uma organização não governamental com sede no Canadá. Essa organização foi estabelecida em virtude da recusa do pedido da *Rehabilitation International* (RI), uma organização internacional para profissionais de reabilitação, em aceitar a participação de delegados com deficiência (BARNES, 2020). Em 1982, a DPI realizou um congresso na cidade-estado de Cingapura, com a presença de 400 delegados que representavam organizações nacionais que eram lideradas por pessoas com deficiência do mundo todo (BARNES, 2020). A DPI apresenta uma definição de deficiência baseada na sociopolítica, visando novas organizações e o desenvolvimento da conscientização sobre a luta de pessoas com deficiência pela igualdade (BARNES, 2020). O slogan da DPI, “Nada sobre nós sem nós” foi adotado por diversas organizações de pessoas com deficiência no mundo (CHARLTON, 1998) e está por trás das discussões do modelo social da deficiência.

No campo acadêmico, até a década de 1970, os estudos acadêmicos da deficiência concentravam-se no campo da medicina, com o papel de regular e controlar a doença, além de promover a cura para os doentes (BARNES, 2020). Com o crescimento de organizações ativistas da deficiência, o interesse acadêmico na área da deficiência aumentou, porém ignorando o questionamento de seus fundamentos ideológicos e culturais (BARNES, 2020).

Ainda no campo acadêmico, alguns cursos sobre os estudos da deficiência foram oferecidos e realizados. No Reino Unido, o primeiro curso foi produzido em 1975 por uma equipe interdisciplinar da *Open University* (OU) no curso de Bacharelado em Saúde e Estudos Sociais, contando com a presença de Vic Finkelstein, membro fundador da UPIAS (BARNES, 2020). Esse curso passou por duas atualizações e envolveu muitas pessoas com deficiência na produção e elaboração dos conteúdos e materiais (BARNES, 2020).

Os insights do modelo social foram, por muito tempo, ignorados por muitos cientistas sociais no Reino Unido (BARNES, 2020). A vasta literatura concentrava-se nas questões do corpo inválido e dos problemas pessoais (BARNES, 2020), desconsiderando as barreiras sociais da inclusão que oprimem a pessoa com deficiência (BARNES, 2020; BARTON; OLIVER, 1997; DINIZ, 2007; OLIVER; BARNES, 2012). Nos anos de 1980 e 1990 houve uma virada de chave e o modelo social entrou nos estudos acadêmicos e foi a base fundamental para ações ativistas da deficiência (BARNES, 2020), como a luta pela legislação

para proibir a discriminação contra pessoas com deficiência (CAMPBELL; OLIVER, 1996). Neste momento se constrói o campo dos Estudos da Deficiência (*Disability Studies*) como referencial teórico para os estudos relacionados à pessoa com deficiência no campo social.

Entre os estudos envolvidos na área das ciências humanas e sociais, os estudos da deficiência foram os que surgiram mais tardiamente (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009), com o objetivo de combater uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo com deficiência (DINIZ, 2007). No entanto, esse campo de estudo cresceu e tem atingido altos níveis de alcance e impacto, mantendo seus vínculos com o movimento de pessoas com deficiência, que foi tão importante para o seu desenvolvimento inicial (BARNES, 2020; WATSON; VEHMAS, 2020).

Assim como os teóricos dos estudos racistas, sexistas e feministas elaboraram pautas para combater os pré-conceitos existentes, os estudiosos da deficiência, mais especificamente do modelo social da deficiência, redefiniram o conceito de habitar um corpo que, por tempos, foi considerado anormal (DINIZ, 2007). Os estudos da deficiência procuram descompactar e explorar a vida das pessoas com deficiência pelo desenvolvimento de novos vínculos com outras disciplinas e áreas do conhecimento, como a sociologia, a política social, artes, humanidades e ciências médicas (BARNES, 2020; WATSON; VEHMAS, 2020).

Nos Estados Unidos, os estudos da deficiência foram pioneiros nas universidades por defensores e acadêmicos da deficiência (BARNES, 2020). Em 1986, 23 cursos de estudos sobre deficiência em vários níveis foram oferecidos (PFEIFFER; YOSHIDA, 1995). Todos esses cursos impulsionaram Mike Oliver, um ativista e palestrante com deficiência, a cunhar a expressão “modelo social da deficiência” para compreender a importância do conceito de deficiência da UPIAS e suas implicações para políticas e práticas para estudantes do curso de serviço social (BARNES, 2020). Atualmente, os estudos da deficiência são uma disciplina acadêmica reconhecida internacionalmente (BARNES; OLIVER; BARTON, 2002), o que é visto com bons olhos devido à sua influência para políticos governantes e futuros profissionais (BARNES, 2020). Toda literatura acadêmica sobre o modelo social da deficiência motivou na expansão dos estudos da deficiência e a criação da primeira revista internacional dedicada exclusivamente a questões de deficiência em 1986, *Disability, Handicap and Society*, que foi renomeada *Disability & Society* em 1993.

Em 1991 emergiu a pesquisa emancipatória da deficiência, que coloca as pessoas com deficiência e uma abordagem de modelo social no centro do processo de pesquisa

(BARNES, 2020; WATSON, 2020). Com isso, diversos estudos surgiram dando ênfase nas questões da deficiência a partir de pesquisadores com deficiência (BARNES, 2020; WATSON, 2020). Pensando novamente nas questões de política de deficiência, esses acontecimentos influenciaram na criação e regulamentação de leis no governo britânico, como a Lei de Discriminação de Deficiência em 1992 e a Lei de Cuidados Comunitários em 1996 (BARNES, 2020). Além disso, o modelo social teve como reflexo a criação da Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das pessoas com deficiência (BARNES, 2020).

Tivemos também a criação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela ONU em 2006, que “surgiu para promover, defender e garantir condições de vida com dignidade e a emancipação dos cidadãos e cidadãs do mundo que apresentam alguma deficiência” (BRASIL, 2007, p. 8). A convenção traz em seu texto informações de uma realidade que infelizmente não favorece a vida em sociedade da pessoa com deficiência (e.g. discriminação, violência e casos de tortura e opressão) (ANDRADE; ALMEIDA, 2012). No entanto, como princípio para uma vida digna, a declaração coloca

“o respeito pela dignidade inerente, a independência da pessoa, inclusive a liberdade de fazer as próprias escolhas, e a autonomia individual, a não-discriminação, a plena e efetiva participação e inclusão na sociedade, o respeito pela diferença, a igualdade de oportunidades, a acessibilidade, a igualdade entre o homem e a mulher e o respeito pelas capacidades em desenvolvimento de crianças com deficiência” (BRASIL, 2007, p. 9).

A partir do modelo social, a deficiência é considerada não apenas uma questão médica, mas também como uma preocupação de direitos humanos (BARNES, 2020). No entanto, mesmo com a contestação do modelo médico pelo modelo social, em alguns momentos a deficiência ainda é entendida como um caso do azar e da tragédia pessoal (DINIZ, 2007; MARTINS et al., 2012; NEPOMUCENO, 2019; SANTOS, 2008). Nesse sentido, o modelo social vem com uma luta para mudar essa concepção negativa para uma compreensão da deficiência pautada na expressão da diversidade humana (BARNES, 2020; DINIZ, 2007; SANTOS, 2008). Com essa mudança de pensamento, o modelo social da deficiência permitiu às pessoas com deficiência uma nova perspectiva da sua posição social, contestando os valores que as desqualificavam enquanto pessoas (GIBBS, 2004).

O modelo social trouxe também um novo termo para nos referirmos à pessoa que apresenta alguma deficiência: “deficiente”, termo este ligado ao campo dos estudos culturais, sendo a deficiência compreendida como parte da identidade do indivíduo (DINIZ, 2007). No entanto, a terminologia “pessoa deficiente” não é aceita no Brasil por este grupo social e por

muitos defensores desta minoria², sendo assim, é preferível utilizar “pessoa com deficiência” (AMARAL, 1996). Existe um debate entre os Estados Unidos e Reino Unido sobre qual linguagem é apropriada para descrever a interação entre a lesão que a pessoa apresenta e a sociedade (NEPOMUCENO; ASSIS; CARVALHO-FREITAS, 2020). O Reino Unido tem o entendimento de que o termo “pessoa com deficiência” atribui a deficiência ao indivíduo e não à sociedade, enquanto os Estados Unidos compreende que o indivíduo deve ser colocado à frente da deficiência (*people first*), enfatizando que a pessoa não deve ser definida pela sua lesão (NEPOMUCENO; ASSIS; CARVALHO-FREITAS, 2020).

O movimento do modelo social da deficiência contribuiu consideravelmente nas grandes mudanças sobre o entendimento que se tem a respeito da deficiência, principalmente quando a reconheceu como uma forma de opressão social (DINIZ, 2007; GESSER; NUERNBERG; TONELI, 2012; SANTOS, 2008). No entanto, este não era capaz de responder pontos fundamentais relacionados ao ser uma pessoa com deficiência. O modelo social impunha que, assim que as barreiras sociais fossem eliminadas, as pessoas com deficiência teriam independência e seriam produtivas como os outros sujeitos (MAGNABOSCO; SOUZA, 2019). Essa concepção foi proposta por homens com lesão medular, brancos e membros da elite que não politizaram a questão produtiva do trabalho que está diretamente ligada ao sistema neoliberal, visto que não considerou os relatos de dores e exigências do corpo com deficiência que deveria ser produtivo (DINIZ, 2003).

A esfera do cuidado também não foi considerada, ignorando os indivíduos com deficiência que, mesmo com todas as adaptações sociais, não conseguiriam estar no mercado de trabalho (MAGNABOSCO; SOUZA, 2019). Dessa forma, a virada do século XX para o século XXI foi fortemente influenciada pelo movimento feminista da deficiência (DINIZ, 2007), que teve como objetivo contestar alguns pressupostos do modelo social. Diversas críticas foram feitas por teóricas feministas, incluindo mulheres com deficiência e cuidadoras de pessoas com deficiência (DINIZ, 2003). O modelo social passou a ser pensado em sua segunda geração (1990 em diante) e “assumiu o cuidado como princípio ético e a igualdade pela interdependência como um princípio de justiça mais adequado nos estudos sobre a deficiência” (MAGNABOSCO; SOUZA, 2019, p. 2).

² Por este motivo, a terminologia utilizada neste trabalho será “pessoa com deficiência”.

A segunda geração do modelo social foi nomeada como *estudos feministas da deficiência* e coloca em pauta a desconstrução de estereótipos ultrapassados de corpos com deficiência através de um viés político e um forte impacto crítico e examinam toda a relação do corpo com a identidade e a experiência vivida, atentando-se para uma extensa gama de práticas que envolvem o corpo com deficiência (GARLAND-THOMSON, 2005, 2011). Os estudos feministas,

“Em primeiro lugar, entende a deficiência como um sistema de exclusões que estigmatiza as diferenças humanas. Em segundo lugar, revela comunidades e identidades que os corpos que consideramos deficientes produziram. Em terceiro lugar, revela atitudes e práticas discriminatórias dirigidas a esses órgãos. Em quarto lugar, expõe a deficiência como uma categoria social de análise. Quinto, enquadra a deficiência como um efeito das relações de poder.” (GARLAND-THOMSON, 2005, p. 1557, tradução nossa).

Nesse tocante, Garland-Thomson (2002) propôs, através da perspectiva feminista da deficiência, discutir temas como a diversidade humana e cultural, o corpo e as diferentes formas de interpretar esses fenômenos. Além disso, questionar as premissas dominantes que colocam a deficiência como um problema corporal a ser tratado na tentativa de normalizá-lo e não como uma identidade que é construída socialmente de forma semelhante ao sistema de gênero (GARLAND-THOMSON, 2005). A perspectiva feminista coloca a experiência da deficiência no contexto dos direitos e exclusões, buscando dar voz àquelas e àqueles que foram silenciados, o que nos ajuda a compreender as relações entre os corpos e os sujeitos, assim como facilitar a construção social da identidade da pessoa com deficiência que deve ser pautada na diversidade (THOMAS, 2006).

Narrativas estereotipadas acabam sustentando ambientes de exclusão, discriminação e marginalização social (GARLAND-THOMSON, 2005). Dessa forma, ao estudarmos os sujeitos dentro das Ciências Humanas e Sociais, é preciso articularmos as diferentes categorias: “gênero, geração, classe, raça/etnia, orientação sexual, região e religião” (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 635). As análises feministas mostram como o gênero se entrelaça com os sistemas de raça, etnia, sexualidade e classe na construção da identidade da pessoa com deficiência (GARLAND-THOMSON, 2005).

Com essa articulação, temos o que chamamos de interseccionalidade, termo que surgiu na década de 1990 nos países anglo-saxônicos a partir do *Black Feminism* por Kimberlé Crenshaw (HIRATA, 2014) e que pode ser definido como um “sistema de opressão interligado”

(AKOTIRENE, 2019, p. 15). Nesse sentido, Avtar Brah (2006) compartilha que nosso gênero é constituído e representado de diferentes maneiras e que “não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas” (BRAH, 2006, p. 341), visto que não somos uma categoria homogênea. No entanto, é válido ressaltar que a deficiência raramente está inserida na interseccionalidade como uma categoria de análise, às vezes é colocada no et cetera (etc.).

A interseccionalidade foi incorporada aos estudos feministas da deficiência a fim de obter uma ampla compreensão do ser uma pessoa com deficiência e suas necessidades frente às diferentes opressões vivenciadas por ele na sociedade. Sendo assim, existe a necessidade de estudarmos o tema de forma interseccional para mudarmos a concepção do ser uma pessoa com deficiência e compreendermos a diversidade existente dentro desta identidade que não é única, mas plural.

Embora consideremos os ganhos já alcançados pelas pessoas com deficiência, as mulheres com deficiência estão em uma posição relativamente mais desvantajosa do que os homens com deficiência (THOMAS, 2006) visto suas condições de gênero e deficiência (MELLO; NUERNBERG, 2012). Além do mais, há uma forte crítica em relação às noções de corporeidade, envolvendo as barreiras sociais, medicalização do corpo (modelo médico), a questão da subjetividade e outras questões que influenciam na construção da identidade social de cada mulher com deficiência (GARLAND-THOMSON, 2009). Como consequência, são colocadas em uma situação de vulnerabilidade que se complexifica quando pensamos na interseccionalidade entre raça e etnia, classe social, orientação sexual, entre outras (FERRI; GREGG, 1998; GARLAND-THOMSON, 2002; MELLO; NUERNBERG, 2012). Nesse tocante, “a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e portanto como um instrumento de luta política” (HIRATA, 2014, p. 69).

2.2 Mulheres: papéis sociais e participação no esporte

As relações entre os homens e mulheres foram construídas a partir da ideia da diferenciação sexual (determinismo biológico), que diferencia as pessoas como pertencentes ao sexo feminino ou masculino (SCOTT, 1995). Além disso, contou com a forte influência do gênero, que surgiu como “uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). As relações de gênero influenciam as dinâmicas de poder, os papéis sociais e as maneiras de

expressar masculinidades e feminilidades em variados contextos culturais e ao longo da história.

Historicamente, o “ser feminino³”, relaciona-se com alguém que é frágil, delicado e abjeto e, em contrapartida, o “ser masculino” é concebido como um ser forte e hábil, referindo-se ao corpo potencializado e competitivo (DEVIDE, 2005). Sendo assim, a mulher sempre foi colocada como um “ser feminino” e designada às funções de cuidado do lar, mãe e esposa (ALVES; RESENDE, 2021), estando ela distante do contexto esportivo.

Ressaltando e valorizando características como a virilidade, força e competitividade, o esporte foi concebido como uma atividade culturalmente “masculina”, no qual as mulheres frequentemente não possuíam acesso ou obtinham relações menos privilegiadas quando comparadas aos homens (DEVIDE, 2005). Além disso, a referência implícita no esporte era “aquela baseada na força, na coragem e na dominação” (VIGARELLO, 2013, p. 269). No entanto, a virilidade esportiva como parte da natureza do homem começa a perder sua referência a partir das práticas e dos gestos reproduzidos por mulheres (e.g. halterofilismo feminino, *biathlon*), além da quebrar marcas que anteriormente pertenciam aos homens (VIGARELLO, 2013). Nesse sentido, força e fraqueza que se referiam ao homem e à mulher, respectivamente, e termos como “sexo frágil” e “belo sexo” começam a perder sentido (VIGARELLO, 2013). É claro que não podemos ignorar que todo o entendimento ultrapassado do esporte socialmente visto como masculino tem reflexos impostos na participação das mulheres neste cenário. Dessa forma, é preciso compreender o processo da trajetória das mulheres desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna (1896), para então tentar responder as questões sobre a participação da mulher com deficiência no esporte.

Historicamente, as mulheres foram subjugadas pelo marido ou, quando solteira, pelo familiar de figura masculina, o que acabou por vedar seu acesso às atividades esportivas (TUBINO, 2002). No entanto, com o surgimento das organizações feministas em diferentes regiões do mundo, a luta pelo direito esportivo começou a se tornar mais intensa. Na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em 1896, na cidade de Atenas, uma mulher grega tentou se inscrever para a prova de maratona na competição, mas foi impedida pela organização do evento de realizar tal prova. No dia da prova, a atleta grega correu separadamente dos homens,

³ As palavras “feminino(a)” e “masculino(a)” trazidas ao longo do texto se referem às concepções tradicionais de gênero da sociedade.

o que proporcionou coragem às outras mulheres. A partir do final do século XIX e início do século XX, alguns eventos como os Jogos Olímpicos Contemporâneos foram permitidos para o público feminino, podendo as mulheres participarem de modalidades esportivas sem contato físico, como o golfe e o tênis em 1900 e o arco e flecha em 1904. Com isso, as mulheres deram um salto no esporte, passando a ter presença nos Jogos não apenas como espectadoras, mas como participantes (DEVIDE, 2005; WELCH; COSTA, 1994).

Apesar disso, até 1968 as mulheres olímpicas tinham que provar sua feminilidade, nuas, para mostrar que seus corpos não eram masculinos, i.e., fortes, mas sim delicados e frágeis. Esta prova acontecia em um desfile perante uma banca de examinadores e a sociedade ainda não admitia, de forma plena, a presença feminina no esporte (FAUSTO-STERLING, 2002; KNIJNIK, 2010).

No Brasil, vale ressaltar que nem sempre foram e ainda não são iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, no campo das práticas corporais e esportivas (GOELLNER, 2005). A visão machista baseada no ideal conservador de que às mulheres não era permitida a participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, já estava posta na sociedade brasileira. Práticas higienistas e eugenistas, além de políticas ditatoriais e excludentes contribuíram muito para esse cenário opressor (RUBIO, 2021).

Com as mudanças e inovações dos ideais oriundos da Europa, chegou também no Brasil os ideais da luta feminista, que proporcionaram às mulheres novas formas de comportamento e, entre estas, estava o exercício físico. Com isso, a presença das mulheres brasileiras no esporte foi aumentando e, caminhando em direção ao desfecho do século XX, os anos 80 e 90 se caracterizaram pelo período de maior inserção das mulheres em esportes, antes estereotipados e percebidos como violentos para a participação feminina (GOELLNER, 2005).

Alguns anos depois, nos XXVIII Jogos Olímpicos Modernos em 2004, a cidade de Atenas recebeu 4.412 mulheres atletas, sendo 40,6% do total de participantes, que competiram em 26 modalidades esportivas e demonstraram diversos valores como força, atletismo e competitividade e, quebraram diversos recordes e se aproximaram das marcas masculinas (DEVIDE, 2005). Neste mesmo ano, o Brasil enviou uma delegação feminina recorde (considerando período de 1896-2004), com 122 mulheres, o que correspondeu a quase 50% da delegação do país e demonstrou o aumento da participação das mulheres brasileiras no esporte de alto rendimento (DEVIDE, 2005). 20 anos depois, na edição de Paris 2024, o Brasil alcançou

a marca de 153 atletas mulheres nos Jogos Olímpicos, o que representou 55,83% do total de atletas brasileiros (COB, 2024).

No entanto, apesar do aumento da participação das mulheres no esporte, não se pode negar o fato de que elas ainda são inferiorizadas e subestimadas neste contexto (KNIJNIK; SIMÕES, 2000).

2.3 Esporte Paralímpico: breve histórico

O esporte para pessoas com deficiência obteve seu início marcado no período da II Guerra Mundial com o retorno de soldados lesionados aos seus países. Neste contexto, o seu desenvolvimento se deu principalmente em dois países: Inglaterra e Estados Unidos, inicialmente como forma de reabilitação para as pessoas com deficiência (PARSONS; WINCLER, 2012).

Especificamente na Inglaterra, o esporte para pessoas com deficiência foi concebido pelo médico neurologista Ludwig Guttmann no Hospital de Stoke Mandeville a partir de 1945 (BELGO, 2021). Este desenvolveu diversas modalidades esportivas para pessoas usuárias de cadeira de rodas, ampliando suas atividades com competições oficiais primeiramente internas e posteriormente internacionais. Desta forma, com a ampliação dos jogos desenvolvidos inicialmente no hospital de Stoke Mandeville e a participação de diferentes países, o esporte para pessoas com deficiência se estruturou como Esporte Paralímpico, como o conhecemos atualmente (PARSONS; WINCLER, 2012).

Coincidentemente com o dia da abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, os primeiros Jogos de Stoke Mandeville aconteceram na mesma data, o que permitiu que as pessoas com deficiência tivessem um equivalente aos Jogos Olímpicos (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCLER, 2012). Pouco tempo depois, deu-se início aos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville (1952), com dois países participantes. No entanto, os Jogos de Stoke Mandeville passaram a ter reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) somente a partir de 1956, ano no qual os Jogos de Stoke Mandeville receberam uma premiação do próprio COI por divulgar os valores olímpicos. A 9ª edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, realizada em 1960 na cidade de Roma foi um grande avanço para o movimento esportivo para as pessoas que apresentavam alguma deficiência. O evento contou com a participação de 23 países e 230 competidores em diversas modalidades como Esgrima, Atletismo, Basquete em cadeira de rodas, Dardo, Natação, Tênis de Mesa, Tiro com Arco e

Pentatlo (combinação de Tiro com arco, Natação, Arremesso de peso, Dardo e Lançamento de club) (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCLKER, 2012).

Os Jogos de Stoke Mandeville de 1964 ocorreram em Tóquio e passou a ser nomeado como Paralimpíadas, contando com 25 países e 450 atletas participantes. Quatro anos depois (1968), os Jogos foram realizados em Israel, onde foi construído o primeiro complexo esportivo acessível do mundo, o que aumentou o número de países (29) e atletas (750) participantes no evento. Com toda essa repercussão e ascensão do Esporte Paralímpico, foi inaugurado em 1969 o Estádio Esportivo de Stoke Mandeville para pessoas com deficiência (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCLKER, 2012).

Na edição de 1972, por falta de acessibilidade na Vila Olímpica, os Jogos de Munique, na Alemanha aconteceram em Heidelberg, no mesmo país (ARAÚJO, 1997), onde tivemos a primeira participação brasileira. Em 1976, ocorreram os Jogos Paralímpicos de Verão em Toronto, sendo o primeiro evento com a inserção de modalidades para atletas com outras deficiências como a visual, amputação, más-formações congênicas e déficits de estatura (ARAÚJO, 2011), na qual tivemos a primeira participação de mulheres brasileiras. Além disso, aconteceram os primeiros Jogos Paralímpicos de Inverno, na Suécia. Em 1982, foi fundado o Comitê Coordenador Internacional de Organizações Esportivas (ICC) para pessoas com deficiência em nível mundial (ICC), sendo substituído posteriormente pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) (ARAÚJO, 2011).

No ano de 1988, a nomenclatura “Paralimpíadas” estabelecida em 1964 foi alterada para “Jogos Paralímpicos” em Seul, capital da Coreia do Sul. Além disso, esse ano representou um novo marco para o movimento paralímpico, que retomou a realização dos jogos no mesmo local dos Jogos Olímpicos. Isso só tinha acontecido anteriormente nos jogos de 1960 em Roma e de 1964 em Tóquio. Esse evento contou com a participação de pessoas com deficiência visual, amputações, paralisia cerebral e outras deficiências. Na edição de Barcelona em 1992, novas regras de classificação foram estabelecidas, buscando elevar o nível da competição (BELGO, 2021). Quatro anos depois, em 1996, nos Jogos Paralímpicos de Atlanta, as pessoas com deficiência intelectual foram convidadas pela primeira vez para participar do evento (ARAÚJO, 2011).

A edição de 2000, em Sidney foi marcada pela quebra de 300 recordes mundiais e paralímpicos, além de um público elevado com a venda de mais de 1,2 milhão de ingressos (IPC, 2023a). Nos Jogos de Atenas 2004, berço dos Jogos Olímpicos, tivemos na cerimônia de

encerramento o novo logotipo do Comitê Paralímpico Internacional, com “agitos” que representam o Movimento Paralímpico nas cores vermelha, azul e verde (IPC, 2023b). De 2008 até a edição dos Jogos Paralímpicos em 2020, o número de participantes aumentou (3.951 Beijing 2008, 4.237 Londres 2012, 4.328 no Rio 2016 e 4.393 Tóquio 2020) (IPC, 2023c). Além disso, houve a adição de modalidades como Para Badminton, Para Taekwondo, Para Canoagem e Para Triathlon no programa paralímpico (IPC, 2023c).

2.4 Esporte Paralímpico: contexto brasileiro e inserção e participação de mulheres

O esporte para a pessoa com deficiência chegou no Brasil através de duas pessoas com deficiência que vivenciaram os serviços de reabilitação oferecidos nos Estados Unidos na década de 1950: Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande (ARAÚJO, 2011). Quando retornaram ao Brasil, Robson fundou o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro e Sérgio criou o Clube dos Paraplégicos de São Paulo, primeiramente com a modalidade de basquete em cadeira de rodas. Com isso, o esporte para pessoas com deficiência começou a ser difundido pelo país, o que favoreceu a primeira participação paralímpica do Brasil em 1972, nos Jogos de Heidelberg, na Alemanha (ARAÚJO, 2011; PARSONS; WINCLKER, 2012). Neste evento, o Brasil foi representado por apenas 20 atletas homens, sem participação de mulheres (CPB, 2022a). Na edição seguinte, Jogos Paralímpicos de 1976 em Toronto, o Brasil teve a sua primeira participação feminina: no atletismo e no tênis de mesa fomos representados Maria Alvares e no *lawn bowls* (bocha sobre grama) e natação por Beatriz Siqueira (BELGO, 2021).

Ao longo dos anos, o Esporte Paralímpico brasileiro tem se estruturado por diversas associações esportivas voltados ao esporte para pessoa com deficiência. Com isso, em 1995 foi fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), com o objetivo de atuar na organização das modalidades, paratletas e competições paralímpicas (PARSONS; WINCLKER, 2012). A presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) se iniciou com João Batista Carvalho e Silva (1995-2001), dando continuidade Vital Severino (2001-2009) e Andrew Parsons (2009-2016) (CPB, 2022b). Em um movimento em busca da representatividade da identidade de pessoa com deficiência, atualmente o presidente do CPB é um ex-atleta paralímpico do futebol de cinco, com direção associada de outro ex-atleta do atletismo. Ambos também são homens, ou seja, em toda a história da existência da governança do Comitê Paralímpico Brasileiro, não se teve nenhuma representante mulher, com deficiência ou não, no cargo de presidente.

Com a fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 1995, o Brasil tem aumentado a sua participação nos Jogos Paralímpicos (20 atletas em Heidelberg em 1972 para 260 na edição de Tóquio 2020) (CPB, 2022a). Além do aumento no número de participantes mulheres nos Jogos Paralímpicos, houve também aumento de modalidades com mulheres brasileiras representantes após os anos 2000, que se justifica através de incentivos políticos e financeiros que houveram na época (e.g. fundação do Comitê Paralímpico em 1995, Lei Agnello Piva em 2001 e investimentos midiáticos a partir de 1996) e às mudanças sobre o conceito e a percepção da deficiência (DOS SANTOS et al., 2024).

O cenário revelado a respeito do número de mulheres com deficiência participantes em relação ao número de homens com deficiência no Brasil é semelhante ao contexto mundial, mostrando que a participação das mulheres, embora ainda seja inferior aos homens, aumentou significativamente (CPB, 2022a). Na edição dos Jogos Olímpicos Paris 2024, o Brasil atingiu a marca de 274 atletas, sendo 153 atletas mulheres que representaram a maioria, um marco histórico (COB, 2024). No entanto, na mesma edição de Paris 2024 nos Jogos Paralímpicos, apesar do Brasil enviar uma delegação feminina recorde com 117 mulheres atletas, atingindo 45,88% do total de atletas brasileiros (CPB, 2024), a igualdade de gênero nunca foi alcançada na história brasileira deste evento (DOS SANTOS et al., 2024). A figura abaixo ilustra um gráfico mostrando a evolução da participação das mulheres com deficiência nos Jogos Paralímpicos de Verão entre os anos de 1972 e 2021 (sem a edição Paris 2024).

Figura 1: Quantidade de homens e mulheres participantes nas edições dos Jogos Paralímpicos de Verão



Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB, 2022a).

No entanto, não podemos negar que, apesar do aumento no número de mulheres participantes, esse contexto é dominado por homens e opressivo para mulheres com deficiência, visto a posição social inferiorizada dessas mulheres em relação aos homens com e sem deficiência (RUBIO, 2021; TONON, 2021). Como o esporte paralímpico teve suas origens dentro de um contexto de reabilitação para soldados feridos pós guerra, ele acaba por reforçar o domínio masculino desde o princípio (HARGREAVES, 2000; TONON, 2021).

Dentro do campo do esporte e da Educação Física, o corpo é o objeto central para que as experiências aconteçam, sendo assim, se o corpo é visto como ativo, o indivíduo é bem-vindo para participar das atividades, enquanto se o corpo é visto como um obstáculo, provavelmente será excluído (FAGRELL; LARSSON; REDELIUS, 2012). Historicamente, a mulher foi colocada como adequada para a realização de atos “associados ao cuidado, bondade, maternidade e moralidade – atributos essencialmente femininos” (HARGREAVES, 2000, p. 2, tradução nossa). Logo, esses atributos estão relacionados ao ser heroico feminino tradicional, impossibilitando as mulheres de estarem em uma posição de heroína esportiva (HARGREAVES, 2000).

Nesse tocante, meninas e mulheres com deficiência são e sempre foram subestimadas sobre suas identidades e seus corpos, o que faz com que se sintam pressionadas a construir e apresentar o que as concepções convencionais consideram um corpo feminino ideal (e.g. docilidade, esbeltez, musculosidade limitada), ao mesmo tempo em que são julgadas sobre sua competência esportiva (OLIVER; HAMZEH; MCCAUGHTRY, 2009).

Os esportes dominados por homens criam a fachada de que as mulheres não pertencem à esfera atlética e ajudam a propagar os ideais tradicionais de feminilidade justapostos aos esportes. Sendo assim, meninas e mulheres com deficiência devem conciliar seu interesse por esportes com as expectativas da sociedade quanto à passividade feminina e à fragilidade da deficiência (COTTINGHAM et al., 2018).

Discursos e práticas discriminatórias (e.g. capacitismo⁴) distanciam as pessoas com deficiência das possibilidades esportivas (AITCHISON, 2009). Além do capacitismo como discriminação da pessoa com deficiência, as meninas com deficiência têm suas feminilidades questionadas devido ao comprometimento da deficiência, em específico a deficiência física

⁴ Discriminação, preconceito frente às pessoas com deficiência (MELLO, 2016).

(APELMO, 2017, 2018), como se as pessoas com deficiências físicas fossem sem gênero e assexuadas (MALMBERG, 2012; SHUTTLEWORTH, 2012).

De forma geral, as meninas com deficiência utilizam diversas estratégias de resistência aos preconceitos que encontram. Uma estratégia é a negação das diferenças: elas mostram que são como qualquer outra pessoa (e.g. autônomas, capazes, heterossexuais), “apesar” da cadeira de rodas ou deficiência (APELMO, 2018). A partir disso, quando chegam na fase adulta, mulheres com deficiência procuram estratégias para serem reconhecidas como pessoas sem deficiência e, caso seja impossível, elas buscam ocultar e controlar a deficiência (COTTINGHAM et al., 2018). Isso revela a percepção da deficiência a partir do modelo médico, sendo o modelo social uma outra alternativa, que coloca a deficiência como uma opressão social (DINIZ, 2007).

A literatura tem abordado questões semelhantes em relação às dificuldades e obstáculos que as mulheres com deficiência possuem dentro e fora do contexto esportivo. Um estudo realizado por Nicolau, Schraiber e Ayres (2013) com 15 mulheres com diferentes tipos e níveis de deficiência, mostrou que as narrativas das mulheres com deficiência estão relacionadas com vivências de rejeição ou superproteção familiar, dificuldades em adquirir equipamentos e materiais para sua autonomia, menor participação social, obstáculos à vivência da sexualidade e da maternidade, falta de acessibilidade física, comunicação e atitudes pouco receptivas nos serviços de saúde, caracterizando total vulnerabilidade.

Relacionada a esta questão, Haiachi et al. (2018), coloca o envolvimento da mulher com deficiência com o esporte como uma possibilidade de novas relações sociais que se estendem ao fundamental senso de pertencimento e também à construção de sua nova identidade, a atlética. No entanto, atletas sem deficiência entram no esporte muito mais cedo que atletas com deficiência e têm mais liberdade na escolha do esporte e recebem mais apoio familiar do que atletas paralímpicas (SETH; DHILLON, 2020).

Em um estudo realizado com dez atletas paralímpicas de basquete em cadeira de rodas de alto rendimento, Ashton-Shaeffer et. al (2001) revela que as mulheres com deficiência “usavam o esporte para exercer poder para resistir à opressão e ao estigma social associado à deficiência” (ASHTON-SHAEFFER et al., 2001, p. 15). As participantes relataram estar determinadas a “vencer” suas deficiências praticando esportes competitivos e recuperando o controle sobre seus corpos. Além disso, através do esporte elas ganharam uma nova identidade de atleta, com sentimento de empoderamento físico e emocional, se contrapondo à identidade

de pessoa com deficiência (ASHTON-SHAEFFER et al., 2001; HAIACHI et al., 2018). Quando falamos em empoderamento, podemos falar sobre a autonomia, que é comprovada pelo cotidiano vivenciado pelas atletas que estão ou que já estiveram no esporte (HAIACHI et al., 2018). A autonomia está relacionada ao poder de tomar decisões, realizar tarefas básicas da vida diária, sentimento de capacidade, entre outros fatores, que são vistos como requisitos fundamentais para que a categoria “mulher com deficiência”, em dupla vulnerabilidade social, se sinta pertencente a um grupo (HAIACHI et al., 2018).

Também no contexto competitivo, Pack, Selly e Arvinen-Barrow (2016) entrevistaram cinco com atletas paralímpicas de natação de 20 a 24 anos e revelou três aspectos importantes que o ambiente esportivo competitivo proporcionou para as mulheres com deficiência: 1) as participantes passaram a se sentirem capazes; 2) a autoaceitação e socialização desenvolveram melhor suas identidades; 3) a natação (modalidade específicas dessas atletas) se tornou um meio de apresentar e reforçar uma identidade positiva.

O esporte, em contrapartida, se for conduzido de maneira inadequada, pode influenciar negativamente o bem-estar físico e psicológico de mulheres com deficiência. Alexander, Bloom e Taylor (2019) entrevistaram oito atletas paralímpicas que falaram sobre treinadores do sexo masculino abordarem de maneira imprópria sua deficiência e gênero e como isso é problemático quando você considera que as mulheres com deficiência são mais vulneráveis em relação a discriminação e assédio quando comparadas com seus colegas do sexo masculino.

Embora ainda existam barreiras de acesso ao esporte paralímpico, sua prática se apresenta como um ponto de virada para as mulheres atletas com deficiência (HARDIN, 2007; KIRAKOSYAN, 2021), principalmente em relação à construção de uma nova identidade, a atlética (ASHTON-SHAEFFER et al., 2001; HAIACHI et al., 2018).

3. Objetivo

O estudo teve como objetivo compreender a experiência de mulheres atletas paralímpicas no contexto de alto rendimento. Nesse sentido, o estudo busca elucidar as concepções, crenças e valores que permeiam a relação da mulher com deficiência com o contexto esportivo de alto rendimento. O estudo está pautado nos Estudos Feministas da

Deficiência (*Feminist Disability Studies*) para a discussão crítica da deficiência através da interseccionalidade entre deficiência e gênero (GARLAND-THOMSON, 2005, 2011).

3.1 Objetivos específicos

Para explorar a experiência de mulheres atletas paralímpicas no contexto de alto rendimento, o estudo contou com objetivos específicos que tiveram foco especial nas vivências dessas mulheres, sugerindo uma investigação mais detalhada:

- Analisar o impacto do esporte na construção e formação da identidade e experiência de mulheres atletas paralímpicas;
- Investigar a luta social pela equidade de gênero no movimento paralímpico;
- Explorar os agentes facilitadores e as barreiras existentes na trajetória esportiva de mulheres com deficiência.

4. Método

O estudo foi desenvolvido através de design qualitativo com viés exploratório e interpretativo com foco em atletas mulheres do Esporte Paralímpico Brasileiro de alto rendimento. Partindo da ótica da interseccionalidade, apesar de neste estudo analisarmos somente a intersecção entre deficiência e gênero, não podemos negar que outros aspectos interseccionais influenciam na realidade e experiência vivenciada por cada participante. O estudo tem uma abordagem pós estruturalista como “um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica” (PETERS, 2000, p. 29), para discutir as crenças e discursos hegemônicos que são colocados sobre a mulher com deficiência. Nesse sentido, através dos resultados do estudo, traremos discussões que se opõem às narrativas estruturalistas de homogeneidade e singularidade sobre deficiência e sobre ser mulher no esporte (PETERS, 2000).

4.1 Estudo piloto

Este estudo foi precedido por um estudo piloto a fim de ajustar a forma de condução da interação com as participantes buscando aproximação e evitar possíveis desconfortos. O estudo piloto foi realizado com uma mulher atleta paralímpica com deficiência física. Duas

entrevistas foram realizadas individualmente, com o registro na forma de gravação de voz. As entrevistas foram realizadas de forma remota de acordo com a disponibilidade da participante do estudo.

4.2 Participantes

Participaram do estudo cinco atletas paralímpicas de nível internacional que apresentaram classificação funcional oficial em classes para pessoas com deficiência física elegíveis do Programa Paralímpico Brasileiro de 2023. As atletas tinham entre 20 e 45 anos e apresentavam no mínimo três anos de experiência no contexto paralímpico de alto rendimento. Não foram foco do estudo atletas paralímpicas com dificuldades de comunicação oral ou com deficiência intelectual. Este estudo tem aprovação pelo comitê de ética da instituição UNICAMP (CAAE: 37547220.0.0000.5404) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado para obtenção do consentimento das participantes. As atletas participantes serão apresentadas a seguir, representadas por pseudônimos.

Márcia é uma mulher branca, mãe, casada, de classe social alta e com paraplegia. A atleta adquiriu a deficiência durante a gestação quando descobriu um angioma medular. Márcia tem 40 anos e é atleta de esgrima paralímpica nas armas de sabre, florete e espada em campeonatos nacionais e internacionais. A atleta tem classificação funcional oficial na classe A da esgrima para atletas com menor mobilidade no tronco e equilíbrio.

Camila nasceu no Nordeste, tem 24 anos e é uma mulher negra de classe social média que foi diagnosticada com paralisia cerebral aos dois anos de idade. Atualmente é atleta de natação paralímpica (classe S8) e dedica-se às provas de nado livre e borboleta. Mesmo jovem, a atleta já conquistou diversos títulos nacionais e internacionais, incluindo uma medalha nos Jogos Paralímpicos.

Larissa é uma mulher parda de classe social baixa e tem 20 anos. A atleta apresenta duas deficiências congênitas: deficiência física (é usuária de cadeira de rodas) e baixa visão. Larissa é atleta de halterofilismo paralímpico (classe 41kg), modalidade na qual já disputou campeonatos nacionais e internacionais. Diferente das outras modalidades, no halterofilismo paralímpico os atletas competem em classe única, divididos por categorias de peso corporal, assim como na modalidade olímpica.

Pamela é uma mulher parda de classe social baixa, mãe e tem 45 anos de idade. A atleta adquiriu uma deficiência física durante um assalto ao ser baleada. Pamela é usuária de

cadeira de rodas e se dedicou ao basquete em cadeira de rodas até 2009, ano no qual decidiu migrar para a natação paralímpica (classe S4), modalidade na qual é atleta e medalhista paralímpica.

Laura tem 26 anos e é uma mulher branca de classe social média. A atleta sofreu um câncer aos 15 anos de idade e precisou substituir parte dos ossos da perna por uma endoprótese. Laura é jornalista e atleta do voleibol sentado (classe VS2).

4.3 Coleta de dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individualmente de forma *online* através da plataforma *Google Meet*, com o registro na forma de gravação de voz e vídeo. As transcrições das entrevistas estão disponíveis nos apêndices deste trabalho.

A entrevista seguiu roteiro pré-estruturado elaborado pelas pesquisadoras responsáveis, composto por cinco questões abertas e norteadoras. A entrevista também contou com perguntas acessórias que surgiram ao longo da conversa.

Tabela 2: Roteiro de perguntas semiestruturadas.

1) O que é ser uma mulher atleta paralímpica?
2) Me conte sobre a sua trajetória no esporte.
3) O que o esporte representa para você?
4) Quais são suas expectativas e desejos no esporte para sua vida?

As entrevistas foram transcritas na íntegra com respeito à característica linguística de cada participante. As transcrições foram enviadas à cada participante para complementação, e modificação conforme desejado (CRESWELL, 2003; PATTON, 2002).

4.4 Análise dos Dados

O estudo foi realizado através do procedimento de análise de conteúdo, compreendida como “uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (ROQUE, 1999, p. 2). Através da análise de conteúdo é possível categorizar e interpretar as mensagens para atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma análise comum, incluindo atenção à objetividade/intersubjetividade (NEUENDORF, 2011; ROQUE, 1999). Para realização da análise de conteúdo, seguimos três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados (BARDIN, 2016).

A primeira etapa, pré-análise, tem como objetivo a organização e escolha dos dados para análise através dos primeiros contatos e diversas leituras do material coletado (FRANCO, 2005; SOUSA; SANTOS, 2020). Na pré-análise, além da escolha dos documentos que serão analisados, há também a formulação de hipóteses e indicadores que irão fundamentar a interpretação final (BARDIN, 2016).

Seguindo para a exploração do material, os dados são codificados em unidades de registro (e.g. palavras, frases ou partes do texto) e categorias de análise são criadas buscando a transversalidade temática entre as participantes do estudo para os temas mais emergentes (BARDIN, 2016). O processo de elaboração das categorias de análise, a categorização, é realizado a partir da semelhança ou analogia dos discursos das participantes, segundo critérios previamente estabelecidos no processo (FRANCO, 2005; ROQUE, 1999).

Por fim, no tratamento dos resultados, os dados são interpretados, permitindo uma análise e compreensão dos significados latentes de acordo com o objetivo do estudo (BARDIN, 2016; PATTON, 2002).

5. Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados em quatro categorias de análise. Na primeira categoria *“Esporte: um agente transformador na identidade e experiência de atletas paralímpicas”*, abordaremos sobre como o esporte mudou a perspectiva das mulheres com deficiência e deu uma nova identidade. Em *“Esporte e gênero: a luta das atletas pela equidade no movimento paralímpico”*, discutiremos sobre como as mulheres atletas lutam para que o esporte seja um contexto mais igualitário entre homens e mulheres e o esforço para aumentar a participação de meninas e mulheres neste espaço. Aliado a isso, temos a categoria *“Família e equipe multidisciplinar: os agentes facilitadores na trajetória de atletas paralímpicas”*, na qual exploraremos os agentes que contribuem e facilitam a entrada e permanência de meninas e mulheres com deficiência no esporte. Por fim, traremos o preconceito que está enraizado na nossa sociedade em relação às pessoas com deficiência na categoria *“Capacitismo: os estereótipos e narrativas que caracterizam pessoas com deficiência”*, relatando e explorando as situações de opressão que as atletas com deficiência vivenciam dentro e fora do contexto esportivo de alto rendimento.

5.1 Esporte: um agente transformador na identidade e experiência de atletas paralímpicas

O esporte se apresentou como um contexto transformador na construção da identidade e nas experiências das atletas paralímpicas. Dois momentos marcaram essa transformação: antes e depois do esporte paralímpico.

Márcia, atleta da esgrima, relata sobre as percepções que tem a respeito de seu próprio corpo com deficiência. Essas percepções trouxeram narrativas que transitam do modelo médico para o modelo social. Em um primeiro momento, Márcia relata como seu corpo se transformou após a maternidade e após adquirir a deficiência.

Foram duas mudanças muito brutais. Eu parei de andar e o meu corpo mudou fisicamente completo. Logo que a gente é mãe, o corpo da gente se transforma, a gente fica com uma barriguinha a mais, com uns quilinhos a mais, uma flacidez aqui, e além disso eu parei de andar. O que eu mais gostava de fazer, que era correr e jogar futebol, eu não poderia fazer para recuperar aquilo tudo que estava em excesso, mas eu sempre fui muito tranquila quanto a isso.

A mulher quando assume a maternidade, assume uma nova condição de si e das suas relações sociais, modificando seu comportamento e a percepção da sua autoimagem (GIORDANI et al., 2018). No entanto, Márcia diz que esse processo de mudanças foi de fácil aceitação:

Para mim, a minha aceitação foi mega fácil. Eu sempre pensei que sempre temos escolhas, boas ou ruins, e eu escolhi ser feliz, independente de estar mais gordinha ou estar na cadeira. Essa aceitação me abriu muitos caminhos, muito leques, porque eu nunca tive vergonha de sair na rua, eu nunca tive vergonha de colocar uma roupa mais curta ou mostrar minhas pernas porque não tem mais músculo, sabe?

O discurso de Márcia ao dizer que escolheu ser feliz independente do seu peso estar mais elevado e da cadeira de rodas nos revela a percepção da deficiência a partir do modelo médico: mesmo com a deficiência, ela é feliz. Isso nos remete a deficiência como algo negativo, colocando o corpo com deficiência como anormal (DINIZ, 2007). Ela vive o modelo médico na sociedade, como um corpo doente, incapaz e com impedimentos (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). Arelada ao modelo médico, a corpornormatividade “considera determinados corpos como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação quando situados em relação aos padrões hegemônicos corporais/funcionais” (MELLO; NUERNBERG, 2012, p. 93).

Um tempo após adquirir uma deficiência, Márcia desejou ter uma nova atividade, um trabalho ou uma prática esportiva: *“Eu queria voltar a trabalhar, queria voltar a fazer um esporte que eu sempre gostei de esporte, e aí descobri o esporte adaptado em outra cidade, em Canoas, aonde eu comecei pelo basquete.”* Quando decidiu praticar uma modalidade esportiva, Márcia iniciou no basquete e transitou por diversas outras modalidades até chegar na esgrima, modalidade na qual encontrou senso de pertencimento por ter outras mulheres, uma identificação pelo gênero:

Eu sempre gostei de esporte e conheci o basquete através do Orkut. [...] No entanto, só tinha masculino, eu era a única menina que jogava com eles. Joguei em campeonatos junto com eles, porém eu não podia entrar para uma seleção brasileira de basquete porque era masculino e eu era feminino. Não tinham meninas, eu tentei buscá-las para fazer esse esporte, mas não encontrei. [...] Depois disso eu procurei vários outros esportes adaptados, todos em Porto Alegre, somente o basquete foi em Canoas. Eu experimentei kart, tênis de mesa, tiro ao alvo e vários outros até chegar e realmente ver que o que eu queria era esgrima assim. Foi através de outra pessoa com deficiência que eu descobri a esgrima e foi onde eu me encontrei quando eu comecei em 2010.

[...] Na esgrima eu encontrei outras meninas e então a gente acaba fazendo uma amizade. Essas trocas de experiências com outras meninas são legais.

No entanto, na tentativa de transitar para o modelo social, Márcia aceita sua condição e tenta questionar a concepção do modelo médico. Ela revela que se aceitou facilmente porque escolheu ser uma pessoa com deficiência.

Meu processo de aceitação foi muito simples por conta de ter sido uma escolha [ficar com deficiência], por conta de eu querer realmente ser mãe [...] Mas eu estou feliz comigo assim, estou até mais bochechudinha, e eu não mudaria nada porque é aquilo que eu te falei no começo, se eu tenho condições de mudar, se tem alguma coisa que eu possa fazer, eu vou atrás para fazer, e se não posso, vou aceitar como ele é e ser feliz.

Ao entrar no contexto esportivo, os ideais de Márcia parecem estar pautados mais na perspectiva social (DINIZ, 2007). Além disso, estar em movimento seria o instrumento de fuga para o estresse diário e este é o significado que ela atribui à prática esportiva. No entanto, Márcia só ingressou no esporte para pessoas com deficiência cinco anos após adquirir uma deficiência:

Cinco anos se passaram e eu vi que eu precisava de uma válvula de escape. Uma válvula de escape do dia a dia, de casa, trabalho, filho, do cachorro, de tudo. Eu acho que a válvula de escape é a gente fazer alguma coisa que a gente gosta para se desligar do mundo. Todo sábado na minha casa eu jogava futebol. Depois da deficiência, eu jogava como goleira porque eu não podia mais andar. Reunia a mulherada da vizinhança e as crianças. Mas, o esporte com um grupo de pessoas com deficiência eu comecei depois de cinco anos.

Para Camila, atleta da natação, o esporte mostra fortemente uma relação de ganhos e perdas, o que ela significa em uma palavra: resiliência.

Eu vejo o esporte como algo que me ensinou, se eu pudesse escrever com uma palavra é resiliência, o esporte, porque nem sempre a gente ganha, nem sempre a gente conquista ou alcança o desempenho que a gente tava almejando. E se hoje eu tenho uma frustração, se hoje eu vou numa competição que eu me frustre, que não saia bem, amanhã é outro dia, amanhã é o novo dia, então eu tenho que ser resiliente perante essas frustrações diárias ou competitivas. E isso também vale para quando a gente ganha, quando a gente alcança, quando a gente conquista, amanhã também é um novo dia, o que eu vou continuar fazendo ou o que eu vou mudar para continuar no topo, alcançando cada vez mais o melhor desempenho.

O esporte é o que move Camila a ser resiliente. É como se ela precisasse se superar a cada dia. Uma superação não da deficiência, mas de seus resultados enquanto atleta

paralímpica. Por fim, Camila também abordou sobre sua identidade como pessoa com deficiência. Esse processo foi uma construção social que aconteceu desde muito nova, quando ainda era uma pequena criança. Seus pais nunca esconderam sobre sua deficiência e, além disso, nunca colocaram a deficiência como fator incapacitante na vida de Camila.

Eu tive muita sorte de ser filha dos meus pais, porque desde muito nova eles colocaram dentro de mim e me explicaram que eu era uma pessoa com deficiência e que isso não me limitaria a ser nada, não me limitaria, fugiu as palavras, mas que não me limitaria ser quem eu quisesse ser, e isso foi incrível. [...] Eu cresci, eu me identifico como uma pessoa com deficiência, mulher com deficiência, mas houve sim conflitos, acho que os conflitos de ser uma pessoa com deficiência tá mais no outro do que em mim, eu identifico hoje.

Camila fala sobre os conflitos de se assumir como uma pessoa com deficiência, algo que muitos enfrentam pelo medo dos estereótipos presentes, nomeando pessoas com deficiência com termos opressivos e capacitistas, tais como aleijado, idiota, retardado, manco, entre outros (CIDADE, 2004; DINIZ, 2007; NEPOMUCENO, 2019; NEPOMUCENO; ASSIS; CARVALHO-FREITAS, 2020). A pessoa com deficiência, para tentar se livrar dessa opressão, nega esta identidade (GARLAND-THOMSON, 2011). De forma contrária, como dito por Camila, ela aprendeu desde cedo sobre sua condição como pessoa com deficiência e incorporou e não negou esta identidade. No entanto, Camila relata que sua deficiência é pouco visível, quase imperceptível, e que em decorrência disso as pessoas acabam não a considerando uma pessoa com deficiência.

É muito interessante porque quando eu falo “eu tenho uma deficiência”, a minha deficiência ela não é tão visível, que eu tenho os meus membros, eu fico em pé, eu ando, eu arrasto um pouco meu pé, eu manco, mas para as pessoas é um espanto quando eu digo “eu tenho uma deficiência física”, elas entram em negação e não, eu tenho uma deficiência física, essa sou eu.

Isso se justifica pelos estereótipos e crenças socialmente construídos quando se pensa em uma pessoa com deficiência: aquela pessoa incapaz que não tem um membro, aquela que está na cadeira de rodas ou aquela que é cega. Esses estereótipos e crenças reforçam a ideia de que pessoas com deficiência são um grupo único, sem considerar as pluralidades que compõem a identidade de cada pessoa com deficiência (GARLAND-THOMSON, 2005). Ao restringir crenças de produtividade ao corpo normativo (sem deficiência), impossibilitam assumirmos a capacidade da pessoa com deficiência na sociedade.

Larissa, do halterofilismo paralímpico, teve uma experiência um pouco diferente: em decorrência dos estigmas negativos que se tem sobre a deficiência, muito pautados no modelo médico (DINIZ, 2007), nunca passou pela cabeça de Larissa ser uma atleta com deficiência. Sua autoestima era afetada pela crença de incapacidade ao qual a deficiência está permeada, mas através do esporte ela se sente confiável para atingir seus objetivos e alcançar grandes realizações.

Eu não tinha nem noção que eu poderia algum dia ser atleta, eu tinha vontade de ser atleta. [...] eu fiquei muito feliz que depois de anos eu realmente virei atleta profissional e hoje eu tô viajando o mundo. [...] Então assim, autoestima, outra coisa também que dá para caramba é autoestima porque tipo, cara, se você consegue conversar com os outros, se você tem essa liberdade de chegar e conversar, já, já te dá autoestima para você poder “tá, agora eu consigo dominar o mundo”, e é muito importante isso.

O esporte proporcionou à Larissa o senso de identidade e pertencimento como pessoa com deficiência. Ao vivenciar os espaços do esporte, ela pôde conhecer outras pessoas que, assim como ela, tinham uma deficiência.

Eu sou única, exclusiva, eu mesmo pensava que eu era a única exclusiva da terra que tinha alguma deficiência, até eu entender que não, que tinha mais gente assim, que tinha mais pessoas com outro tipo de deficiência, até eu conseguir compreender e colocar isso na minha cabeça, foi pelo esporte mesmo. Eu tinha depressão quando eu era mais nova, então o esporte também me ajudou isso, né, a conhecer outras pessoas e a mudar, eu ver as pessoas com outros olhos, que até então eu praticamente não gostava nem de conversar, essa conversa que a gente tá tendo agora eu não teria se fosse antes. Então, é liberdade. A gente consegue ver que o nosso mundo é totalmente diferente daquilo que a gente imaginava, a gente pode fazer o que a gente quiser.

Estar no esporte levou ao empoderamento de Larissa. Novas oportunidades, senso de pertencimento, melhora da autoestima, percepção das potencialidades e tantos outros benefícios (FLORENCE, 2009; HAIACHI et al., 2018), todos através do esporte. A experiência e vivência esportiva de Larissa nos faz refletir sobre o quanto o esporte competitivo é um lugar de resistência aos estereótipos sociais da deficiência e de gênero.

Larissa também compartilha o sentimento de ser uma atleta paralímpica. Vindo de família de classe social baixa, o esporte a proporcionou experiências que, se não fosse atleta paralímpica, talvez nunca teria vivenciado. Além disso, o mais valioso: a liberdade.

É difícil definir em uma palavra aquilo que me deu tudo que eu tenho hoje. Porque assim, eu venho de uma família humilde, então assim, sem chance, o máximo que eu poderia sonhar em viajar é ali para Goiânia, Goiás, ali perto e olhe lá. E, assim, o esporte me proporcionou tudo, tudo, tudo. Bolsa, viagens, conhecer pessoas diferentes, conhecer culturas diferentes, nunca imaginei que do nada eu ia aparecer lá no Japão, sabe? Com, sei lá, 18 anos, então eu fiquei, eu fico muito impressionada e é muito difícil, por isso que é muito difícil eu pensar só em uma palavra, né? [...] É, para mim é surpreendente. Eu não imaginaria, eu não imaginava estar no lugar que eu estou hoje. [...] Se tivesse uma palavra, eu diria a liberdade, porque a gente, nós, uma pessoa com deficiência, a gente vive numa bolha e às vezes o próprio familiar coloca a pessoa lá dentro daquela bolha.

A liberdade, assim como a equidade, é importante para que haja a plena realização dos direitos e do desenvolvimento social (BAYLIES, 2002). Sendo assim, o esporte entra como um coadjuvante nesse processo de garantia de direitos. Apesar das experiências positivas de bolsas, viagens e conquistas profissionais, a carreira como atleta do halterofilismo paralímpico não é fácil. É preciso se superar a cada dia:

Porque o halter é um desafio toda vida, todos os dias tem que se superar, superar o cansaço, superar as dores, porque as dores vêm, e se auto superar em questão de carga. E eu sou muito competitiva, tipo assim, muito! Eu posso até perder, mas desistir não, eu não desisto, então assim, foi muito impactante para mim ver isso, entendeu: E o esporte conseguiu trazer meu lado competitivo mais à tona ainda, então se eu era antes, agora estou pior (risos). É isso que me fez continuar e querer tá lá, tipo, aí eu vi uma menina ali fazendo, sei lá, 40kg, eu queria bater a meta dela, tipo, tá fazendo 40, eu quero fazer mais, e foi assim até hoje, até hoje eu sou assim.

Para Pâmela, atleta da natação, ser uma pessoa com deficiência remetia ao medo, o que pode causar, de acordo com Ferri e Gregg (1998), situações de opressão para a pessoa com deficiência, além de controlar as oportunidades sociais das mulheres com deficiência.

O meu treinador, eu falo “meu” treinador com muito orgulho, *[nome oculto para manter sigilo]*, ele era um dos funcionários dessa unidade e, ele começou a implantar esse projeto [do esporte] né. E aí me alguns convites. E... eu nunca aceitava porque na época eu não sentava numa cadeira de rodas! Eu não falava, eu não mexia quase nada. Eu entrei na unidade em cima de uma maca, entubada para tudo quanto é buraco que o nosso corpo tem. Então viver falando hoje assim, fluente, é... um privilégio pra mim, uma honra que Deus me devolveu minha fala. [...] E aí eu falava desse jeito, eu me lembro como se fosse hoje [rosto e boca franzida]: “Nã-não, não, nã-não. Bom, quando eu puder eu vou, eu tenho medo!”. E ele falou: “eu vou te ensinar a você perder o medo”. Eu tava voltando a falar! A dar sinais que eu ia voltar a falar, e... falar hoje fluente pra mim é, eu sou grata ao basquete.

Apesar do medo, Pâmela tinha vontade e coragem. Ela queria se mostrar útil e capaz, seu desejo era:

[...] mostrar para eles [as pessoas, os profissionais] que eu tava ali, que eu era útil. E a importância da minha presença mesmo naquela cadeira de rodas. E isso eu agradeço ao esporte por eu ter tido essa oportunidade de eu ter vivenciado vários momentos dentro de uma reabilitação.

O sentimento de se sentir útil, de ser capaz e de acreditar nas capacidades e potencialidades de pessoas com deficiência se constituiu através do esporte na vida de Pâmela. Sendo assim, como apresentado em outros estudos já realizados (HARDIN, 2007; KIRAKOSYAN, 2021), o esporte se mostra como um ponto de virada na história desta atleta com deficiência.

Apesar de algumas pessoas terem dito que ela não era capaz e do diagnóstico médico ser negativo, Pâmela não deu ouvidos ao que ouvia: *“se eu tivesse só escutado com as pessoas falaram, os prognósticos que os médicos me deram: “que eu não iria falar, que eu não podia isso que eu não podia aquilo”, talvez não teria me tornado a mulher que sou hoje.”* Nesse sentido, viu o esporte como uma oportunidade de mudar este cenário:

Todos começaram por uma forma de ocupar a cabeça e como oportunidade de mudança, entende? E oportunidade de mostrar que tinha algum talento, hoje o esporte paralímpico ele, ele continua nessa ferramenta. Ele ainda é essa âncora, entende? Porque a maioria dos indivíduos eles vem de, se a gente fizer um censo, eles vêm de periferia, vem de bairros carentes, nem todos nasceu no berço de ouro. Então por que não aproveitar a oportunidade? Eu vi isso como uma oportunidade.

Além do poder transformador do esporte, ao perguntarmos sobre o significado ou uma palavra que pudesse definir o esporte para Pâmela, ela nos respondeu:

Cara, é tudo. Se a gente juntar todas essas situações e vivências eu ainda continuo vendo mágica, a palavra que define é todo esporte é “mágica”. “Ah, porque ela vai se materializar?”, não. A mágica, a beleza e o sentido da mágica é todo o processo para ser produzido para que você veja aquilo que sempre teve ali, mas que poucos conseguem ver. E só quando a gente atinge, transcende aquela limitação, que sai daquela zona de conforto que você vivencia a zona de conforto, aprende visualizar o prazer e a beleza que todo o processo tem e que todas as pessoas. [...] A água é uma magia cara [sorriso e brilho no olhar]. Você não tem noção como é que você vê o seu corpo flutuar que, sentadamente, a gente não vê! A gente não consegue ver a leveza que isso tem! A forma como transporta, como ela materializa a gente assim. É incrível de falar, eu sou suspeita em falar, entende? E aí tipo, sou grata por ter tido essa dádiva, sabe, de sempre me permitir vivenciar a experiências. É... poucas

peças se permitem a isso, entende? Eu busquei entre uma situação que eu estava vivenciando ela, era uma forma de resgate e de autoafirmação, porque eu precisava provar pra mim, e mais do que pra ninguém, era para os meus filhos que eu ainda era a mãe deles e que eu era capaz!

A concepção de que uma pessoa com deficiência é doente e incapaz é muito comum em uma sociedade capacitista e pouco sensível à diversidade (DINIZ, 2007), sendo assim, no movimento esportivo, Pâmela pôde quebrar estes estigmas (GESSER; ZIRBEL; LUIZ, 2022) e se mostrar capaz para si e para seus filhos. O esporte passou a dar um novo sentido na sua vida, além de todas as oportunidades aproveitadas e experiências vivenciadas, como se fosse uma situação de privilégio:

[o esporte] Dá aquele sentido da importância né, da sua vida, da importância que tem a vida do outro e... e isso o esporte proporciona cara. Eu sou grata eternamente ao esporte por todas as dádivas e por todos os privilégios vivenciado nesse de [eclipse de pensamento] 2005 até hoje. Eu posso dizer assim, né?

No entanto, o esporte paralímpico ainda é desconhecido, tanto pelas pessoas com deficiência quanto pelas pessoas sem deficiência, por isso, é importante que haja divulgação e estratégias pedagógicas que atraiam as crianças e os jovens para a prática esportiva paralímpica (GALATTI et al., 2015). Além desta problemática, também existem estigmas sobre como são vistas as pessoas com deficiência. Relacionado a isso, Laura, atleta do vôlei sentado, faz um questionamento:

Eu não conhecia [o esporte paralímpico], sabe por que? Porque a gente tem uma ideia, e aí às vezes isso é um problema não sei de quem, da mídia, governamental, não sei, mas de pintar o atleta paralímpico como sem braço, sem perna, na cadeira de rodas e não enxerga e ponto, acha que é só isso.

A identidade da pessoa com deficiência ainda é vista de forma muito conservadora: é o doente, o incapaz, o defeituoso e anormal (CIDADE, 2004; GESSER; BLOCK; MELLO, 2020; MELLO, 2016). Por conta dessas percepções, Laura não conseguiu enxergar seu corpo como elegível do esporte paralímpico. Esta noção estigmatizada reforça os preconceitos que vivenciam as pessoas com deficiência, seja na escola, no esporte, no trabalho ou qualquer outro contexto social (GOFFMAN, 1963).

A partir do momento que Laura conhece o esporte paralímpico e descobre que sua lesão física a torna elegível para a modalidade do vôlei sentado, ela passa a praticar o esporte para pessoas com deficiência. Consequentemente, teve contato com seus pares com deficiência,

o que fez com que Laura se reconhecesse em outras atletas. Através da mudança e do papel transformador do esporte em sua vida, Laura legitima sua identidade como pessoa com deficiência (ALVES, 2023).

Eu nunca achei que eu poderia nem me enquadrar como uma pessoa com deficiência, assim, eu não eu não me colocava esse rótulo, e aí eu já não sei se era um rótulo porque eu não queria me colocar na época, que eu tinha uma versão, por ter sido atleta, enfim, eu tive essa dificuldade de, no início, não dificuldade, tipo, de mostrar minha perna, eu nunca tive esse problema, mas de me colocar o rótulo tipo, “sou uma pessoa com deficiência”. [...] Eu me lembro que a primeira coisa que eu vi quando eu cheguei lá [no CPB-Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro], eles me apresentaram a academia primeiro, e aí eu cheguei tava a Diana [nome fictício], que hoje é uma das minhas melhores amigas assim, ela tava correndo na esteira com a prótese dela e super independente, e aí eu olhei para aquilo falei “gente, é isso que eu quero, sabe, tipo, eu quero ser independente assim, eu quero fazer minhas coisas, eu quero”. [...] vi a realidade, me vi em muitas meninas. [...] Quando a gente foi para quadra, quando foi o momento de pegar na bola, assim, ir para quadra, aí eu realmente me senti preenchida, completa, não sei explicar, mas eu falei “isso é para mim”. [...] me vi em muitas meninas.

Pelas transformações e novos significados que o esporte paralímpico proporcionou para Laura, hoje ela diz não saber viver sem ele. Ter se encontrado e se identificado como pessoa com deficiência dentro deste contexto, bem como as vitórias e tudo que ainda há para conquistar, é o que move Laura a continuar. A interação social vivenciada dentro do esporte influenciou no desenvolvimento da identidade de Laura, em específico a identidade atlética (ANDERSON, 2009; HAIACHI et al., 2018). Apesar das dificuldades já vivenciadas e dos problemas a serem encarados e enfrentados, estar no esporte paralímpico é um movimento de luta dentro do próprio esporte, é pelo esporte.

Eu acredito muito na mudança que o esporte pode trazer para nossa vida, o esporte realmente mudou, mudou tudo em mim, como te falei, eu não me imagino sem o esporte, não consigo visualizar a minha vida sem ele né. Então é, eu acho que ele, eu vejo sentido nisso tudo, eu ainda vejo, eu ainda acho que vale a pena, sabe? [...] se eu vejo todos esses problemas [casos de assédio] que para mim são muito pesados e ainda assim, quero continuar aqui, é pelo esporte, pelo esporte puro, assim, pelo que ele traz, assim, pelo que ele me traz, de não sei ele, ele me completa, sabe aquela sensação que eu senti quando eu sentei na quadra de novo, que eu me senti completa? É essa sensação que me faz continuar. Então mesmo tendo falado isso tudo, assim, que a gente passa, acho que o verdadeiro sentido de continuar é pelo esporte sim, é pelo que ele pode me trazer, é pelas conquistas que ele pode me dar, pelos aprendizados que ele pode me dar.

5.2 Esporte e gênero: a luta das atletas pela equidade no movimento paralímpico

O esporte é um contexto com dominância masculina (TONON, 2021), seja no número de atletas ou na composição da comissão técnica das modalidades esportivas. Apesar disso, no esporte, a mulher com deficiência performa a capacidade. Nesse sentido, o corpo com deficiência, considerado incapaz e desviante da norma, passa a ser visto como um corpo realizado: o corpo esportivo e capaz (APELMO, 2017). A presença de corpos socialmente categorizados como incapazes no contexto esportivo abrem possibilidades para repensarmos o esporte e sua estrutura, buscando questionar e contestar o modelo heteronormativo, corponormativo e patriarcal que o sustenta (DE CAMARGO; ALTMANN, 2021). Márcia se apresenta engajada nessa causa ao colocar que o lugar da mulher é aonde ela quiser, mas que ainda faltam outras meninas para chegar no nível do masculino:

[...] eu sempre acreditei que lugar de mulher é onde que ela quiser, sempre fui muito disso, sempre fui buscar o meu esporte [...] eu acho que falta ainda muita gente, muitas meninas para começarmos a chegar no nível do [esporte] masculino e quanto mais tiver, maior será nosso nível nas competições.

Ela também conta que procura ser exemplo e busca outras meninas e mulheres para a prática esportiva:

Aqui [clube onde treina] temos a escolinha paralímpica com duas meninas que já estão participando de campeonatos, mas o principal é a gente [ela e colegas de treino] ver [pessoas com deficiência] na rua e perguntar “quer conhecer o esporte? vai lá experimentar a esgrima”. É assim que a gente aborda outras pessoas, principalmente as meninas. Onde eu vejo, eu estou convidando.

De forma semelhante, Larissa é uma pessoa engajada em disseminar sua modalidade e o esporte paralímpico como um todo para as crianças com deficiência.

Muitas crianças que ainda estão em casa, mas invisibilidade mesmo né, inclusive a gente começou a acompanhar um tempo atrás para chamar essas crianças, para elas poderem participar, pelo menos ver como é que é né nosso esporte. Também temos aí o festival paralímpico porque, dessa vez não vai ter halterofilismo, mas já teve as outras vezes, que é muito importante e chama muito as crianças.

No entanto, Larissa vive um desconforto ao descrever um pouco da realidade de ser uma mulher em uma modalidade estigmatizada como “masculina”: o halterofilismo.

Eu acho que é muito importante, né, ter mais mulheres no esporte paralímpico. É, principalmente no esporte de força como o meu, porque o halterofilismo foi por muito tempo visto só para homens, né, em alguns países também ainda continua mesmo nesse pensamento.

Larissa, aos 10 anos, foi a primeira mulher atleta de Uberlândia a começar tão jovem. Ela relata a experiência de nunca ser imaginada como uma atleta do halterofilismo, visto que é esperado que mulheres pratiquem modalidades que são socialmente definidas como “femininas”.

[...] eu fui a primeira atleta de Uberlândia né, a começar tão jovem. [...] E aí eu via que o número de mulheres era um pouco reduzido. Na hora que eu vi eu falei “ah, meu Deus do céu”, e é isso que o povo pensa, quando é mulher ela tem que ser sujeita a balé, natação, atletismo ou corrida, nem todo atletismo é corrida, mas, enfim, nunca você vai parar para pensar e perguntar “Ow, você é do halterofilismo?”, porque ninguém tem coragem de chegar e perguntar até porque o povo, tipo, pensa em todas as modalidades, menos halter.

O esporte foi imaginado e constituído dentro de uma sociedade patriarcal, carregando valores e características que representam aquilo que a sociedade considera como masculino: força, resistência, virilidade e coragem (RUBIO; SIMÕES, 2007). Sendo assim, a prática esportiva por si só se torna excludente para as mulheres, mas se agrava ainda mais quando envolve modalidades culturalmente definidas como masculinas. No entanto, questões de gênero para definir se uma prática é para homens e/ou mulheres são ultrapassadas e devem ser superadas. A divisão de gênero apenas reproduz preconceitos que são reflexos de uma sociedade patriarcal que sistematiza níveis hierárquicos e sociais (RUBIO; SIMÕES, 2007).

Apesar da dificuldade, o halterofilismo paralímpico praticado por mulheres está em desenvolvimento, crescendo em número de participantes. Larissa relata sua felicidade e compartilha a notícia:

[...] eu estou feliz que a modalidade está crescendo, o número de mulheres tá igual ou pelo menos parecido com o masculino, então eu fico muito feliz com isso, estamos dando a reviravolta. [...] Tem bastante mulheres que são do halterofilismo. É, vamos dizer assim que a gente igualou ou até tá maior do que a quantidade de homens, então é algo que me deixa muito feliz, ver que as mulheres estão pegando “brabo”. Até porque para o mundial foi a maior delegação e 90% da delegação eram só mulheres que estavam indo para Dubai. Então assim, cara, o nosso esporte está crescendo cada vez mais e cada vez mais mulheres estão entrando e estão vendo que não é só para homens.

Na natação paralímpica, este aumento também é significativo. Camila acredita que a força feminina está crescendo, mas que o esporte ainda está em dominância masculina.

O que eu sinto dentro do esporte hoje ainda é uma dominância masculina. Eu vejo muitos homens em comparação a poucas mulheres ainda dentro do esporte. Fico feliz que né, esse último campeonato mundial [Campeonato Mundial de Natação Paralímpica 2023] que fomos, tivemos o maior número de mulheres do que homens e isso é incrível, a força feminina que cada vez mais vem crescendo dentro do esporte de alto rendimento.

A maior presença de mulheres na competição fez com que Camila sentisse um certo equilíbrio, algo mais igualitário.

[...] eu senti como uma forma de equilíbrio, parecia um equilíbrio, parecia que tinha encontrado um certo equilíbrio. E se eu não me engano, era 15 para 14, eu acho que era alguma coisa assim, 15 mulheres e 14 homens, parecia mesmo um certo equilíbrio. [...] eu lembro das outras competições, das outras convocações, tem uma massa e uma maior quantidade de homens e tem mais papos de homens, tem mais direcionamento para homens, e aí ficava totalmente um desequilíbrio. Nessa competição [Campeonato Mundial de Natação Paralímpica 2023], o que eu senti de forma coletiva, foi um certo equilíbrio da competição.

Pâmela, também atleta da natação, aborda brevemente a desigualdade de incentivo e apoio quando comparamos homens e mulheres no esporte (GOELLNER, 2005), mas que isso deve ser quebrado a partir de ações no próprio esporte.

É que pra nós mulheres [o esporte] é mais conflitante né? Por quê? Por que para as mulheres mais conflitante? Nós nunca tivemos muito apoio né. [...] para nós mulheres que temos uma sociedade ainda machista, vivenciar e quebrar um pouco esse estereótipo, esse tabu que... a palavra tabu ela ainda representa muito bem essa situação toda que vivenciamos hoje no nosso país e no mundo inteiro. Não é só no Brasil, é no mundo inteiro. E cabe cada uma de nós mulheres mostrar que eles tão errado, ou modo... que não existe certo, errado ou que estamos aqui e vamos lá! Como que você prova isso? Vamos! Mostra a qualidade, mostra sua virtude. Mostra a sua determinação, você já vai estar fazendo a diferença. Nãos vão existir, obstáculos irão existir, como a gente transforma isso no sim? Como a gente transforma essa, esses paradigmas em algo positivo? É só em ação. Então tô aqui guerreando uma boa batalha, tô aqui em ação mostrando que tinha qualidade e que tinha potencial.

O esporte é um local de resistência e mudanças (DEPAUW, 1997), logo, mostrar-se capaz e desenvolver suas habilidades e capacidades pode ser um ponto de virada para superar as concepções que predominam sobre o assunto. *“E precisamos [as mulheres] só acreditar que somos capazes, eu acredito e todos podem acreditar também que cada uma são!”* Sendo assim, Pâmela se coloca como uma inspiração para que venham outras gerações:

E hoje mais do que nunca eu quero ser mais um instrumento, se eu puder ter utilidade ainda, o que eu acredito pós uma.... pós uma vida de atleta de alta performance eu quero sim dar a minha contribuição para que muitas outras Pâmelas surjam, para que muitas outras Joanas, muitas outras Nathalias ou Nati e outros tantos nomes que vierem de nós mulheres e que possamos transformar aí nossas vidas e nossos momentos profissionais, ou de ambiente e mostrar que somos capazes né.

Laura, atleta do vôlei sentado, aborda sobre os desafios de ser mulher no esporte. Os desafios, que emergiram em relação ao seu gênero e não à sua deficiência, se intensificaram quando ela iniciou no alto rendimento. Ouvir comentários negativos sobre atuação e conquistas no esporte é o que mais afeta Laura: *“O desafio de ser mulher foi surgindo aos poucos, assim, ele foi, principalmente quando eu cheguei no alto rendimento. [...] Ser mulher e ter que escutar comentários e ter que lidar com esse tipo de coisa, assim, acho que o que mais me afeta é isso hoje.”*

O que mais causa incômodo é que suas vitórias e conquistas sempre são colocadas como mérito para um ou mais homens, não por sua dedicação e potencialidades. Laura coloca que esta situação não ocorre pela deficiência, mas pelo gênero, ao passo que imagina que atletas olímpicas (sem deficiência) também vivenciam esta relação de opressão.

Quando eu te digo que a parte tipo de ser mulher, de não ter a ver com deficiência, tem a ver com isso, a maioria dos dirigentes são homens, poucas mulheres estão tipo, até a minha própria CT, minha própria comissão técnica é homem. Você olha para os dirigentes da Confederação, é homem, então ninguém consegue entender, assim, de fato, o que a gente passa. E eu acho que às vezes, por a gente ter uma deficiência física né, as pessoas acham que a gente é mais frágil, que é mais fácil de você praticar um assédio. [...] Tipo, se eu me mantenho na seleção é por isso, então sempre tem um porquê, e o porquê sempre tá relacionado a um homem, nunca é por mérito nosso, nunca é “ah, eu consegui os meus patrocínios porque..”, “ah, porque é bonita”. Eu nunca, nunca tenho mérito, sabe sempre é porque é isso, porque aquilo, porque... e é o que eu falei, normalmente é assim porque está relacionado a um homem, sabe, e isso é muito desgastante, isso é muito triste. E aí eu acho que isso não tem nada a ver com deficiência, eu acho que isso talvez outras atletas olímpicas também passam por isso assim, ter que ouvir esse tipo de comentário, ter que ouvir esse tipo de coisa, principalmente com rede social, assim.

Nesse sentido, Laura busca ser influente no campo esportivo, atribuindo sua formação de jornalista e atuando em dupla-carreira: atleta paralímpica e jornalista: *“Hoje sim eu acho que eu levo uma dupla carreira e tenho vontade de que ela seja ainda maior porque eu acho que o meu objetivo com a comunicação hoje é de levar as pessoas a conhecerem mais*

uma pessoa com deficiência.” Muitas atletas precisam exercer a função profissional em duas carreiras devido à instabilidade da carreira como atleta paralímpica (KRAHENBÜHL et al., 2022), mas este não foi o caso de Laura. Ela está mais focada nos objetivos dentro da sua modalidade e deseja que outras meninas e mulheres com deficiência conheçam e pratiquem o esporte paralímpico, além de romper o estigma da imagem da pessoa com deficiência (HARDIN, 2007; PURDUE; HOWE, 2012).

Eu ainda tô focada muito nas minhas conquistas ali dentro do esporte. Eu ainda tenho que me calar um pouco, assim, mas eu sei que no futuro eu posso mudar. Eu sei que no futuro eu posso fazer alguma coisa para melhorar, né? Então acho que isso é o que me move também, sabe? Querer fazer o esporte melhor para as crianças que estão vindo aí... Para as mulheres com deficiência que estão vendo aí... Fazer mulheres com deficiência entenderem que a gente não é condicionada a ficar em cima de uma cama, ser sustentada pelos pais, que é isso que é colocado pra gente, né? Quando a gente se torna uma pessoa com deficiência, essa é a ideia que passam para a gente e não tem que ser assim.

Muitas mudanças aconteceram nos últimos anos em decorrência da luta e do ativismo exercido por pessoas e mulheres com deficiência comprometidas com as causas de justiça social (FARIAS, 2017). No entanto, este é um trabalho extenso, o qual depende das ações de movimentos sociais unidos para combater a discriminação em qualquer nível e categoria que ocorra (raça, classe, deficiência, gênero, entre outros). Nesse caso, focamos na intersecção entre deficiência e gênero. Ao experienciar o que é ser uma mulher com deficiência, vindo com todas as opressões vivenciadas dentro de ambas categorias sociais “deficiência” e “mulher (gênero)”, ser um modelo de inspiração para outras meninas e mulheres com deficiência passa a ser uma missão das atletas paralímpicas (HARDIN, 2007; PURDUE; HOWE, 2012).

5.3 Família e equipe multidisciplinar: os agentes facilitadores na trajetória de atletas paralímpicas

Todas as participantes abordam sobre o apoio familiar e/ou a equipe multidisciplinar, que são agentes facilitadores na trajetória esportiva das mulheres atletas com deficiência (HAIACHI et al., 2018; RUDELL; SHINEW, 2006). Márcia coloca a filha e o marido como fundamentais na sua carreira:

Uma das coisas que eu acho também que é muito importante na vida, é ter um alicerce familiar [...]. Eles [família] não vão deixar de fazer alguma coisa

porque você não consegue. Eles falam “a gente vai te levar junto e lá a gente vai dar um jeito”. [...] a gente sempre tenta viver os mesmos sonhos juntos, claro que cada um tem o seu individual, mas o que é em conjunto a gente tenta combinar para ter mesmo esse apoio, porque eu acredito que é o alicerce mesmo, esse alicerce tem que ter uma base, que é a família. Então se a gente estiver no mesmo sonho, no mesmo barquinho, a gente vai remar tudo para o mesmo lado e fica mais fácil de conseguir alcançar os objetivos.

Camila e Larissa trazem a importância de suas famílias como principais incentivadores e relatam o quanto ter uma equipe multidisciplinar facilita a trajetória esportiva:

O meu pai foi a minha primeira, o primeiro contato com o esporte. E ele foi o meu primeiro incentivador, então ter esse apoio familiar também foi importante a querer chegar, a querer ir mais longe. [...] o que facilita é ter em volta profissionais que sonham com você, que sabem onde você quer chegar e te ajudam nesse impulso. Eu tenho completa certeza e consciência que sozinha eu não chegaria até onde eu cheguei hoje. Então, eu tenho uma equipe multidisciplinar, eu tenho uma equipe em volta de mim. Se hoje eu sobressaio, aparece minha imagem, tem muita gente atrás que me ajudou a estar aqui hoje, e esses são os agentes facilitadores da chegada (Camila)

Minha mãe me incentivou muito porque ela tava muito doida [quando viu os treinamentos do halterofilismo], assim, para mim, aí eu achei muito legal, tipo, ela também se apaixonou muito quando ela viu, então pelo apoio e incentivo que eu recebi, também me incentivou bastante a querer continuar e principalmente pelo desafio que é. [...] [...] toda hora eu fico pensando “cara, se não fosse a minha mãe insistir, a psicóloga vim conversar comigo falando “não, você tem que tentar porque você não tem mais nada para você fazer” e se não fosse Deus também na minha vida, eu não estaria onde eu estou hoje.” Então, todo esse mérito não é meu né, não é só meu, assim, é uma pequena partezinha. (Larissa)

Um ambiente familiar marcado por ações de superproteção interfere nas relações que a pessoa com deficiência terá na vida social (NEVES-SILVA; PRAIS; SILVEIRA, 2015), além da dificuldade em adquirir autonomia (CARVALHO; SILVA, 2018). No entanto, ter um apoio familiar como um suporte auxilia a pessoa com deficiência a construir sua identidade como pessoa com deficiência, permitindo que seu desenvolvimento aconteça com autonomia e independência, sem atitudes de opressão ou superproteção (MAIA, 2012).

O trabalho de uma equipe multidisciplinar e/ou um(a) treinador(a) que conhece as necessidades atléticas de seus atletas é de extrema importância, no entanto, não são todos que conseguem ter esse apoio. O estudo de Alexander, Bloom e Taylor (2019) sobre as opiniões de mulheres atletas paralímpicas sobre práticas de treinamento eficazes e ineficazes relevou que a maioria das atletas considerou que era muito importante ter treinadores que soubessem se

adaptar às suas necessidades atléticas específicas e fossem criativos, capazes de pensar além do comum e que fossem conhecedores do seu contexto desportivo.

Apesar das dificuldades, muitas mulheres atletas com deficiência conseguiram e conseguem se destacar no esporte paralímpico em diversas modalidades. No entanto, uma nova geração está surgindo. Quem irá ensiná-las, encorajá-las e reconhecê-las? Os profissionais das equipes multidisciplinares podem e devem assumir um papel transformador (RUDDELL; SHINEW, 2006). Eles se constituem como agentes primordiais na erradicação dos obstáculos existentes, promovendo, assim, a equidade no acesso. Esta abordagem não só dissipa o mito da incapacidade, mas também instaura um paradigma inclusivo, essencial para uma sociedade que busca equidade.

Pâmela, atleta da natação, ingressou no esporte para se reabilitar. Ao ser bem recebida, ela valoriza a capacitação dos profissionais envolvidos, que foram colaboradores no processo que ela percorreu até chegar na atleta que é hoje. Pâmela teve confiança ao ser recebida e conduzida por profissionais que souberam lidar com sua deficiência. Nos estudos, as pessoas com deficiência colocam como ponto positivo ter profissionais qualificados nos diversos contextos aos quais eles estão inseridos, inclusive no esporte, mas muitas vezes esta não é uma realidade concreta (ALEXANDER; BLOOM; TAYLOR, 2019).

Relacionado a isso, Pâmela traz a importância da equipe multidisciplinar e diz que se enxerga como atleta através da junção de todos os profissionais e da família que fizeram e fazem parte da sua jornada. Suas conquistas só aconteceram porque, além de seu esforço e dedicação diária, ela teve apoio de todas as pessoas que acreditaram e acreditam nela:

Cara, eu sou grata a todos os profissionais que me alimentaram, porque quando eu comecei, a gente começa como reabilitação, né. [...] E que bom que eu tive esse privilégio de estar nessa jornada e, com profissionais incríveis que sempre me alimentou e do jeito deles foram me instruindo o que são hoje. [...] talvez se eu não tivesse pegado uma boa enfermeira, uma boa fonoaudióloga, uma boa terapeuta ocupacional, uma boa fisio, aquele profissional que você não dava nada por ele, mas que ele via do jeito dele. [...] Hoje ser uma atleta de resultados positivos é fruto de uma atendente, de uma recepcionista, é fruto de uma auxiliar de serviços gerais, é fruto de um fisioterapeuta que me acolheu, que me transformou quando eu não era nada. Então para mim chegar na alta performance eu dependi de cada um desses profissionais mais a minha base familiar que era os meus filhos, que era minha companheira, tanto a Claudete [nome fictício] como a Marlene [nome fictício] hoje.

Por fim, Laura, para superar as dificuldades e barreiras existentes na sociedade e chegar aonde chegou, contou e conta com ajuda da sua família, que é seu maior apoio. A

presença ativa da família na vida de uma pessoa com deficiência é fundamental para estimular e incentivar a prática esportiva, ainda mais quando o praticante é uma menina e/ou mulher com deficiência (ANDERSON, 2009; RUDELL; SHINEW, 2006).

Eu não consigo pensar em outra coisa a não ser a minha própria família, assim, me dando incentivo, mas no âmbito geral do que me incentivou aí, do que me incentivou foi a minha condição física e um sonho, um sonho de criança, assim, o sonho de ser atleta, de estar aqui [no alto rendimento].

5.4 Capacitismo: os estereótipos e narrativas que caracterizam pessoas com deficiência

Márcia adquiriu a deficiência no momento em que ficou grávida. Além do risco de vida que corria em manter a gestação, ela e sua família sabiam que, caso sobrevivesse, ela seria uma mãe com deficiência. Esse cenário nos remete ao modelo médico, um sistema que regula e controla corpos com deficiência e que legitima a interrupção do direito à maternidade e sexualidade de mulheres com deficiência (FARIAS, 2017). No caso de Márcia, ela realizou o sonho de ser mãe, mas por diversas vezes lhe foi dirigida a palavra de que ela não poderia exercer essa função em decorrência de sua deficiência. Ela foi questionada em relação à função da maternidade, inclusive por sua mãe, visto que os papéis sociais de mãe e esposa visam responder àquilo que é colocado como normativo. Ela viveu o problema da deficiência pelo modelo médico na família. Sendo assim, ao adquirir uma deficiência, a ela foram questionados esses direitos: *“Mas a superproteção de mãe é bastante, ela falava “você vai deixar essa criança cair, deixa que eu levo ela pra você depois”. Eu disse: “não, deixa ela, vai ter que acostumar assim comigo.”*

Algumas mulheres com deficiência são forçadas a abrir mão do cuidado e da educação dos filhos, simplesmente por apresentar uma condição que posiciona seu corpo como incapaz na percepção da sociedade pelo modelo médico. Dessa maneira, transfere a responsabilidade da criança única e exclusivamente para o pai e/ou profissionais contratados para essa função (FARIAS, 2017). Sendo assim, é fundamental que familiares e profissionais reconheçam e garantam os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres com deficiência (CONSTANTINO; LUIZ, 2020), além do exercício da maternidade.

Como consequência disso, as narrativas das mulheres com deficiência estão relacionadas com experiências de rejeição ou superproteção por parte da família (NICOLAU;

SCHRAIBER; AYRES, 2013). Em seus relatos, Márcia revela como sua mãe quis protegê-la ao mesmo tempo em que ela tentava ser independente para seguir sua vida e exercer a maternidade:

[...] passei por uma fase da minha mãe querer me superproteger, de tentar fazer as coisas por mim. Eu tinha que estar cortando, eu dizia “não mãe, deixa eu ser mãe, eu quero ser a mãe. Eu quero fazer isso, se eu não conseguir, eu vou pedir ajuda.

É importante lembramos que a deficiência não está no corpo da pessoa com deficiência, mas nas barreiras sociais presentes na sociedade (SERON et al., 2021). No entanto, a visão médica da deficiência considera que esse corpo deve passar por um processo de cura e reabilitação, visto que foge dos padrões (SERON et al., 2021). Nessa perspectiva, temos o capacitismo. Marcado pela desvalorização da deficiência através da valorização de um modelo padrão de corpo e capacidade física, fundamenta-se na premissa de que existe um modelo ideal de ser, i.e., tudo o que foge desse padrão é inadequado (CAMPBELL, 2008). Márcia relata que já sofreu preconceito pelo fato de ter uma deficiência, mas que não dá ênfase a isso e prefere ver o lado bom das coisas:

Nunca levei para esse lado de preconceito, levar pelo lado de “coitadinha”, “ela não consegue, ela nunca vai poder mais sair de casa”, enfim. Eu já tive preconceitos na minha própria família [da avó] que falava que “deficiente, lugar de deficiente é ficar dentro de casa”, que eu não deveria estar saindo de casa, “é perigoso para você” [...] eu escolho mesmo ver o lado bom de todas as situações.

O capacitismo está intimamente ligado ao fato de como a deficiência é compreendida historicamente e, assim como outros sistemas de opressão (e.g. racismo), ele é estrutural em nossa sociedade (SERON et al., 2021). O relato de Márcia, ao abordar sobre o preconceito de sua avó mostra o quanto a compreensão negativa da deficiência ainda está enraizada na nossa sociedade:

[...] é uma coisa que vem enraizada, eu estou falando da minha avó agora, que vem enraizado com ela, tem 98 anos. É difícil dela entender que uma pessoa saudável, que conseguia fazer tudo, inclusive fazer as coisas para ela, de uma hora para outra fica numa cadeira. Para ela, assim, eu teria que ficar presa dentro de casa. Ela não aceita que eu saia, que eu conheça o mundo, que eu dirija, que eu consegui cuidar da minha filha.

O capacitismo reflete uma “postura preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da adequação dos seus corpos à corpornormatividade” (MELLO, 2016, p. 94) e é sustentado pela relação de corpo apto - mente apta (EVANS, 2019). A luta anticapacitista é um bem comum e de interesse de todos que buscam a justiça social (EVANS, 2019). Nesse sentido, o esporte se apresenta como um dos contextos com maior potencial para contribuir nessa luta, expondo para a sociedade que corpos com deficiência podem alcançar níveis elevados de desempenho, serem eficientes e produtivos (SERON et al., 2021).

Além disso, na busca da luta pelo direito e legitimidade no contexto esportivo, Márcia se coloca numa posição de ativista da deficiência. Ela conversa com pais e crianças para mudar a compreensão da deficiência como uma limitação:

[...] eu gasto meu tempo contando a minha história, eu gasto meu tempo conversando com os pais, conversando com as crianças para ir modificando essas pessoas para o futuro, porque eu acredito que os pequenininhos de hoje são nosso futuro para que futuramente não tenha o preconceito, mas também pela inclusão. Assim como eu que, do dia para noite precisei ter acessibilidade, qualquer um pode, da noite para o dia também, vim a ter. Inclusive, não é só eu que preciso de uma rampa né, é uma mãe com carrinho de bebê, é uma pessoa puxando uma mala, então assim, eu vejo por esse lado, sabe, eu não vejo que seja só para mim cadeirante.

Ao nos contar sobre esses discursos, Márcia parece compreender a deficiência a partir do modelo social, resistindo ao conceito de deficiência como lesão (SANTOS, 2008) e colocando em destaque o fato de que todos um dia podem se tornar pessoas com deficiência e que não são somente pessoas com deficiência que precisam de inclusão e acessibilidade.

Pâmela traz o capacitismo mais voltado à prática esportiva, quando expõe seu desconforto ao ser parabenizada com o termo “superação”, sendo uma atleta usuária de cadeira de rodas, conquistando medalhas na piscina:

Eu não gosto das pessoas que me dão parabéns ou que me parabenizam e falam: “isso aí, você exemplo de superação!”. Não, não sou exemplo. Eu estou sendo, tô tendo exemplo de pessoas que sabe o que que significa superação. Essa palavra superação as pessoas tem que buscar ela mais a fundo, porque superação não é só porque eu tô numa cadeira de roda e “Ah”. Não. Superação é aquele profissional que deixa de tirar a alimentação dele pra me nutrir, pra mim continuar fazendo o que eu tava fazendo, pra- ou não desistir. Então isso para mim é superar. Quando uma auxiliar de serviços gerais compartilha o seu almoço e quando a recepcionista compartilha do seu salário pra mim comprar uma passagem aérea pra mim não desistir, entende? Isso é superação! E são os bastidores que as pessoas desconhecem.

O termo “exemplo de superação” ao se referir a uma pessoa com deficiência, seja ela na sua atividade atlética ou conquistando algo em outras áreas da vida remete à superação da deficiência, retomando os pressupostos do modelo médico e trazendo a ideia da deficiência como algo negativo (DINIZ, 2007), logo, que deve ser superado. Relacionar a superação com a deficiência, de certa forma, ignora o esporte adaptado e paralímpico como um direito legal para a pessoa com deficiência e o coloca como uma prática privilegiada na qual é possível superar as barreiras que a deficiência coloca [uma visão a partir do modelo médico] (SERON et al., 2021). Para isso, é preciso desconstruirmos essa concepção, a fim de superar as barreiras sociais, estruturais e atitudinais de uma sociedade capacitista.

Laura revela seu desconforto em relação aos estereótipos do que é uma pessoa com deficiência. Por ser considerada uma mulher muito bonita pois corresponde à alguns padrões de beleza, as pessoas não imaginam que ela realmente tenha uma deficiência (quando sua perna não está à mostra):

[...] por eu ter essa cara padrão, por ser uma menina considerada bonita e não sei o que, quando eu cheguei aqui, que as pessoas acham que a pessoa com deficiência não pode ser bonita. [...] eu já ouvi tanto tipo assim “ai, mas você é tão bonita, pena que tem isso na perna né” tipo, sabe, isso é muito sem noção [risos], quando eu ouço uma coisa dessa, dá vontade assim, de sair gritando e esbravejando, e é claro que eu me contenho e tal, eu tento falar “não, não é apesar disso”, tipo, “não, qual o problema?”, assim “por que que eu não posso ser?”

Além disso, no meio da transição entre esporte olímpico e paralímpico, Laura se sentiu, de certa forma, sem uma identidade enquanto amante de esportes. Ela não se enquadrava na categoria de pessoa sem deficiência, mas também não se identificava como uma pessoa com deficiência, visto que sua concepção de pessoa com deficiência era baseada em estigmas (GOFFMAN, 1963; MARTINS; BARSAGLINI, 2011; MORGADO et al., 2017) aos quais ela não se enquadrava: cadeira de rodas, amputados, cegos, entre outras deficiências mais visíveis. A própria pessoa com deficiência, por falta de conhecimento ou por não aceitar a deficiência, internaliza o capacitismo dentro da sua condição enquanto pessoa com deficiência (CAMPBELL, 2001; KNOLL, 2012).

Eu me sentia, eu me vi num momento que, assim, eu não conseguia nem praticar o esporte olímpico e eu achava que eu também não me enquadrava no paralímpico, então eu vivi, tipo assim, sabe? Quem vai me acolher agora, o que que eu vou fazer, o que que, será que eu realmente não posso fazer nada? E o esporte era minha vida, então nesse momento realmente foi um choque,

assim, de realidade, sabe? De tipo “o que que eu vou fazer?”, porque eu queria ser profissional, então naquele momento “o que que eu vou fazer?”. [...] eu nunca achei que eu poderia nem me enquadrar como uma pessoa com deficiência, assim, eu não eu não me colocava esse rótulo, e aí eu já não sei se era um rótulo porque eu não queria me colocar na época, que eu tinha uma versão, por ter sido atleta, enfim, eu tive essa dificuldade de, no início, não dificuldade, tipo, de mostrar minha perna, eu nunca tive esse problema, mas de me colocar o rótulo tipo, “sou uma pessoa com deficiência”.

A fim de proporcionar uma visão geral dos principais achados e as discussões abordadas em cada uma das quatro categorias de análise, elaboramos tabela a seguir. Nela, sintetizam-se os pontos mais relevantes discutidos em cada categoria, permitindo uma compreensão mais clara e objetiva das informações apresentadas. Essa tabela busca consolidar as observações realizadas, destacando os aspectos mais significativos e facilitando a visualização comparativa das categorias.

Tabela 3: Resumo dos resultados e discussões das categorias de análise.

CATEGORIAS	INDICADORES
Esporte: um agente transformador na identidade e experiência de atletas paralímpicas	• Mudança de perspectiva • Nova identidade
Esporte e gênero: a luta das atletas pela equidade no movimento paralímpico	• Igualdade no esporte • Ativismo pelo gênero
Família e equipe multidisciplinar: os agentes facilitadores na trajetória de atletas paralímpicas	• Profissionais protagonistas • Familiares apoiadores
Capacitismo: os estereótipos e narrativas que caracterizam pessoas com deficiência	• Sistema de opressão • Ativismo pela deficiência

6. Considerações finais

Com esta pesquisa, conseguimos investigar a experiência de cinco atletas paralímpicas brasileiras de alto rendimento. A partir da subjetividade e diversidade das experiências das atletas, algumas categorias de análise foram comumente abordadas entre as participantes do estudo.

As atletas trouxeram um ponto de intersecção importante: o gênero. O esporte, apesar de ser transformador num sentido positivo atribuído através dos relatos das participantes, ele se constitui como um contexto opressivo para as mulheres. As ações opressivas se concentram nas falas e abordagens preconceituosas sustentadas pelo estereótipo de que o esporte não é o melhor espaço para as mulheres ocuparem. Na tentativa de quebrar paradigmas, elas lutam se dedicando à modalidade em suas carreiras para alcançar resultados expressivos e motivam outras meninas e mulheres à prática esportiva. Todas as atletas, sem exceção, buscam ser exemplo para que, num futuro não distante, o esporte paralímpico como um todo seja um contexto no qual a equidade de gênero se manifesta. Ser mulher no contexto esportivo paralímpico se apresenta como um ato de resistência!

A ética do cuidado, pauta dos estudos feministas da deficiência, se manifestou quando as atletas relataram sobre o suporte e apoio que recebem daqueles e daquelas que fazem parte dos seus convívios, estando próximos ou não. A presença da família, seja durante a infância, adolescência ou fase adulta se apresentou como o principal ponto de apoio das participantes. Além disso, ter uma equipe multidisciplinar e comissão técnica acolhedora, que é sensível à diversidade, envolvendo o ser mulher e ser uma pessoa com deficiência, é essencial para que a experiência no esporte seja positiva, facilitando o acesso, a permanência e ascensão das mulheres nas modalidades esportivas.

Outro ponto de intersecção importante que as atletas trouxeram foi a deficiência que, assim como a raça, a etnia, orientação sexual, faixa etária etc., constitui uma das inúmeras características que compõem a identidade das atletas. Ouvir e compreender este fenômeno foi essencial para ressignificarmos, cada vez mais, o que é a deficiência. Mudar a compreensão da deficiência como algo negativo, uma doença ou uma tragédia pessoal para uma característica inerente à identidade fortalece uma mudança social que é fundamental para cessar ou, no mínimo, reduzir o sistema opressivo. Transitar do modelo médico para o modelo social e trazer a crítica feminista para discussão é fundamental dentro de uma sociedade capacitista que incapacita, invalida e invisibiliza pessoas com deficiência.

Por fim, queremos ressaltar aqui o principal ponto de convergência sobre o objeto deste estudo: o significado do esporte paralímpico. O esporte é transformador e se apresentou como um ponto de virada na experiência de vida como pessoa com deficiência das participantes deste estudo. Através do esporte, conceitos, percepções e valores foram ressignificados. Além

disso, novas oportunidades antes inimaginadas pelas atletas foram experienciadas, moldando suas trajetórias esportivas.

Dentre as lacunas do estudo, identificamos um único tipo de deficiência das atletas que, neste caso, era a deficiência física. Além disso, foram analisados somente dois pontos de intersecção: deficiência e gênero. Sendo assim, através das reflexões realizadas, futuros estudos devem valorizar a pesquisa emancipatória e incorporar as lentes dos estudos feministas da deficiência. Neste sentido, é imprescindível o aprofundamento da discussão da interseccionalidade e a variedade de deficiências, a fim de explorar mais a fundo a diversidade do que é ser uma mulher com deficiência, o que é ser uma atleta paralímpica com deficiência (física, auditiva, visual, intelectual, sensorial, múltipla) e como esta identidade, que é plural, se manifesta no contexto esportivo paralímpico de alto rendimento.

7. Referências bibliográficas

ABBERLEY, P. Disabled People and “Normality”. In: SWAIN, J. et al. (Eds.). **Disabling Barriers – Enabling Environments**. London: SAGE Publications, 1993. p. 107–115.

AITCHISON, C. Exclusive discourses: leisure studies and disability. **Leisure Studies**, v. 28, n. 4, p. 375–386, out. 2009.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ALEXANDER, D.; BLOOM, G. A.; TAYLOR, S. L. Female Paralympic Athlete Views of Effective and Ineffective Coaching Practices. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 32, n. 1, p. 48–63, 2 jan. 2019.

ALVES, I. DOS S. **A Trajetória de Mulheres Paralímpicas Brasileiras a partir dos Estudos Feministas da Deficiência**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2023.

ALVES, K. R. M.; RESENDE, G. C. Reflexões Sobre As Mulheres Que Exercem Múltiplas Funções: Papéis Sociais, Dentro E Fora De Casa. **REH - Revista educação e humanidades**, v. 2, n. 1, p. 622–631, 2021.

AMARAL, L. A. Deficiência: questões conceituais e alguns de seus desdobramentos. **Cadernos de Psicologia**, n. 1, p. 3–12, 1996.

ANDERSON, D. Adolescent Girls’ Involvement in Disability Sport: Implications for Identity Development. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 33, n. 4, p. 427–449, 18 nov. 2009.

ANDRADE, A. C.; ALMEIDA, M. A. B. DE. Análise documental das políticas públicas de incentivo as práticas físico-esportivas e de lazer para as pessoas com deficiência no brasil. **Conexões**, v. 10, n. 3, p. 42–60, 20 dez. 2012.

APELMO, E. **Sport and the female disabled body**. New York: Routledge, 2017.

APELMO, E. ‘You do it in your own particular way.’ Physical education, gender and (dis)ability. **Sport, Education and Society**, v. 24, n. 7, p. 702–713, 2 set. 2018.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**.

[s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ARAÚJO, P. F. **Esporte Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

ASHTON-SHAEFFER, C. et al. Women's resistance and empowerment through wheelchair sport. **World Leisure Journal**, v. 43, n. 4, p. 11–21, 2001.

BAMPI, L. N. DA S.; GUILHEM, D.; ALVES, E. D. Social Model: A New Approach of the Disability Theme. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 816–823, ago. 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições, 2016.

BARNES, C. The Social Model of Disability: Valuable or Irrelevant? In: **WATSON, N.; ROULSTONE, A.; THOMAS, C. Routledge Handbook of Disability Studies**. New York: Routledge, 2012. p. 12–29.

BARNES, C. Understanding the social model of disability: Past, present and future. In: **WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). Routledge Handbook of Disability Studies**. 2. ed. London and New York: Routledge, 2020. p. 14–31.

BARNES, C.; MERCER, G. **Exploring Disability**. 2. ed. Basingstoke: Macmillan, 2010.

BARNES, C.; MERCER, G.; SHAKESPEARE, T. **Exploring Disability – A Sociological Introduction**. Cambridge: Polity Press, 2000.

BARNES, C.; OLIVER, M.; BARTON, L. Introduction. In: **BARNES, C.; OLIVER, M.; BARTON, L. (Eds.). Disability Studies Today**. Cambridge: Polity Press, 2002. p. 1–17.

BARTON, L.; OLIVER, M. **Disability Studies: Past, Present and Future**. UK: The Disability Press, 1997.

BAYLIES, C. Disability and the Notion of Human Development: Questions of rights and capabilities. **Disability & Society**, v. 17, n. 7, p. 725–739, dez. 2002.

BÊ, A. Feminism and disability: A cartography of multiplicity. In: **WATSON, N.; VEHMAS, S. Routledge Handbook of Disability Studies**. 2. ed. New York: Routledge, 2020. p. 421–

435.

BELGO, K. M. **A trajetória da mulher no paradesporto brasileiro**. [s.l.] Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, jun. 2006.

BRASIL. **Decreto nº 1.744, de 8 de dezembro de 1995**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d1744.htm#:~:text=DECRETO No 1.744%2C DE 8 DE DEZEMBRO DE 1995&text=Regulamenta o benefício de prestação,1993%2C e dá outras providências>. Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192#:~:text=A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência%2C adotada,e para seu público destinatário.>. Acesso em: 3 ago. 2023.

BRISSENDEN, S. Independent Living and the Medical Model of Disability. **Disability, Handicap & Society**, v. 1, n. 2, p. 173–178, 1986.

CAMPBELL, F. A. K. Exploring internalized ableism using critical race theory. **Disability & Society**, v. 23, n. 2, p. 151–162, 3 mar. 2008.

CAMPBELL, F. K. Inciting Legal Fictions: “Disability’s” date with Ontology and the Ableist Body of Law. **Griffith Law Review**, v. 10, n. 1, p. 42–62, 2001.

CAMPBELL, J.; OLIVER, M. **Disability Politics: Understanding Our Past, Changing Our Future**. London: Routledge, 1996.

CARVALHO, A. N. L. DE; SILVA, J. P. DA. Sexualidade das pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 3, p. 289–304, 2018.

CHARLTON, J. I. **Nothing About Us Without Us: Disability Oppression and Empowerment**. Berkeley: University of California Press, 1998.

CIDADE, R. E. **ATLETAS PARAOLÍMPICAS: FIGURAÇÕES E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2004.

COB. **Lista de atletas do Time Brasil classificados para os Jogos Olímpicos Paris 2024**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/comunicacao/noticias/lista-de-atletas-do-time-brasil-classificados-para-os-jogos-olimpicos-paris-2024>>. Acesso em: 9 set. 2024.

CONSTANTINO, C.; LUIZ, K. G. Direitos sexuais e reprodutivos. In: COLETIVO FEMINISTA HELEN KELLER (Ed.). **Mulheres com deficiência: garantia de direitos para exercício da cidadania**. [s.l.: s.n.]. p. 49–56.

COSTA, L. M. DE L. **A perspectiva de mulheres com deficiência sobre gênero e sexualidade: contribuições para a Educação Sexual Emancipatória**. [s.l.] Universidade Federal de Jataí, 2021.

COTTINGHAM, M. et al. Women of power soccer: exploring disability and gender in the first competitive team sport for powerchair users. **Sport in Society**, v. 21, n. 11, p. 1817–1830, 2018.

CPB. **Jogos Paralímpicos: Resultados do Brasil**. Disponível em: <<https://cpb.org.br/competicoes/jogos-paralimpicos-de-verao/resultados-do-brasil/>>. Acesso em: 26 set. 2022a.

CPB. **Institucional**. Disponível em: <<https://www.cpb.org.br/ocomite/institucional>>. Acesso em: 26 set. 2022b.

CPB. **Confira 24 motivos que fizeram os Jogos Paralímpicos de Paris inesquecíveis**. Disponível em: <<https://cpb.org.br/noticias/confira-24-motivos-que-fizeram-os-jogos-paralimpicos-de-paris-inesqueciveis/>>. Acesso em: 9 set. 2024.

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 2nd. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2003.

DAVIS, L. J. **Enforcing Normalcy: Disability, Deafness, and the Body**. New York: Verso, 1995.

DE CAMARGO, W. X.; ALTMANN, H. Deslocamentos políticos e de gênero no esporte.

Revista Estudos Feministas, v. 29, n. 2, p. 1–11, 2021.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of Disability: Cultural Contexts and “Sporting Bodies”. **Quest**, v. 49, n. 4, p. 416–430, nov. 1997.

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

DINIZ, D. Modelo Social da Deficiência: a crítica feminista. **SérieAnis**, v. 28, p. 1–8, 2003.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINIZ, D. Deficiência e Políticas Sociais – entrevista com Colin Barnes / Disabilities and Social Policy -Interview with Colin Barnes -Debora Diniz. **SER Social**, v. 15, n. 32, p. 237–251, 2013.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. DOS. Deficiência, direitos humanos e justiça. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, n. 11, p. 64–77, 2009.

DOS SANTOS, L. G. T. F. et al. Brazilian Women in Paralympic Sports: Uncovering Historical Milestones in the Summer Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, p. 1–14, 2024.

EVANS, E. DISABILITY AND INTERSECTIONALITY: PATTERNS OF ABLEISM IN THE WOMEN’S MOVEMENT. In: **Elizabeth Evans and Eléonore Lépinard, eds. Intersectionality in Feminist and Queer Movements: Confronting Privileges**. Abingdon: Routledge. [s.l.: s.n.].

FAGRELL, B.; LARSSON, H.; REDELIUS, K. The game within the game: girls’ underperforming position in Physical Education. **Gender and Education**, v. 24, n. 1, p. 101–118, jan. 2012.

FARIAS, A. Q. DE. **TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE MULHERES: UMA LEITURA INTERSECCIONAL DA DEFICIÊNCIA**. [s.l.] Universidade Federal da Paraíba, 2017.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, n. 17–18, p. 9–79, 2002.

FERRI, B. A.; GREGG, N. Women with disabilities. **Women's Studies International Forum**, v. 21, n. 4, p. 429–439, jul. 1998.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2009.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FRENCH, D.; HAINSWORTH, J. 'There aren't any buses and the swimming pool is always cold!': Obstacles and opportunities in the provision of sport for disabled people'. **Managing Leisure**, v. 6, n. 1, p. 35–49, 2001.

GALATTI, L. R. et al. PEDAGOGIA DO ESPORTE: CONTEXTOS, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS PARA O ESPORTE PARALÍMPICO NA FORMAÇÃO DE JOVENS. **Corpoconsciência**, v. 19, n. 03, p. 38–44, 2015.

GARLAND-THOMSON, R. Integrating disability, transforming feminist theory. **NWSA Journal**, v. 14, n. 3, p. 1–32, 2002.

GARLAND-THOMSON, R. Feminist Disability Studies. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 30, n. 2, p. 1557–1587, 2005.

GARLAND-THOMSON, R. **Staring: How We Look**. New York: Oxford University Press, Inc., 2009.

GARLAND-THOMSON, R. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. In: **HALL, Kim Q. Feminist Disability Studies**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 2011. p. 13–47.

GESSER, M.; BLOCK, P.; MELLO, A. G. DE. ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, M.; BOCK, G. L. K.; LOPES, P. H. (Eds.). **ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: EDITORA CRV, 2020. p. 17–35.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H.; TONELI, M. J. F. A contribuição do modelo social da deficiência à psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 557–566, 2012.

GESSER, M.; ZIRBEL, I.; LUIZ, K. G. Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência: uma questão de justiça. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, 2022.

GIBBS, D. Social Model Services: an oxymoron? In: **Barnes, Colin; Mercer, Geof. Disability Policy and Practice: Applying the Social Model**. UK: The Disability Press, 2004. p. 144–159.

GIORDANI, R. C. F. et al. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 8, p. 2731–2739, ago. 2018.

GOELLNER, S. V. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85–100, 15 nov. 2005.

GOFFMAN, E. **Stigma: Notes on the management of spoiled identity**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1963.

HAIACHI, M. DE C. et al. Different views of (dis)ability: Sport and its impact on the lives of women athletes with disabilities. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 18, n. 1, p. 55–61, 2018.

HANNA, W. J.; ROGOVSKY, B. Women with Disabilities: Two Handicaps Plus. **Disability, Handicap & Society**, v. 6, n. 1, p. 49–63, 23 jan. 1991.

HARDIN, M. “I consider myself an empowered woman”: The interaction of sport, gender and disability in the lives of wheelchair basketball players. **Women in Sport and Physical Activity Journal**, v. 16, n. 1, p. 39–52, 2007.

HARGREAVES, J. **Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity**. London: Routledge, 2000.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61–73, 2014.

HUNT, P. A Critical Condition. In: **HUNT, P. Stigma: The Experience of Disability**. London: Geoffrey Chapman, 1996. p. 145–159.

IPC. **SYDNEY 2000 PARALYMPIC GAMES**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/sydney-2000>>. Acesso em: 8 ago. 2023a.

IPC. **The Agitos Logo – Paralympic Symbol**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/logo>>. Acesso em: 8 ago. 2023b.

IPC. **SUMMER PARALYMPIC GAMES OVERVIEW**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/paralympic-games/summer-overview>>. Acesso em: 8 ago. 2023c.

KIRAKOSYAN, L. Challenging Gender and Disability Stereotypes: Narrative Identities of Brazilian Female Paralympians. **Disabilities**, v. 1, n. 4, p. 420–437, 4 nov. 2021.

KNIJNIK, J. D. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A. C. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 14, n. 2, p. 196–213, 2000.

KNOLL, K. R. **Feminist Disability Studies: Theoretical Debates, Activism, Identity Politics, & Coalition Building**. [s.l.] University of Washington, 2012.

KRAHENBÜHL, T. et al. The Sports Career of Paralympic Women: the Case of the Brazilian Sitting Volleyball Team. **Movimento**, v. 28, p. e28071, 2022.

MAGNABOSCO, M. DE B.; SOUZA, L. L. DE. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. 1–11, 2019.

MAIA, A. C. B. A Sexualidade Depois da Lesão Medular: Uma Análise Qualitativa-Descritiva de Uma Narrativa Biográfica. **Interação em Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 227–237, 31 dez. 2012.

MALMBERG, D. "To be cocky is to challenge norms" The impact of bodynormativity on bodily and sexual attraction in relation to being a cripple. **lambda nordica**, v. 17, n. 1–2, p. 194–216, 2012.

MARTINS, B. S. et al. A emancipação dos estudos da deficiência*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 98, p. 45–64, 2012.

MARTINS, J. A.; BARSAGLINI, R. A. Aspectos da identidade na experiência da deficiência física: um olhar socioantropológico. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 15, n. 36, p. 109–121, 17 dez. 2011.

MEDEIROS, M.; DINIZ, D.; SQUINCA, F. Transferências de renda para a população com deficiência no brasil: uma análise do benefício de prestação continuada. 2006.

MELLO, A. G. DE. **GÊNERO, DEFICIÊNCIA, CUIDADO E CAPACITISMO: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DE EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E OBSERVAÇÕES SOBRE VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES COM DEFICIÊNCIA**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

MELLO, A. G. DE. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3265–3276, out. 2016.

MELLO, A. G. DE; NUERNBERG, A. H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 635–655, dez. 2012.

MORGADO, F. F. DA R. et al. Representações sociais sobre a deficiência: Perspectivas de alunos de educação física escolar. **Revista Brasileira de Educacao Especial**, v. 23, n. 2, p. 245–260, 2017.

MORRIS, J. Impairment and Disability: Constructing an Ethics of Care That Promotes Human Rights. **Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy**, v. 16, n. 4, p. 1–16, 2001.

NEPOMUCENO, M. F. **Apropriação no Brasil dos estudos sobre deficiência: uma análise sobre o modelo social**. [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

NEPOMUCENO, M. F.; ASSIS, R. M. DE; CARVALHO-FREITAS, M. N. DE. Apropriação do Termo “Pessoas com Deficiência”. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1–27, 27 maio 2020.

NEUENDORF, K. A. Content Analysis—A Methodological Primer for Gender Research. **Sex Roles**, v. 64, n. 3–4, p. 276–289, 20 fev. 2011.

NEVES-SILVA, P.; PRAIS, F. G.; SILVEIRA, A. M. Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho em Belo Horizonte, Brasil: cenário e perspectiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 8, p. 2549–2558, ago. 2015.

NICOLAU, S. M.; SCHRAIBER, L. B.; AYRES, J. R. DE C. M. Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 3, p. 863–872, mar. 2013.

OLIVER, K. L.; HAMZEH, M.; MCCAUGHTRY, N. Girly Girls Can Play Games / Las Niñas Pueden Jugar Tambien: Co-Creating a Curriculum of Possibilities with Fifth-Grade Girls. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 28, n. 1, p. 90–110, jan. 2009.

OLIVER, M. **The Politics of Disablement**. London: Macmillan Education UK, 1990.

OLIVER, M.; BARNES, C. **The New Politics of Disablement**. UK: PALGRAVE MACMILLAN, 2012.

OLKIN, R. **What psychotherapists should know about disability**. New York: Guilford Press, 1999.

OMS. **International Classification of Disease**. GenebraOrganização Mundial da Saúde, , 1976.

OMS. **International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps**. GenebraOrganização Mundial da Saúde, , 1980.

ONU MULHERES. **Esportes**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/fim-da-violencia-contra-as-mulheres/esportes/>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

PACK, S.; KELLY, S.; ARVINEN-BARROW, M. “I think I became a swimmer rather than just someone with a disability swimming up and down:” paralympic athletes perceptions of self and identity development. **Disability and Rehabilitation**, v. 39, n. 20, p. 2063–2070, 2016.

PARSONS, A.; WINCLER, C. Esporte e a Pessoa com Deficiência. In: **MELLO, Marco Túlio; WINCKLER, Ciro. Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.

PATTON, M. Q. Two Decades of Developments in Qualitative Inquiry. **Qualitative Social Work**, v. 1, n. 3, p. 261–283, 15 set. 2002.

PETERS, M. **Pós estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte - MG: Autêntica Editora, 2000.

PFEIFFER, D. The Devils are in the Details: The ICIDH2 and the disability movement. **Disability & Society**, v. 15, n. 7, p. 1079–1082, dez. 2000.

PFEIFFER, D.; YOSHIDA, K. Teaching Disability Studies in Canada and the USA. **Disability & Society**, v. 10, n. 4, p. 475–500, dez. 1995.

PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. Empower, inspire, achieve: (dis)empowerment and the Paralympic Games. **Disability & Society**, v. 27, n. 7, p. 903–916, 13 dez. 2012.

ROQUE, M. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 7–32, 1999.

RUBIO, K. **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. 1ª ed. São Paulo: Laços, 2021.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. DE ESPECTADORAS A PROTAGONISTAS - A CONQUISTA DO ESPAÇO ESPORTIVO PELAS MULHERES. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 5, n. 11, p. 50–56, 19 out. 2007.

RUDELL, J. L.; SHINEW, K. J. The socialization process for women with physical disabilities: The impact of agents and agencies in the introduction to an elite sport. **Journal of Leisure Research**, v. 38, n. 3, p. 421–444, 2006.

SANTOS, W. R. DOS. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. **Physis: Revista de**

Saúde Coletiva, v. 18, n. 3, p. 501–519, 2008.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SERON, B. B. et al. O ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A LUTA ANTICAPACITISTA – DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE A DEFICIÊNCIA À VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, n. e27048, p. 1–14, 18 set. 2021.

SETH, N.; DHILLON, M. Intersections of Disability and Gender in Sports: Experiences of Indian Female Athletes. **Disability, CBR & Inclusive Development**, v. 30, n. 3, p. 65–81, 27 jan. 2020.

SHUTTLEWORTH, R. Bridging theory and experience: A Critical-Interpretative Ethnography of Sexuality and Disability. In: **Sex and Disability**. Durham and London: Duke University Press, 2012. p. 54–68.

SOUSA, J. R. DE; SANTOS, S. C. M. DOS. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 31 dez. 2020.

STRIDE, A. et al. The en/gendering of volunteering: “I’ve pretty much always noticed that the tail runner is always female”. **Sport Management Review**, v. 23, n. 3, p. 498–508, 2020.

THOMAS, C. Disability and Gender: Reflections on Theory and Research. **Scandinavian Journal of Disability Research**, v. 8, n. 2–3, p. 177–185, jun. 2006.

TONON, L. M. M. Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaios e histórias. In: **RUBIO, K. Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. 1. ed. São Paulo: Laços, 2021. p. 89–100.

TUBINO, M. **500 anos de legislação esportiva brasileira: do Brasil colônia ao início do século XXI**. Rio de Janeiro: Shape, 2002.

UPIAS. *Fundamental Principles of Disability*. p. 1–34, 1976.

VIGARELLO, G. Virilidades esportivas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (Eds.). **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 610.

WATSON, N. Agency, structure and emancipatory research: Researching disablement and impairment. In: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability Studies**. London and New York: Routledge, 2020. p. 127–141.

WATSON, N.; VEHMAS, S. Disability studies: Into the multidisciplinary future. In: WATSON, N.; VEHMAS, S. (Eds.). **Routledge Handbook of Disability Studies**. London and New York: Routledge, 2020. p. 3–13.

WELCH, P.; COSTA, D. M. A century of Olympic competition. In: **COSTA, D. Margaret; GUTHRIE, Sharon Ruth. Women and sport: interdisciplinary perspectives**. [s.l.] Human Kinetics, 1994. p. 123–138.

8. Apêndice 1

TRANSCRIÇÃO - MÁRCIA

E: Enfim, em termos gerais, eu como pesquisadora não posso interferir muito, então às vezes você vai falar alguma coisa, eu não posso falar “ai, que legal”, “ai, que chato”, é uma questão do conselho, do comitê de ética, enfim, não, não interferir tanto. Eu vou anotando algumas coisas, então se eu não interferir muito assim, né, eu tô anotando, tô prestando atenção, tá bom? É, a qualquer momento, se você quiser interromper, falar “olha, chega por hoje”, tranquilo. Também vamos ver como que vai ser o andamento da nossa conversa aqui, qualquer coisa se a gente ver que tá ficando muito extenso, a gente marca para outro dia né, uma continuação e tudo mais. É, se alguma pergunta você também não quiser responder, não se sentir confortável de responder, não tem problema nenhum, tá bom? Só avisar que não tem problema.

P: beleza!

E: Tá bom. Eu queria começar né, querendo que você fale um pouco da sua história de vida né, como que a deficiência apareceu na sua vida, como que você chegou no esporte, um contexto bem geral assim né, pode entrar em detalhes, enfim, do jeito que você preferir falar mesmo.

P: Tá! Eu sou a Márcia [nome verdadeiro alterado para nome fictício], eu sou cadeirante há 20 anos. Eu tive um angioma medular, uma má formação de nascença, porém ela se manifestou ou quando eu ficasse grávida ela ia se manifestar ou na menopausa, porém eu não sabia que eu tinha essa má formação, eu nunca tive dor nenhuma, nunca tive em hospital, enfim. Eu tava casada com, já há quatro anos e a gente resolveu ter filhos e aí começamos a praticar um pouquinho mais (risos) e aí um certo dia, da noite para o dia, eu acordei, literalmente não consegui levantar, eu tentei levantar e não consegui. Aí conversei com meu marido, aí a gente foi procurar ajuda, especialista, porque eu já tinha ido uns três dias antes, eu tinha ido no médico aqui da minha cidade, eu moro em Santo Antônio da Patrulha, uma cidade pequena e eu já tinha feito vários exames, porém ele demora de 3 a 5 dias para ficar pronto porque aí vai para a capital, enfim. Só que nesse meio tempo eu simplesmente acordei de manhã, não consegui levantar, eu acho que passou acho que três noites mesmo, e aí fui para Porto Alegre, onde eu baixei no hospital da PUC e eu tava, primeiro exame que a gente fez, fez exame de sangue e eu tava grávida de quase dois meses. Então para mim era cinco semanas, mas era muito feliz

porque era uma coisa que todo mês eu fazia teste e não tava grávida, e foi uma realização assim, só que junto eu tava sem andar e a gente não sabia o porquê. E aí a gente começou a fazer uma bateria de exames para descobrir porque eu não tinha dor, eu não tinha nada, simplesmente eu não tinha força de levantar. E nisso se passaram dois meses até eu completar 4 meses de gestação, esses dois meses eu fiquei dentro do hospital, né, em repouso esperando mesmo fechar os quatro meses de gestação para poder fazer alguns exames mais específicos que não prejudicasse o neném. A gente fez uma cateterismo, onde eu descobri daí que eu tinha esse angioma medular e que eu deveria estar interrompendo a gestação para poder fazer uma cirurgia, porque em 5 semanas eu parei de andar, então eles achavam que até o quinto mês de gestação eu vinha a óbito e eu já tava no quarto, então eu já tava muito inchada, prestes a dar uma hemorragia interna na coluna né, dentro da coluna né. Mas essa opção não existia dentro de mim e tive uma conversa lá com Deus e pedi para que tivesse que acontecer, que acontecesse comigo e que eu conseguisse ter minha filha com saúde, e aí pedi alta para mim vir para casa, eu vim para casa, só que segunda, quarta e sexta eu tinha que ir no hospital para ver como é que tava, o neném se gerando, se tava tendo alguma malformação, se realmente continuava oxigenando bem e Graças a Deus eu consegui levar minha gestação até o oitavo mês, onde eu ganhei a minha filha em novembro de 2002 e um mês após ter ganhado ela, o médico me ligou na sexta-feira para mim baixar na segunda para estar fazendo essa cirurgia de retirada do angioma. Foi uma cirurgia de 12 horas, eu tinha que tirar o mamá da minha filha, foi, para mim foi a parte mais difícil, assim, de toda, de todo esse processo e por uma cirurgia em que as chances era eu vir a óbito ou ficar tetraplégica. Então para mim foi a parte mais difícil, largar minha filha que eu tava pegando nos braços e amamentando, sabendo que eu ia para uma cirurgia que eu não voltaria mais pegar ela nos braços. Mas, com a graça de Deus, acredito que como eu não tirei uma vida, ele me devolveu a minha, né. Eu fiz a minha cirurgia, depois de 12 horas, começou a voltar a criar também o liquor da coluna, passar anestesia, mas eu demorei mais de 20 dias para começar a voltar a ter 100% dos movimentos dos braços, e aí veio o diagnóstico que eu fiquei só paraplégica. Para mim foi uma felicidade, sabe, eu só quero uma cadeira para mim cuidar da minha filha e ser mãe, né? Porque eu fiquei muito tempo em repouso, muito tempo sem poder sair da cama, repouso absoluto e eu também não conseguia andar e não poderia fazer nenhum esforço para não estar correndo mais risco de vida, tanto meu como da minha filha, né. E aí se passaram cinco anos, eu sendo mãe e dona de casa, né? Indo para o chão, voltando, me tornei em menos de 6 meses completamente independente numa

cadeira de rodas, muito pela minha filha, pela Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício], porque eu queria tanto ser mãe, fazer as coisas para ela, que eu tinha que me tornar independente de ir para o chão, voltar para cadeira, fazer comida, tudo, dar banho nela, andar de bicicleta, só que passou esses 5 anos e eu vi que eu precisava de uma válvula de escape. Aí a Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício] foi estudar e eu queria voltar a trabalhar, queria voltar a fazer um esporte que eu sempre gostei de esporte, e aí descobri o esporte adaptado em outra cidade, em Canoas, aonde eu comecei pelo basquete, onde eu fiquei 3 anos jogando basquete, só que só tinha masculino e eu de menina junto com os guri, mas foi assim, bastante aprendizado, muito bom, e depois disso eu procurei vários outros esportes adaptados, mas aonde eu me encontrei mesmo foi na esgrima, quando eu comecei em 2010 na esgrima. Não sei se tu quer mais detalhados, se tu quer, tu vai me perguntando (risos).

E: É, só uma dúvida aqui né, que eu tava fazendo algumas anotações, você não sabia ainda que tava grávida né, você acordou sem conseguir se locomover e tudo mais, e foi no médico, aí descobriu que tava grávida. Durante, eu só não entendi uma coisa: durante toda a sua gestação você ficou sem, é, o movimento das pernas, como que foi isso? Ou não?

P: Sim, no momento que eu acordei, que eu tentei levantar eu já não consegui mais, não consegui mais levantar, parou. E aí eu fiquei esse tempo todo de repouso, fiquei esse tempo todo na cama e andava em uma cadeira de escritório, tipo alguém me puxando para mim ir tomar banho, ir até o banheiro tomar banho e também fazer uma refeição pelo menos fora da cama, era isso que eu fiz durante esse tempo todo, porque tipo, eu não podia ter nenhum movimento brusco, eu não podia me estressar, eu não podia nem gritar, eu não podia, eu já tava ficando louca (risos).

E: E todo esse período né, da sua gestação, depois também da sua cirurgia né, como que foi essa relação também da, não só do seu marido né, mas assim, da sua família no geral, tava envolvida com você, você falou bastante dessa questão de ficar dependente depois da cirurgia né, como que foi essa relação com seu marido, com sua família, com a sua filha também que tava ali recém-nascida e depois desse período de cinco anos que você ficou bastante com ela?

P: No primeiro momento, assim, para mim tomar decisão que já tava tomada por mim, tanto meu marido como meu pai, eles não queriam né, eles queriam que eu interrompesse a gestação para mim poder estar fazendo a cirurgia, eles queriam salvar minha vida porque eu tava com

dois meses, não tava sentindo nada, eles não tavam vendo nada, eu não tinha barriga ainda, nada. Mas no momento que eu decidi, que eu falei “olha, eu quero, eu vou ter”, eles me apoiaram, ficaram ao meu lado, tanto eles como a minha mãe. Aí passou esse tempo todo, eu perdi meu pai 10 dias antes de eu ganhar minha mãe, para mim, antes de eu ganhar a Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício], para mim foi um choque, assim, bem grande, eu acredito que foi até por isso que a bolsa estourou, eu senti contração, eu senti dores com 8 meses para ganhar ela, então eu tive o que eu não poderia ter, que eu tava totalmente em repouso eu tive na perda do pai né, mas acredito que ele tenha ido na época certa pra salvar eu e a Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício], mas isso é outra situação (risos), outro caso. Mas, assim, depois que eu fiz a cirurgia, que eu fiquei paraplégica, que eu disse assim “gente, eu tô só paraplégica”, eu não poderia mais voltar a pegar minha filha nos braços, eu voltei a pegar, eu vou tentar fazer tudo que eu possa fazer mesmo estando numa cadeira. E aí é assim ó, o marido sempre a gente conversava mais do que eu conversava com a minha mãe, mas assim, deixa eu tentar fazer para depois se eu não conseguir eu pedir ajuda, mas isso veio de mim, né. Eu conheço vários outros cadeirantes, conheço várias outras pessoas que têm alguma deficiência, isso é muito da pessoa sabe, quem realmente é independente, quem quer ser, vai à luta, sabe? Agora quem já vem dependendo, mesmo não tendo nenhuma deficiência, quando ficar deficiente vai ficar mais independente ainda, então assim, eu acho que é muito de cada pessoa, então assim, a fase da mãe de querer se me super proteger, de tentar “ai, deixa que eu te ajudo, deixa que eu faço para ti”. Eu tinha que estar cortando, sabe, eu disse “não mãe, deixa eu ser mãe, eu quero ser a mãe, eu quero fazer isso, se eu não conseguir, eu vou pedir ajuda”. Gente, eu dava banho na Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício] tipo na minha cama né, eu pedi para o meu marido me ajudar a colocar a banheira e aí eu passava para cama para poder tirar a roupa dela, para poder dar banho nela que era mais seguro se acaso eu caísse, eu me desequilibrasse estando nós duas na cama né, máximo que ia dar era uma cama molhada, mas íamos estar protegidas ali sem cair no chão, então assim, sempre foi muito de conversa, sempre foi muito ter esse diálogo né. Quando eu comecei a buscar um esporte, que eu comecei a trabalhar e fazer um esporte e ainda cuidar da casa e tudo mais estando na cadeira, foi meio complicado essa parte assim de eu dirigir fora da cidade, porque eu sou de uma cidade pequena, do interior, na época a gente tinha duas sinaleira aqui na cidade, então assim, ah, tu saiu para uma cidade grande onde quase nenhum dos homens bem dizer daqui de Santo Antônio vai para Porto Alegre dirigindo, pegar trânsito com o carro adaptado, telefone eu tinha mas era, sabe,

fui ter assim depois de alguns anos, então a gente não tinha toda essa tecnologia que a gente tem hoje, já “se furar um pneu, como que tu vai fazer?”, “eu vou descer minha cadeira, vou pedir ajuda, vou fazer alguma coisa”, mas assim, foi muito diálogo e muito segurança, tipo, eu tinha que chegar lá e ligar “eu cheguei”, “tô saindo daqui”, “vou demorar”, “aconteceu tal coisa”, “não aconteceu”, era muito assim de diálogo mesmo e de confiança né, eu vou tentar fazer, se eu não conseguir eu vou pedir ajuda.

E: Tá certa! E aí você falou que primeiro você foi conhecer o esporte adaptado e foi para o basquete primeiro né. E, assim, como que você foi parar no basquete, alguém falou para você ou você foi atrás e o que fez você decidir ir para esgrima e ficar realmente na esgrima?

P: O basquete eu procurei na época do Orkut (risos), vão entregar a minha idade né, mas tudo bem (risos). Na época do Orkut eu comecei a pesquisar vários esportes adaptados, até porque eu queria fazer alguma coisa nem que fosse em casa, para ter essa válvula de escape né, para ter um tipo, fazer um físico em casa, e aí eu fui para o Orkut e comecei a procurar, procurar e eu vi que tinha em Canoas basquete adaptado numa Associação, e aí eu fui procurar essa Associação, conheci a Associação e depois eu fui fazer o basquete mesmo com os guri. Eu fui em campeonato, joguei em campeonato junto com eles, porém eu não podia ser, entrar para uma seleção brasileira, vamos supor, do basquete, porque era masculino e eu era feminino e não tinha meninas, eu tentei buscar meninas e tudo mais para fazer esse esporte e eu não encontrei. E aí lá, o Gabriel [nome verdadeiro alterado para nome fictício] fazia o basquete para ter um preparo físico, porém ele era atleta de alto rendimento da esgrima e ele disse “Márcia [nome verdadeiro alterado para nome fictício], por que que tu não experimenta a esgrima já que lá tem feminino e é um esporte individual?”. Cara, eu no começo eu chamava a máscara de capacete né, eu levava cada uma porque além de tudo eu trabalhava na oficina de moto do meu irmão e do meu marido que, né, já propiciava falar capacete não máscara né, mas tudo bem. E assim seguiu, assim, e quando eu fui experimentar a esgrima, eu tava experimentando já outros, daí eu comecei a conversar com um, com outro e aí um fazia outro esporte para ter essa válvula de escape do alto rendimento do próprio basquete, então eu experimentei Kart, tênis de mesa, tiro ao alvo, experimentei vários outros até chegar e realmente ver que o que eu queria era esgrima assim, mas foi através de outra pessoa com deficiência que eu descobri a esgrima também.

E: É, e todos esses esportes né que você falou que você chegou a praticar né, para fazer um teste se gostava ou não, eram todos na mesma associação ou não?

P: Não. Aí, assim ó, o basquete foi em Canoas e o resto tudo foi em Porto Alegre em várias associações, vários clubes, associação, tudo diferente, cada um em algum lugar.

E: Ah, legal, muito legal. É, você falou da questão do trabalho né, que você chegou a trabalhar numa oficina de moto do seu irmão e do seu marido né, e que momento, hoje você, o seu trabalho é o esporte ou você ainda tem essa questão da dupla carreira?

P: Não. Quando eu comecei a fazer parte da Seleção Brasileira de esgrima, que eu comecei a treinar cinco dias por semana que aí eu fui para o alto atendimento, é igual um serviço né, dois períodos de treino, às vezes eu fico até de noite para treinar com o pessoal da convencional, que é o pessoal que anda, que chega só depois das seis para jogar com a gente na cadeira, então assim, virou meu trabalho a esgrima, daí cortei o trabalho assim fora, fiquei só com a esgrima mesmo. Mas isso durou 3 anos, trabalhei 3 anos na oficina com eles, tipo fazendo nota, a parte burocrática mesmo.

E: Entendi. Hoje então o seu trabalho é, não vou usar o “só” né, porque não é só esgrima não (risos). No caso é a esgrima mesmo né, fazendo parte aí da Seleção Brasileira e tudo mais. Legal! Agora vou entrar um pouco na questão do foco né, do objetivo do trabalho e queria que você falasse um pouco assim né, do seu corpo né, você que no caso não é uma deficiência congênita né, no caso você nasceu com esse engioma. É engioma que fala mesmo?

P: É angioma.

E: Angioma medular, mas que só foi realmente acontecer mesmo a deficiência, você adquiriu ela depois né, então assim, como que foi essa transição né, de um corpo que não tinha uma deficiência né, para um corpo agora que tem uma deficiência né, como que você vê seu corpo, a questão de dificuldades, de insatisfação, se tem, se não tem, alegrias, enfim, o que que você, como que você se sente, o que você pensa do seu corpo?

P: É, eu tive duas transformações né, a gente que é mulher, assim, a gente vê que tipo eu fui mãe aos 19 anos e me tornei cadeira aos 19 anos, então assim para mim foi duas mudanças muito brutal assim, tipo assim, eu parei de andar e o meu corpo mudou fisicamente completo

né, porque a gente sabe que logo, assim, que a gente é mãe, o corpo da gente se transforma, a gente fica com uma barriginha a mais, com uns quilinhos a mais né, uma flacidez aqui, e além disso eu parei de andar, então assim, o que eu mais gostava que era correr e jogar futebol, eu não poderia fazer para recuperar aquilo tudo que tava ali né de excesso, mas eu sempre fui muito tranquila quanto a isso, assim, para mim, não sei se foi por conta que eu escolhi né ter minha filha, então eu escolhi ficar na cadeira, porque eu sabia que ou eu interrompesse a gestação e tentava voltar, ou eu ia ficar tetraplégica e vir a óbito, então para mim eu sabia que eu ia ficar com alguma sequela até pior, então para mim a minha aceitação foi, assim, vou te dizer assim ó, mega fácil, mas assim, o mais importante para mim é que pô, eu sempre pensei assim que sempre tem escolhas né, boas ou ruins, a gente vai ter sempre escolha para fazer e eu escolhi ser feliz, independente de estar mais gordinha ou estar na cadeira e essa aceitação pra mim e me abriu muitos caminhos, muito leques assim porque eu nunca tive vergonha de sair na rua, eu nunca tive vergonha de botar uma roupa mais curta ou mostrar minhas pernas porque não tem mais músculo, sabe? E eu vim totalmente de uma coisa de pô, eu corria quilômetros, sabe, só para ter um fôlego pra jogar futebol, então assim, eu acho que é muito da aceitação mesmo, quando tu se aceita, se tinha alguma coisa que eu pudesse mudar, de repente até tinha alguma coisa em questão de flacidez, de tentar alguma coisa mas como não tem musculatura tipo do umbigo para baixo, tem coisa que nunca vai mudar. “Ai, tem como eu voltar a andar?” não, só se for um milagre de Deus, então eu vou tentar ser feliz dessa forma, sabe? Eu sempre vi por esse lado assim e acredito muito isso, que no momento que tu se aceita, tu abre 1000 leques e tu não dá muita opinião para o pessoal de fora né, pessoal assim, pô, paciência se o marido não gostar, não tem como mudar, continua assim comigo né ou tu larga fora, mais ou menos assim e sempre na conversa, sempre no diálogo. Eu acredito que é muito isso, assim, a aceitação e a conversa. Questão de preconceito e de, do que os outros pensam, assim, acredito que eu já tenho sofrido sim, porém eu não levo para esse lado, sabe? Porque acredito que a maioria das coisas não são feitas ainda porque a gente não vai atrás e busca tipo acessibilidade a gente não vai atrás mostrar para aquelas pessoas que se encostar na gente, a gente não vai passar uma doença, não vai ficar sem caminhar, sem, se tu me der um abraço, entendeu? Então eu acho que é muito isso, de tu sair e quebrar aquele gelo de outras pessoas. E eu tenho um imã comigo diz a minha filha, porque todas as crianças que me veem, vem até mim (risos), então assim, eu gasto meu tempo contando a minha história, eu gasto meu tempo conversando com os pais, conversando com as crianças para ir modificando essas pessoas para o futuro né, porque eu acho que os

pequeninhos de hoje são nosso futuro futuramente para não ter o preconceito, para não, para brigar, mas também pela inclusão, porque assim como eu do dia para noite precisei né de ter acessibilidade, qualquer um pode né, da noite para o dia também vim a ter. Inclusive, não é só eu que preciso de uma rampa né, é uma mãe com carrinho de bebê, é uma pessoa puxando uma mala, então assim, eu vejo por esse lado, sabe, eu não vejo que seja só para mim cadeirante. E é assim que eu tento ir quebrando gelo das pessoas.

E: Legal. Você comentou que o seu processo de aceitação né, que foi fácil, você falou de já estar ciente que você poderia ficar tetraplégica e tudo mais, mas assim, esse processo foi rápido né, você foi fácil, mas assim, foi rápido de você ter essa questão da aceitação, você né, lógico, você decidiu por si só, mas assim, teve apoio ali junto né, contou alguma coisa assim da sua família, marido, a sua filha que também tá envolvida nisso.

P: Assim, eu, pra mim foi rápido, em 6 meses eu tava completamente independente assim ó, de botar na cadeira e tirar de dentro do carro, de fazer uma adaptação para mim dirigir, de ir para o chão e voltar para fazer a comida da minha filha, para mim limpar a casa, porém esses seis meses eu caí da cadeira, eu tentei pegar alguma coisa que eu não consegui, caiu em cima da minha cabeça, sabe? Tipo assim, ah, para mim tomar banho eu tinha que passar para um banquinho, eu falei, cair, então teve várias coisas que demorou para mim aprender como fazer e sempre teve alguém auxiliando, alguém por perto. Uma das coisas que eu acho também que, que como é que eu vou te dizer, que esse alicerce familiar é muito importante, porque apesar de ter a superproteção, tu sabe que tu é amada, tu sabe que eles não vão deixar de fazer alguma coisa porque tu não consegue, não, “a gente vai te levar junto e aí lá a gente vai dar um jeito”, sabe, essas coisas. Assim, quando a Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício] tava com, acho que foi a primeiras férias dela com 6 anos, a gente foi num parque aquático e era um monte de lance de escada para mim poder descer e um toboágua, e aí assim um irmão subiu um lance, me entregou no colo do outro, o outro subiu no outro, entregou no colo do marido e lá a gente furou a fila e eu desci, aí a gente ainda disse “ai, a gente é recém casado por isso que a gente tá furando a fila”, sabe? Desci tudo, teve uma moça que brigou pra gente ter furada da fila porque eu falei assim em vez de ter falado né que eu era cadeirante, eu falei que a gente era recém-casado, só que depois ela viu que para mim sair de dentro da piscina eu passei para a cadeira e tudo mais aí depois ela foi lá conversar comigo, pedir desculpa, mas assim, eu nunca deixei de fazer alguma coisa por ter essa, essa base familiar unida e boa assim, sem levar para

esse lado de preconceito, você levar pelo lado do coitadinhos lá, “ela não consegue, ela nunca vai poder mais sair de casa”, enfim, já tive preconceitos assim, como é que eu vou te dizer, de antigamente já tive na minha própria família que deficiente, lugar de deficiente é ficar dentro de casa, que não deveria estar saindo de casa, é perigoso para ti, mas é uma coisa que vem enraizado né, eu tô falando da minha vó agora que vem enraizado com ela, tem 98 anos, é difícil de entender que uma pessoa saudável que conseguia fazer tudo, inclusive fazer as coisas para ela, de uma hora para outra fica numa cadeira e para ela, tipo, eu teria que ficar presa dentro de casa, então é assim, ela não aceita que eu saia, que eu conheça o mundo, que eu dirijo, que eu cuidei da minha filha, ela sempre dá um cutucão assim, mas a gente sabe que vem junto da criação, vem uma coisa enraizada junto que é difícil de tirar, mas enquanto aquilo ali me fazia bem, eu procurava, depois quando começou a fazer mal para minha filha eu comecei a me afastar e hoje sou afastada da minha vó por conta disso. É chato, é, mas eu tenho várias outras pessoas mais velhas que me aceitam, que quando faz cafezinho “Márcia [nome verdadeiro alterado para nome fictício], vem tomar café com a tua avó do coração”, e eu vou, entende? Então assim, é esse lado assim que eu acho que eu procuro levar para esse outro lado assim de pô, eu tenho opção se eu quero tá com aquela pessoa ou se não quero tá com aquela pessoa.

E: Sim, isso mesmo. E, tem uma pergunta aqui agora né, como você gostaria que o seu corpo fosse, né? O que você tem a dizer sobre essa questão? Eu não posso falar muito porque eu não posso interferir (risos).

P: Como eu gostaria que o meu corpo fosse?

E: É.

P: Do jeitinho que ele é (risos). Porque assim, eu tô mais gordinha, assim, quando eu ganhar a Paula [nome verdadeiro alterado para nome fictício] eu emagreci nove quilos na minha gestação toda porque eu perdi o músculo, eu não voltei com ele, porém de gestação mesmo eu acho que eu engordei sete e perdi nove, então não foi uma coisa que mudou bruscamente assim comigo. Agora, na pandemia que aí parou meus treinos que era de dois ou três turnos, só em casa já eu vindo de um ciclo paralímpico, onde o último ano eu tinha ficado só cinco finais de semana em casa, onde eu passei fome em outro país, daí eu disse “não, agora vou fazer tudo que é receita, vou cuidar bem do marido, da filha”, e aí eu engordei, engordei sete quilos, mas assim, eu sei que se eu quiser eu vou fechar a boca e realmente eu batalhar por aquilo ali, eu vou perder esses

sete quilos, mas eu tô feliz comigo assim, tô até mais bochechudinha. E não mudaria nada porque, é aquilo que eu te falei no começo, se eu tenho condições de mudar, se tem alguma coisa que eu possa fazer, eu vou atrás para fazer, e se não posso, vou aceitar como ele é e bora ser feliz (risos).

E: É, e agora a questão do seu corpo né, dentro do seu esporte, então assim, pensando né no que o seu esporte, a questão da esgrima em cadeira de rodas, como que seu corpo atua no esporte, a relação dele dentro da esgrima, mesmo?

P: Ele tá sofrendo agora com esses sete quilos a mais, ele tá sofrendo porque, assim, como é que eu vou te dizer, para mim ter o deslocamento do meu tronco, eu preciso que o meu braço esquerdo me impulsiona para um lado e me impulsiona para o outro para poder tá me levando até o toque né, do braço direito, então eu fico mais ou menos assim de lado e esse braço né ele tem que fazer mais força, até porque eu tô mais pesadinha, Mas assim, como a esgrima é bastante técnica também, então tu tendo uma técnica boa, tu consegue suprir essa necessidade, eu até dentro do Brasil, eu jogo na categoria A. Não sei se tu conhece um pouquinho da esgrima, mas a esgrima ela tem três categorias né: categoria A, B e C. A categoria A geralmente é a dos amputados, pessoas que têm algum tipo de amputação e a categoria B são lesados medulares. Eu dentro do Brasil, eu jogo na categoria A para ter um preparo melhor e o rendimento melhor na categoria B internacional e já faz mais de seis anos que eu sou campeã brasileira jogando na categoria A, então com pessoas que tem uma mobilidade de tronco bem melhores que a minha, então o físico não é o que é muito me preocupa na esgrima, mas sim, assim, a técnica mesmo, tu conseguir estudar seus adversários, então dentro desse esporte, da esgrima, o meu corpo não me atrapalha (risos). Não sei se eu tô te respondendo certo as perguntas, senão tu repete de novo (risos)

E: E como que funciona, assim, a questão dos seus treinos né, você falou justamente disso né, que você é da categoria B né, mas no caso compete na categoria A para ter uma melhor preparação quando for para campeonatos internacionais, né? E como que funciona seus treinos, assim né, é lógico, a esgrima é uma modalidade, mas é, tem os seus parceiros de treino, tem outras mulheres também, outros homens?

P: Então, a gente tem vários clubes né, em vários estados e todos eles têm feminino e masculino. Na esgrima paralímpica a gente tem em torno de 30 a 40 meninas competindo né, um pouco em

cada categoria, no clube eu tenho bastante colegas. Eu treino de segunda a sexta, dois turnos, mas isso entra treino individual, tipo eu com uma bolinha ou eu com o professor, um treino físico, aí entra técnica, entra professor, entra jogos com os atletas e trabalhos também em dupla né, a gente vai trocando as duplas mas a gente também vai fazendo esses treinos em dupla e individuais como cada um. Tem bastante estudo também de vídeos de adversários e tudo mais, eu sou uma pessoa assim de boa, eu tento ensinar os que tão chegando e aprender com as pessoas mais velhas. Agora eu já tô quase sendo a mais velha, entendeu, já to quase sendo a mais velha (risos). Mas sempre tem alguma coisa pra aprender, né? E eu tento passar tudo que eu sei pra quem tá chegando e pra quem já tá. No momento que ela sabe como eu jogo, eu tenho que modificar esse meu jogo, e isso faz com que eu cresça um pouco mais, que eu suba um degrau a mais. Eu procuro também jogar dois dias da semana bastante assim com pessoas do convencional, então nas terças e nas sextas-feiras eu fico até mais tarde pra treinar com o pessoal que caminha, os andantes, eu sento na cadeira porque daí eles tem um tronco totalmente diferente dos amputados, tenho movimento de braço muito mais rápido e isso faz com que tu treine mais e tu te esforce muito mais, né? Sem tu pensar muito no jogo mesmo, na caloria do momento, então assim, eu tento sempre tá evoluindo e passando tudo que eu sei para os outros colegas para mim poder estar evoluindo bastante com essa pessoa pra crescer porque eu quero me aposentar né, então eu quero que venha mais meninas aí para tá jogando bem, pra tá representando a gente bem aí em outras competições tanto nacionais como internacionais.

E: É, legal! Essa questão da representatividade feminina né, que você também com aquela questão né, primeiro você tava lá no basquete e aí não tinha nenhuma mulher né. Como que você se sentiu né, como que você viu, assim, quando você chegou na esgrima e viu que tinha outras mulheres e agora também já, igual você falou, chegando quase aí na turma das mais velhas né, as novas que vem chegando...

P: É, eu procuro dizer para as gurias que estão chegando que elas são minha inspiração para mim continuar né, porque a hora que eu começar a levar pau delas, aí o negócio tá feio, eu digo pra elas (risos). Mas assim, eu sempre acreditei que lugar de mulher é onde que ela quer né, sempre fui muito disso, sempre fui buscar o meu esporte, até porque eu jogava futebol então muitas vezes eu tinha que jogar com os meninos porque não tinha menina para completar dois time para uma jogar contra a outra, então assim, eu acho que falta ainda muita gente, muitas meninas para a gente começar a chegar no nível de masculino e quanto mais tiver, maior o nível

da gente em competições vai ser, mas assim, eu ainda acho que é porque a gente tem muito “ah, ela, a gente tem comida para fazer, roupa para lavar, o marido para dar atenção, a filha para conversar, ver como é que tá na escola”, então a gente tem outros afazeres que se a gente não dividir com o marido, se a gente não dividir né com quem está com a gente, é muito difícil a gente conseguir fazer tudo, então acho que o principal é tu ter essa, esse momento assim, tu tem que conversar, dividir tarefas para poder estar em tudo que é lugar. E eu tô sempre procurando “ai, tu conhece uma pessoa deficiente ou que usa cadeira ou que seja amputado que queira experimentar a esgrima ou outro esporte?”. Eu tento porque assim, não é só o alto rendimento, mas é a qualidade de vida né que tu tem que praticar algum esporte, ainda mais para uma pessoa que tem alguma deficiência porque eu acho que é uma válvula de escape sim e que é uma qualidade de vida muito grande que tu abre quando pratica um esporte, não só para nós mas para qualquer pessoa, principalmente para as mulheres assim, “ah eu não gosto de ir na academia”, mas vai fazer um esporte que tu gosta, sabe? Nem que seja no sábado, no pátio da tua casa, sabe? Então, assim, eu procuro sempre tentar incentivar a prática de um esporte mesmo.

E: Legal! Tem mais alguma coisa que eu não perguntei que você queria entrar em mais algum detalhe, alguma coisa assim ou não?

P: Em que lado, que parte? (risos)

E: Não, geral, “ah, eu queria falar de alguma coisa e ela não perguntou”, ou não, você acha que você falou tudo?

P: A questão de redes sociais né, que para mim foi super importante ter acontecido essa coisa, assim, das redes, do WhatsApp, porque se não fosse através da internet eu não tinha conhecido um esporte adaptado, né? Há 20 anos atrás, assim, era bem difícil de tu achar alguma coisa adaptada, aqui na minha cidade até hoje não tem, isso que eu procuro e na APAE, em algumas associações para ir movimentando, procurando outros, né? Só que hoje em dia as redes sociais estão mostrando uma vida que não é real para as pessoas e as pessoas então muito caindo nisso, né, a pessoa tem que ser loira dos olhos azuis, com a cor perfeita, e não é assim. Tem eu, cadeirante, morena dos olhos verdes que também sou feliz, entendeu, mesmo com todas as minhas limitações. Só que o pessoal vive essa vida aí real e aí acaba esquecendo de acordar de manhã e agradecer que tá respirando, que tá ouvindo, que tá falando e que tá andando, né? Então

assim, eu acho que é muito isso, gratidão a Deus por tudo que acontece na vida da gente e se aceitar como é, como a gente está no momento e também a escolha né, escolher ser feliz né, independente de qualquer dificuldade que tu esteja, tu acorda de manhã, tu vê, eu vejo a minha gata querendo vir lamber minha orelha, eu vejo a minha filha saindo para trabalhar com saúde, então eu acho que é muito isso, sabe, tu escolher ser feliz para que os momentos que tu tem, e é isso (risos).

E: Legal! É, só mais uma coisa que eu tava pensando aqui que eu fiquei meio que na dúvida. É, antes de você ir para o basquete né, quanto tempo foi essa janela de você ter a gestação, ter sua filha para você começar a praticar realmente o esporte, quanto foi esse tempo?

P: Eu levei cinco anos para mim começar a praticar um esporte, assim, de grupo vamos supor, porque antes eu continuava fazendo futebol de todo sábado na minha casa, porém eu sentava na goleira porque eu não podia mais andar, eu sentava na goleira mas todo sábado reunir a mulherada da vizinhança, as crianças, a gente fazia o futebol em casa, assim, mas com um grupo mesmo de pessoas com deficiência eu comecei depois de cinco anos.

E: Legal, Márcia, deixa eu parar a gravação aqui.

E: Aí, já tá gravando. Bom, vamos lá então. Márcia [nome verdadeiro alterado para nome fictício], qualquer coisa, “ah, estão me chamando”, você me fala, a gente para, tá?

P: Tá, tranquilo!

E: Ó, eu quero só retomar alguns tópicos né, algumas coisinhas só, para complementar um pouquinho. Eu separei em quatro tópicos aqui e a gente vai comentando. Primeiro em questão da família né, eu queria que você comentasse um pouquinho mais né, de como foi essa relação da maternidade né com a deficiência, que você comentou que uma coisa que você ficou um pouco, não sei se é a melhor palavra seria frustrada né, mas a questão da amamentação da sua filha né, que você teve, que você comentou que teve que interromper. Então essa questão né, se você conseguiu desfrutar tudo nessa questão de ser mãe ali nas fases iniciais da vida da sua filha né, essa questão da maternidade com a deficiência. Queria que você comentasse um pouquinho mais sobre isso.

P: Não, o que me deixou mais chateada foi não poder amamentar, que era uma coisa que eu queria muito mas aí não deu certo em questão de fazer minha cirurgia né, mas o resto foi bem tranquilo, assim, de eu conseguir dar banho nela, eu botava a banheira em cima da cama para mim dar banho nela, passava para cama, colocava roupinha, tirava roupinha, enfim, tudo isso eu consegui fazer, trocar, fazer a comidinha dela, dar para ela, ir para o chão para brincar com ela, então assim, o resto foi bem de boa assim, claro que tudo com adaptações né, mas assim, foi bem tranquilo. Eu saía de carro com ela, colocava a cadeirinha dela no banco da frente (risos), dirigia, saía só eu e ela, bem tranquilo assim, foi. A única coisa que me deixou, assim, mais chateada foi a amamentação mesmo porque a gente lia bastante estudos que amamentação é bom para criança, no mínimo até os 6 meses, enfim, então foi mais isso mesmo que me deixou mais chateada por conta da minha cirurgia, mas depois, assim, foi de boa.

E: Certo! E aí, a questão né da super proteção né, da sua família de logo no começo ali “ai, não vai dar banho, deixa que a gente faz”, né? Como que você lidou com tudo isso né e mostrou para eles né que você conseguia dar conta, que você conseguia fazer negócio, você falou mesmo com essas adaptações, mas que você dava conta do negócio, né?

P: Tudo é conversa né, eu tinha que conversar, eu tinha que dizer “deixa eu tentar fazer primeiro para depois se eu não conseguir eu peço ajuda”. Claro que tem algumas coisas, assim, que seria muito mais rápido se outra pessoa fizesse né, porque até eu passar para cama com a banheira dela, botar a banheira cheia da água em cima da cama para poder fazer isso tudo, demora um tempinho a mais, mas é a mesma coisa que a minha vida dali para frente que eu me tornei cadeirante, tudo vai ser um pouco mais lento, para mim tomar banho eu demoro mais, então assim, para mim me vestir, então é tudo adaptações que as pessoas foram só com a convivência mesmo que a gente foi descobrindo esse tempo e descobrindo mesmo o que que realmente eu conseguiria fazer e que eu não conseguiria fazer, mas foi muito assim na conversa, “deixa eu tentar fazer, se eu não conseguir eu te chamo para me ajudar”. Mas é, a super proteção da mãe é bastante, “tu vai deixar essa criança cair” (risos), eu botava ela no colo, tipo em cima de um travesseirinho para andar com a minha cadeira, só que eu tinha que tirar as duas mãos dela para tocar minha cadeira, então a mãe às vezes perguntava assim “ai, tu cuida que essa gurria vai cair, gurria, deixa que eu leio ela pra ti depois”, eu disse “não, deixa ela, vai ter que acostumar assim comigo”, e aí assim a gente foi abrindo as portas e caminhos que eu descobri que eu também conseguia fazer, que nem algumas coisas que eu achava que eu não ia conseguir fazer que eu

consegui fazer e outras coisas que realmente tu não consegue fazer e tu tem que pedir ajuda mesmo para outra pessoa.

E: Certo! É, você comentou bastante do seu marido né, do apoio que ele deu e tudo mais, de antes né quando você.. o médico falou pra você decidir ter sua filha ou não e seu pai, se não me engano o seu pai seu marido falaram que era melhor interromper, mas que depois que você decidiu seguir com a gestação eles, te apoiaram né e todo esse apoio foi né, você comentou que foi muito bom. Eu queria que você comentasse um pouquinho mais essa questão do seu marido, do apoio que ele deu né e ainda dá atualmente né no esporte e tudo mais assim.

P: Assim, a gente sempre conversa de qual é o nossos objetivos, de qual é o nossos sonhos, nossas expectativas né, um casal, eu acho que tem que ter essa conversa né, até do que que a gente vai comprar ou fazer prestação, enfim, essas coisas tudo é conversada antes da gente tomar uma decisão. E assim, a gente sempre tenta viver os mesmos sonhos juntos, claro que cada um tem o seu individual, mas o que é em conjunto a gente tenta combinar para ter mesmo esse apoio aí, porque eu acho que, que é o alicerce mesmo né, esse alicerce tem que ter uma base, que é a família, então se a gente tiver no mesmo sonho, no mesmo barquinho, a gente vai remar tudo para o mesmo lado, aí fica mais fácil de conseguir né os objetivos. E realmente, se não fosse o apoio dele, da filha agora que tá maior, também de chegar em casa tipo, esses dias cheguei em casa 10 e pouco da noite porque a gente treinou aqui de noite, eu treinei com o pessoal do convencional e cheguei super tarde em casa, se eu chegasse em casa e ainda tivesse que fazer comida pra voltar no outro dia cedo, eu ia pirar, aí tem essa conversa “ah, hoje tu vai ter que fazer a janta pra mim, pra mim só chegar em casa, comer, tomar banho e dormir porque amanhã tem de novo”. Então assim, se tu não tiver essa base, essa estrutura, assim, de apoio, fica muito difícil. E aí é na conversa, na programação mesmo, assim, da gente colocar os afazeres divididos para todo mundo, todo mundo ajuda todo mundo, hoje eu posso fazer, não, amanhã eu não posso, e assim a gente vai indo.

E: Certo! É, agora vindo um pouco mais pro esporte né, você começou, iniciou no basquete e depois foi para a esgrima né, e aí por que que você escolheu a esgrima né, ou a esgrima te escolheu né, como que foi essa essa relação mesmo entre você e a esgrima.

P: Assim, é que no basquete era só masculino né, não tinha gurias nos times, nenhum, era só eu (risos) e na esgrima eu já encontrei outras meninas né, e daí a gente acaba fazendo uma amizade

e essas trocas de experiência com outras meninas é legal, e aí depois que eu fui na primeira competição, que eu vi que dava para fazer parte de uma seleção se eu treinasse, foi aí que me, tipo, me deu mais um ânimo de treinar e buscar uma vaga, assim, da seleção mesmo, e aí foi onde eu comecei a treinar mais, a gostar mais e a gente acaba fazendo uma família dentro da esgrima né, porque a gente acaba passando mais tempo aqui do que com a própria família da gente em casa né, nos treinos, então a gente acaba pegando um carinho pelas pessoas que convive diariamente com a gente né, a gente tem como irmãos, assim, o dia a dia mesmo, onde a gente troca experiência, às vezes a gente almoça junto, a gente toma café juntos, aqui lancha quando a gente fica pra de tarde, então assim, para de noite é, às vezes a gente convive mais com essas pessoas do que com a própria família da gente, a gente acaba pegando uma amizade. Em questão assim de jogos e de alto rendimento, é a busca de uma realização pessoal, de estar em outra Paralimpíada, de tu tá sendo campeã brasileira, sendo campeã do Regional das Américas, então assim, é tudo realizações mais individuais né, mas que gera, assim, tu não conquista aquilo ali sozinho né, é a tua realização, mas tem toda uma estrutura em volta que te acompanha, que te ajuda né, e o principal é os colegas do dia a dia mesmo.

E: E trazendo essa questão do basquete né, que você disse que não tinha meninas e tudo mais, você comentou também né, que não agora né, mas futuramente você pretende se aposentar né, e que é interessante essa questão de ter novas meninas né para, vamos dizer assim, substituir você, porque um dia você vai sair né, vai querer aposentar e tudo mais, e aí quem é, quem são, quem é essa nova geração aí que vai tá representando daqui há alguns anos né. E aí, como que você, tem alguma coisa que você faz né aí no seu clube ou outras atletas que convivem com você, de trazer novas meninas, novas mulheres para o esporte, mas também para esgrima que é a modalidade que você pratica.

P: É, aqui no clube onde eu treino a gente tem a escolinha paralímpica que aí tem, tem duas meninas que fazem a escolinha que já estão participando também já de campeonatos, mas o principal é a gente ver na rua e perguntar “quer conhecer o esporte? vai lá experimentar a esgrima”. É assim que a gente aborda outras pessoas né, principalmente as meninas, onde eu vejo eu tô convidando. E a gente tem também a seleção, tem a CBE, uma sala de esgrima no CT paralímpico em São Paulo né, então em redes sociais, essas coisas, a gente tá sempre chamando, a CBE também tá sempre marcando a gente pra tá fazendo os reposts que tem uma sala lá para atender várias deficiências e é onde a gente busca, assim, lá a gente já tá também

com bastante meninas treinando e agora eu acho que foi em, eu não sei, mas é para o lado do Nordeste também, já abriu sala de esgrima que estão buscando bastante essa fomentação em geral né, masculino e feminino, é que infelizmente as meninas são menores o índice assim de ter mais atletas em todas as modalidades eu acredito, que eu acho que é mais por ser feminina mesmo, por querer ser mãe, por querer né, ser dona de casa, esposa, enfim, eu acho que é mais isso mesmo, assim.

E: Certo. E como uma última pergunta desse tópico do esporte, você comentou que começou no esporte e depois na esgrima né, começou no basquete e depois da esgrima, e comentou sobre o esporte ser uma válvula de escape, né. Válvula de escape do que? Como que você enxerga essa válvula de escape?

P: Uma válvula de escape do dia a dia né, de casa, trabalho, filho, do cachorro, de tudo (risos). Não, eu acho que é uma válvula de escape, acho que a gente tem que fazer alguma coisa que a gente goste para ter esse desligamento do mundo, tipo assim, no momento que tu entra, agora tem o tal do beach tênis que todo mundo tá, uma febre total, quando tu entrar numa quadra tu esquece do mundo lá fora né, então assim, para mim a esgrima é isso, quando eu, quando eu entro na pista para jogar eu esqueço de tudo que tá acontecendo lá fora, pra mim é uma válvula de escape do dia a dia mesmo, de tudo o resto, de todo o resto. Esqueço que eu tenho conta pra pagar, eu esqueço que eu tenho minha filha, do meu marido, eu esqueço tudo, eu to ali simplesmente pensando nos meus jogos né, isso é bom porque daí desestressa a cabeça (risos).

E: Com certeza (risos). Ou quando está com raiva, desconta a raiva já ali, né? (risos)

P: Já pega a espada e já sai furando todo mundo (risos).

E: Certo! Agora, em relação ao corpo, né, você traz duas mudanças: primeiro, a primeira mudança do corpo em relação a maternidade que você falou um pouco do ganho de peso e tudo mais e depois uma transformação quando você entra no esporte. Como que você se sentiu né, em relação a essas mudanças, primeiro do peso com a deficiência também e depois quando você foi para o esporte e o processo também de aceitação né, que você fala que você escolheu ser feliz, então eu queria que você comentasse um pouquinho sobre essas mudanças né, a maternidade, do corpo na maternidade e depois quando você entrou no esporte e o processo de aceitação mesmo.

P: Assim, como eu te falei, para mim foi muito simples por conta de ter sido uma escolha, por conta de eu querer realmente ser mãe, e aí por conta realmente de querer ser mãe, então para mim foi tudo mais fácil eu acho, da aceitação. E eu penso muito naquilo “o que eu posso mudar, beleza, vou correr atrás para mudar, o que eu não posso, não tem o que eu fazer, aí eu vou viver reclamando? E eu escolho agradecer do que reclamar, eu acho que é o principal”. Em questão da deficiência, é bem tranquilo essa parte assim, porque, o quanto a gente mudou totalmente né, muda totalmente, eu não ando mais, antes tinha um pernã porque eu jogava futebol, enfim, e mudou tudo, mas tem outras coisas que eu descobri que antes eu não tinha, então para mim assim, e que ressaltou muito, é realmente tu dá valor a vida né, o que realmente vale a pena ser vivido né, que para mim hoje é as memórias que a gente faz em família, é dar valor mesmo para os pequenos gestos do “eu te amo”, do abraçar, fazer uma oração junto, sabe? Viver, saber o que que a minha filha tá fazendo durante o dia, de noite a gente se reúne nós três, a gente sempre diz uma coisa ruim e uma coisa boa que aconteceu durante o dia com nós três para mim saber o que aconteceu com eles e para eles saberem o que aconteceu comigo, porque a gente acaba passando o dia todo longe e fora, e saber agradecer até pelos momentos ruins né, eu digo, esses tempo aconteceu um caso comigo que uma menina linda, linda, linda, perfeita fisicamente, ela chegou em mim e disse assim, eu vi ela me cuidando e depois ela chegou e “como é que tu consegue ter esse sorriso estando numa cadeira?”, daí eu disse para ela “e como que tu, perfeita fisicamente, me faz essa pergunta e não, e não tem esse sorriso no rosto?”, aí ela disse “tu me fez uma pergunta em cima da minha pergunta”, aí eu disse “sim, reflete um pouquinho, eu sou feliz independente do estado que eu sou, e tu é feliz?”, daí ela disse “não”, aí conversamos, aí ela me contou a história dela, do que que ela tava passando e ela disse “ah, eu me senti tão pequena perto de ti porque com todos os problemas que tu tem, tu tá com um sorriso e eu que tô perfeita e to me queixando na vida”, eu disse “é, é a forma que tu enxerga né, eu, para mim, a cadeira não é um fardo para mim, pelo contrário, a cadeira faz eu viajar, eu conhecer o mundo, me leva para onde eu quero ir, então ela, para mim, é um acessório que eu realmente preciso e que me dá liberdade, eu vejo dessa forma né”. Claro que tem outras pessoas deficientes que veem a cadeira como né, o fim da vida, e não é, pelo contrário, é através dela que tu consegue se locomover para ver outras coisas, é de como tu veja a vida, em vez de reclamar, tu agradecer.

E: E fazendo um link com essa forma de ver, você, na outra conversa a gente falou um pouquinho né sobre preconceito que você já sofreu, mas que você realmente enxerga as coisas

de outra forma né, de forma diferente, e aí eu queria perguntar né, se assim, você se vê na missão, a gente sabe que no geral a pessoa com deficiência sofre preconceito e tudo mais, mais por essa questão de padrões que a gente sabe que existe né, mas tudo muda né de acordo com o jeito que você enxerga a vida né, realmente. Mas assim, você se vê na missão, de assim, de acabar, de diminuir esse preconceitos, a questão das redes sociais né, eu acompanho você lá, as coisas que você posta né, assim, você se sente na, não digo responsabilidade, mas assim, “eu quero, eu vou postar isso para engajar, para quem sabe alguém ler e mudar um pouco a perspectiva”?

P: Eu acredito que todos nós somos exemplos pra alguém, tando em evidência ou estando no anonimato. Eu acho que a gente dentro da casa da gente, a gente é exemplo para alguém, alguém tá vendo alguma coisa e se a gente puder ser exemplo por melhor e pro melhor, para mim é fundamental assim, porque tu tá sempre, sempre tem alguém vendo você fazendo alguma coisa, se tu tá fazendo alguma coisa de errado, essa pessoa pode querer vir fazer essa coisa de errado, agora você tá fazendo uma coisa legal, do bem, essa pessoa também pode se motivar e querer fazer isso. E é bem aquilo que já tinha te comentado, eu acho que é agradecer mesmo pelas coisas que a gente tem e a gente sempre tem escolha, a gente sempre vai ter escolhas, sempre vai ter o bom, o ruim, o sim ou o não, só que eu escolho mesmo ver o lado bom de todas as situações (risos). Essa semana eu só postei trânsito, só peguei trânsito para chegar no treino, demorei um tempão, saí tarde, peguei movimento de novo, aí tá, mas tem que ter uma coisa boa nisso tudo, arranca, para, arranca, para, eu demorei duas horas e meia pra chegar aqui segunda-feira no treino, então, assim, era arranca, para, mesmo, quando não era parada, daí eu disse “meu Deus, tem que ter alguma coisa boa”, aí tu olha pro céu azul e como é que tu vai reclamar, eu digo, sabe? Deus sempre te mostra uma coisa boa, ver algum momento, tirar uma situação daquilo ali que seja bom, então eu procuro ver por esse lado. Tem pessoas que não, que não vai se ligar nessas coisas, mas eu procuro tá postando, tá falando, para ver se as pessoas também conseguem dar uma olhadinha, ver o lado bom das coisas (risos).

E: Certo! E fazendo um link, para finalizar agora e eu já te liberar também que já tá perto do horário, mas pra finalizar aqui também, essa questão né, de ver o lado positivo né, de ter fé, de como Deus mostra as coisas pra gente né. Como que a sua fé, tudo que você acredita, né, esse apego em Deus, facilita ou como que você, fez mudar as suas perspectivas né, tudo isso como que influencia mesmo no seu jeito de viver, no seu jeito de falar, de se expressar?

P: Eu sou muito eu, sabe? Eu tanto irrito muito as pessoas como eu agrado né, por ser de falar, por ser verdadeira, essas coisas assim, mas eu procuro ser eu e não perder essa, esse meu jeito de ser porque eu acho que a gente não pode perder a essência da gente. No momento que tu sabe que tu tem um Deus junto contigo, tu nunca vai estar sozinho, então independente da situação que tu se encontra, ele tá contigo, né. E eu acho que o mal de hoje em dia é muita ansiedade, é muita depressão, que as pessoas menosprezadas, sente o preconceito, se sente infeliz, feia, não sei o quê. Mas se tu lembra que tu tem um Deus junto contigo, que ele é o teu melhor amigo, que tu pode conversar com ele, que tu não tá sozinha, e isso te liberta, e aí daí tu vê que tu tem um mundo pela frente, é só tu conversar com ele e pedir, ele é, eu, para mim, ele é um dono do impossível né, do impossível, do que a gente não acredita que possa vir a acontecer e sobrenatural também, tem coisas que a gente acha que não existe e existe e que lá depois ele vai te mostrar o caminho, mas é aquilo, isso é uma coisa minha né, é a minha fé, é que nem eu digo, tu tendo um Deus no coração, uma fé inabalável, o resto é resto.

E: Certo, Márcia [nome verdadeiro alterado para nome fictício]!

9. Apêndice 2

TRANSCRIÇÃO - CAMILA

E: Bom, para começar, eu queria que você comentasse um pouquinho: você é uma mulher atleta com deficiência, me conta um pouquinho mais sobre isso, quando começou, essa sua história no esporte.

P: exato. Me chamo Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício], tenho 24 anos, sou natural de Natal no Rio Grande do Norte, e a minha história com a natação começou desde cedo, desde os dois anos de idade quando eu fui diagnosticada com paralisia cerebral. Aos dois anos de idade eu não andava e não falava e foi quando a minha família procurou ajuda médica para tentar entender o que que tava acontecendo já que eu não tive um certo desenvolvimento até os dois anos de idade. E aí com os anos foi diagnosticado que teve um erro médico durante o parto, minha mãe relatou como foi o parto todo, teve um certo erro médico que ocasionou a falta de oxigênio e acarretou a paralisia cerebral. Aos dois anos de idade eu fui diagnosticada e logo em seguida já com dois anos de idade a minha mãe me levou a vários tipos de fisioterapia, inclusive a natação entrou na minha vida como forma de reabilitação, como forma de fisioterapia, isso com dois anos de idade. Aos 10 anos eu, ainda morando em Natal, fui convidada a participar da equipe de natação paralímpica lá da cidade. Eu aceitei isso com 10 anos de idade e comecei a competir com 10 anos de idade, e foi bem, foi bem marcante para mim que mesmo eu tendo 10 anos de idade, a minha mãe me deu total direito de escolha, se era isso mesmo que eu queria, ela deixou livre isso, sabe? Ela perguntou né, o convite foi direcionado à minha mãe por ela ser minha responsável e ela perguntou, questionou se era aquilo que eu queria, se eu queria me tornar atleta, se eu queria tentar ser, se eu queria continuar no ramo do esporte e eu aceitei eu tinha 10 anos de idade, eu lembro de aceitar, eu lembro muito bem dessa conversa com minha mãe. E desde então eu estou no meio competitivo esportivo de alto rendimento. Aos 14 anos, em 2012, eu participei do meu primeiro brasileiro, meu primeiro campeonato brasileiro e de lá eu já saí com o meu primeiro recorde brasileiro, foi bem interessante porque eu era uma menina ainda, eu era uma criança e eu só estava me divertindo e fiz algo excepcional né, que foi o recorde brasileiro da minha categoria. E recorde brasileiro da minha categoria absoluta até, com 14 anos e foi isso. Desde então eu comecei minha trajetória no esporte de alto rendimento, na escolha, com 10 anos de idade.

E: Certo! E nesse, todo esse tempo assim até você participar desse campeonato Brasileiro né que já foi bem específico no contexto de alto rendimento, antes você chegou a praticar outras modalidades ou ser até convidada para praticar outras modalidades ou você só ficou na natação mesmo?

P: Se eu não me engano, eu fazia outro tipo de atividades físicas, mas também todas voltadas para o desenvolvimento né, em forma de fisioterapia. Cheguei a praticar capoeira, judô, balé, mas nada que aguçasse a minha curiosidade, minha vontade no esporte como a natação.

E: Entendi, legal! E, além né, igual você falou agora né, que foi a natação no caso que te aguçou a ser uma, a modalidade que você escolheu, mas teve algum outro motivo, algo que chamou atenção especificamente na natação que te levou a escolher, a seguir no caso uma carreira, porque você começou lá quando você era criança, mas como participação, foi para competição, mas para você decidir no caso ser um atleta profissional de alto rendimento na natação.

P: Sim, eu lembro que eu tive que fazer outra escolha muito cedo também. Em 2013 recebi o convite do meu atual técnico a integrar a equipe aqui de São Paulo, do interior de São Paulo e eu tinha em 2013, eu tinha de 14 para 15 anos. De cara logo recusei, eu era, eu sou filha única, eu não me via longe dos meus pais, o convite foi feito a mim né, eu ia ter que morar numa república e de cara eu recusei, só que meu técnico ele, ele persistiu durante o ano inteiro, ele me convidou durante o ano inteiro e foi aí que eu me questionei. Eu também tinha acabado de passar no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, eu fazia informática para internet e eu lembro que um diálogo interno a respeito das minhas escolhas eu falava, eu lembro que, eu lembro que eu um diálogo interno meu né a respeito das minhas escolhas, eu lembro que eu falava assim “eu sei, eu sei que caminho dará se eu seguir os estudos na federal, eu conheço muitos exemplos, mas eu não conheço o exemplo de quem segue no esporte, eu não sei onde isso vai dar, eu quero, eu quero tentar isso, eu quero saber até onde eu consigo ir, até onde eu posso ir, eu quero”. Porque vendo assim, ah os estudos, a gente estuda, se qualifica, começa a trabalhar no ramo e tal, tem meio que uma historinha programada e no esporte não, é uma interrogação, vai até onde você conseguir, vai até onde seu corpo consegue ir, até onde seu rendimento vai, e isso me despertou a curiosidade de saber onde eu poderia chegar no alto rendimento.

E: Legal! E ser um atleta paralímpica de alto rendimento, no caso hoje você, a sua, o esporte não é só o hobby, o esporte é algo profissional para você, você chegou no caso por exemplo assim, 18 anos você chegou a trabalhar em alguma outra área ou só com foco no esporte, dedicação exclusiva no esporte?

P: É bem interessante essa pergunta. Hoje a natação   meu, além de ser meu esporte é o meu trabalho e eu me dedico 100% do meu dia, das minhas escolhas para a natação. Eu hoje sou formada em gestão de recursos humanos, eu tenho minha graduação, me formei em 2020 e eu lembro que durante o curso eu recebi várias propostas de emprego dos meus próprios professores que trabalhavam em grandes empresas para trabalhar para eles ou até mesmo tem alguns professores que falaram “quando você não quiser mais a natação, quando você quiser se aposentar do esporte, me procura, eu consigo te colocar no ramo de emprego, de trabalho consigo te ajudar” e mas não, eu nunca cheguei a trabalhar em outras, em outros ramos. Na minha formação acadêmica nunca cheguei a exercer a minha profissão.

E: Certo! E para chegar no alto nível n , como que foi, a Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] de hoje, campeã mundial, recordista. Como que foi essa transição do esporte ali como praticante mesmo, lógico, participando de diversas competições, enquanto você ainda era uma menina, você ainda   jovem, lógico, mas ali na adolescência para chegar no nível que você t  hoje, um nível bem alto no caso.

P: Sim. Uma coisa que eu reconheço de mim mesma é que eu sou bastante disciplinada e eu reconheço que eu sou disciplinada e uma coisa que me ajuda muito   saber aonde eu quero chegar n . Tem exemplos e tem pessoas que não sabe onde quer chegar e qualquer lugar t  bom, isso não, não condiz comigo, sou bem persistente também, então eu visualizo onde eu quero chegar, o que eu quero alcançar e vou trabalhando arduamente. Eu não digo que eu não, eu não digo que perdi, mas desde a minha adolescência eu venho optando e fazendo escolhas voltadas para o esporte, então desde muito nova sei que eu quero chegar, aonde quero chegar, como eu quero chegar, então não se tornou difícil as escolhas, porque eu sei, eu quero, tenho um caminho a seguir, eu tenho os meus sonhos, eu tenho pessoas que sonham comigo, então eu vou seguindo meu caminho arduamente. Claro que não é um caminho fácil, é claro que a gente tem que abrir mão de muitas coisas. Eu por exemplo abrir mão muito cedo de t  no meu seio familiar, foi uma

opção e um caminho que eu tive que seguir muito nova, mas predestinada em busca dos meus sonhos.

E: E nessa questão Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] de, além dos treinamentos, da dedicação que é crucial para uma atleta de atendimento, teve algo que facilitou ou que dificultou esse processo ou que ainda facilita ou dificulta todas essa relação de ter que treinar muito para chegar onde você está e continuar com seu plano aí no esporte, mas também alguns agentes facilitadores ou dificultadores desse processo?

P: Olha, fácil não é, fácil de jeito nenhum não é, eu me vejo como um trabalho de formiguinha, sabe? De pouquinho em pouquinho levando, mas sem dúvidas o que facilita é ter em volta profissionais que sonham com você, que sabem onde você quer chegar e te ajudam nesse impulso. Eu tenho completa certeza e consciência que sozinha eu não chegaria até onde eu cheguei hoje, então eu tenho uma equipe multidisciplinar, eu tenho uma equipe em volta de mim. Se hoje eu sobressaio, aparece minha imagem, mas tem muita gente atrás que me ajudou a estar aqui hoje, e esses são os agentes facilitadores da chegada.

E: Certo! E hoje, não só hoje mas de toda sua trajetória no esporte desde muito cedo né que você iniciou, qual o significado, o que o esporte significa para você enquanto, na sua vida pessoal mas também na sua vida profissional, na sua carreira, o que o esporte significa? nas suas palavras, no seu jeito de entender, na sua compreensão.

P: Sim, sim. Eu vejo o esporte como algo que me ensinou, se eu pudesse escrever com uma palavra é resiliência, o esporte, porque nem sempre a gente ganha, nem sempre a gente conquista ou alcança o desempenho que a gente tava almejando e se hoje eu tenho uma frustração, se hoje eu vou numa competição que eu me frustre, que não saia bem, amanhã é outro dia, amanhã é o novo dia, então eu tenho que ser resiliente perante essas frustrações diárias ou competitivas. E isso também vale para quando a gente ganha, quando a gente alcança, quando a gente conquista, amanhã também é um novo dia, o que eu vou continuar fazendo ou o que eu vou mudar para continuar no topo, alcançando cada vez mais o melhor desempenho. Eu não sou perfeita, então a gente, eu consigo olhar para mim e ver o que que eu tô falhando, que eu preciso melhorar, o que eu preciso consertar ou equilibrar para uma melhor performance, para ser melhor do que eu fui hoje, mas também sempre me acolhendo, não só tipo “ai, hoje não deu certo, amanhã um novo dia”. Não, antes eu não me acolhia, mas hoje eu me acolho

muito nessa nessa questão, porque eu tô no meio muito competitivo e eu sei que eu compito comigo mesmo, mas se eu não parar para me acolher, para me abraçar e reconhecer o meu esforço, eu vou estar jogando toda uma história e progresso fora, então às vezes eu paro, eu olho, me acolho, me abraço, respiro fundo e continuo, então essa parte da resiliência e junto com a resiliência a força é o que descreve o esporte para mim.

E: E pensando na sua carreira, quais são as expectativas, os desejos, os seus sonhos que você ainda tem, que devem ser muitos, você ainda é muito nova. Você já teve algum sonho que a Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] de alguns anos atrás sonhava, que você hoje já conseguiu, o que você ainda tem ainda pela frente?

P: Sim, sim. Eu lembro de quando eu comecei no esporte muito nova, eu não sei porque, eu não sei porque, mas eu lembrava, eu me perguntava para mim mesmo, “O que será que eu vou estar fazendo com 19 anos?”. Eu não sei porque exatamente essa idade, não 18, que normalmente seria “o que vou estar fazendo com minha maioridade?”. Eu me questionava muito o que eu ia estar fazendo com 19 anos, 19, 19 anos e ao passar do tempo, aos 19 anos foi quando eu fui a primeira vez campeã mundial e hoje né, hoje eu posso responder para Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] a criança o que eu estava e que eu estive fazendo com 19 anos. Mas eu lembro que também, quando criança, o meu pai foi a minha primeira, o primeiro contato com o esporte, meu pai jogava bola, jogou bola quase profissional, só que ele fala que quando ele recebeu o convite para ir para fora, assim como eu recebi, ele não teve coragem, ele falou que não teve coragem de sair da cidade dele, de deixar a família, e ele foi o meu primeiro incentivador, então ter esse apoio familiar também foi importante a querer chegar, a querer ir mais longe. E claro, eu tenho os meus sonhos futuros, eu tenho os meus planos futuros, mas eu tenho até uma ideia de um limite até onde eu queira ir. Hoje eu tenho, não gostaria de compartilhar até quando eu me vejo nadando, porque eu posso chegar lá né e falar “cara, eu quero mais, eu quero mais”, mas eu tenho um planejamento até onde eu quero nadar porque eu também me vejo em outro tipo de profissão. Eu também quero fazer minha segunda faculdade, eu quero ir para o ramo da Psicologia, é algo que me fascina muito, então eu quero ter essa parte profissional fora o esporte também que é algo que eu amo hoje e eu também quero conciliar talvez sei lá psicologia dos esporte e ajudar talvez pessoas a desenvolverem a sua capacidade mental e saber que isso é significativo a cada conquista e a cada competição, que hoje eu reconheço a importância e isso me fascina.

E: Legal! E em relação Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício], pensando na questão da deficiência e do esporte, como que é essa relação mesmo, de ser uma pessoa, ainda mais sendo uma mulher com deficiência dentro do contexto esportivo?

P: Olha, a questão de ser uma mulher com deficiência, eu posso falar que eu tive muita sorte de ser filha dos meus pais, porque desde muito nova eles colocaram dentro de mim e me explicaram que eu era uma pessoa com deficiência e que isso não me limitaria a ser nada, não me limitaria, fugiu as palavras, mas que não me limitaria ser quem eu quisesse ser, e isso foi incrível. Eu cresci, eu me identifico como uma pessoa com deficiência, mulher com deficiência, mas houve sim conflitos, acho que os conflitos de ser uma pessoa com deficiência tá mais no outro do que em mim, eu identifico hoje. É muito interessante porque quando eu falo, eu tenho uma deficiência, a minha deficiência ela não é tão visível, que eu tenho os meus membros, eu fico em pé, eu ando, eu arrasto um pouco meu pé, eu manco, mas para as pessoas é um espanto quando eu digo “eu tenho uma deficiência física”, elas entram em negação e não, eu tenho uma deficiência física, essa sou eu, essa sou eu, a Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] que existe. E dentro do esporte, como eu falei, eu entrei com dois anos de idade na natação, então eu sempre tive contato com pessoas com deficiência que praticavam o esporte, então não foi um espanto ter convívio com pessoas, tá no esporte e ter convívio com pessoas com vários tipos de deficiência. Eu cheguei até treinar lá em Natal ainda com uma equipe do convencional e eu lembro que eles me acolheram muito bem, eles não, não levava assim “a Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] é uma pessoa com deficiência”, não, eles me viam primeiro como pessoa, eles me viam a pessoa que eu era, Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício]. A Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício] tem uma deficiência? A Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício], eles não me faziam sentir diferente, e isso foi muito bacana. O que eu sinto dentro do esporte hoje ainda é uma dominância masculina ainda. Eu vejo muitos homens em comparação a poucas mulheres ainda dentro do esporte. Fico feliz que né, esse último campeonato mundial que fomos, tivemos o maior número de mulheres do que homens e isso é incrível, a força feminina que cada vez mais vem crescendo dentro do esporte de alto rendimento.

E: E relacionado a isso, como você enxerga a importância mesmo de ter pessoas nas quais a gente consiga se identificar, pensando na questão de ser uma mulher e de ter uma deficiência.

Assim, quando você treinava lá em Natal, você chegou a treinar com pessoas com deficiência lá também ou só quando você chegou, quando você veio aqui para São Paulo no caso?

P: Eu, lá em Natal eu cheguei a treinar sim com a equipe paralímpica. A minha primeira referência no esporte foi Joana Neves, que muitos conhecem como Joaninha, ela ainda é uma, eu sou uma fã dela e desde muito nova ela sempre foi uma referência. Eu cheguei a treinar com ela lá em Natal também, não só treinei com pessoas do convencional.

E: Certo. E aí nesse campeonato mundial, por ter mais mulheres, você sentiu alguma diferença? Não só observando pensando em você mas, assim, no coletivo mesmo, de ter várias mulheres. Eu estava assistindo e essa energia mesmo de ter mais mulheres do que homens, porque como você mesma comentou e que é um fato né, o esporte ser dominado por homens, mas que a gente sabe que tá tendo uma mudança, tá evoluindo e você, assim, como uma atleta paralímpica com deficiência, você consegue identificar essa mudança estando dentro do esporte? Não só na narração, mas assim, quando, desculpa a pergunta, mas você não treina diretamente lá no CT né?

P: Não.

E: E onde você treina tem outras modalidades ou é só a natação?

P: Só natação. É, o que eu senti estando lá no Mundial, eu não sei se vai fazer sentido, mas a palavra que me veio assim, quando você me questionou a respeito de ter mais mulheres do que homens dentro da seleção nessa competição, eu senti como uma forma de equilíbrio, parecia um equilíbrio, parecia que tinha encontrado um certo equilíbrio. E se eu não me engano, era 15 para 14, eu acho que era alguma coisa assim, 15 mulheres e 14 homens, parecia mesmo um certo equilíbrio.

E: Bem equilibrado mesmo.

P: Parecia, porque eu lembro das outras competições, das outras convocações, tem uma massa e uma maior quantidade de homens e tem mais papos de homens, tem mais direcionamento para homens, e aí ficava totalmente um desequilíbrio. Nessa competição, o que eu senti de forma coletiva, foi um certo equilíbrio da competição. E eu não treino no CT, eu treino na Associação Ferroviária de Botucatu e lá só tem a natação paralímpica hoje. Eu sei que a equipe tem projetos,

minha equipe que eu faço parte, Time Nauru, ele faz projetos com outras modalidades, mas lá em Botucatu, na sede onde eu treino, só tem nataação.

E: Entendi, bem legal! É, eu acho que você respondeu tudo aqui das perguntas, com o objetivo do meu trabalho. Como eu fiz a gravação aqui, vou sentar depois com a minha orientadora, mostrar para ela, porque ela tem mais experiência do que eu e aí caso surja mais alguma dúvida, alguma questão, e aí depois eu posso entrar em contato com você pra gente conversar mais, mas o papo foi muito bom, gostei muito de tudo que você falou, vai contribuir bastante. E então queria agradecer de novo essa disponibilidade, por compartilhar um pouco da sua história aqui comigo e acho que é isso. Desde já desejo para você muito sucesso, vou continuar te acompanhando lá no Instagram e é muito bom estar perto, assim, mesmo de longe, mas acompanhar um pouquinho ali de perto, você e tantas outras atletas paralímpicas que a gente tem, que muitas vezes não é dedicada essa atenção né do público, então é muito legal e te agradeço mesmo por essa conversa, tô muito feliz pela sua presença aqui.

P: Eu que agradeço o convite, agradeço o espaço, eu amei a entrevista aqui bem fluida, espero que sirva para sua pesquisa, espero que dê certo para a finalidade do seu projeto. E caso precise de alguma coisa, agora você tem meu WhatsApp, fica mais fácil de me achar. E, caso eu não responda, pode continuar mandando mensagem, porque eu sou muito do “tô ocupada”, visualizo a mensagem, falo “daqui a pouco eu respondo” e daqui a pouco nunca chega (risos). As pessoas que convivem comigo já entendem e mandam um monte de mensagem e não vai ser chato. Se precisar pode continuar mandando mensagem que eu respondo, mas aqui vou fazendo alguma coisa, vou fazendo outra, falando “daqui a pouco eu respondo” e daqui a pouco não chega, e é isso. Se precisar, tô aqui. Mais uma vez muito obrigada pelo espaço, espero que sirva e que tenha um grande sucesso no seu projeto.

E: Com certeza, eu que agradeço muito mesmo. Então tenha uma boa semana, tá treinando, vai voltar a treinar amanhã ou ainda tá de folga?

P: Não, ainda tô de folga até segunda-feira.

E: Teve uma pausa aí pós mundial (risos).

P: Precisava, precisava (risos), senão eu ia colapsar (risos).

E: Tá certo, obrigada viu, Camila [nome verdadeiro alterado para nome fictício], um Beijo.

P: Eu que agradeço, beijo, boa tarde.

10. Apêndice 3

TRANSCRIÇÃO - LARISSA

E: Aí, agora foi! E aí, eu vou fazer algumas perguntas, você vai perceber que eu não vou interagir muito, né, porque eu não posso induzir algumas respostas, vamos dizer assim. Eu vou comentar, qualquer pergunta também que você não se sentir confortável em responder, não precisa responder, tá? Ou a qualquer momento que você quiser parar a entrevista, também, pode parar, não tem problema nenhum, tá bom?

P: Ok!

E: Eu vou começar então. Primeiro ponto: você é uma mulher com deficiência que está no esporte de alto rendimento. Queria que você comentasse um pouquinho sobre isso, lembrando que não tem certo, nem errado. Essa experiência de vida é a sua experiência no esporte.

P: Eu acho que é muito importante, né, ter mais mulheres no esporte paralímpico. É, principalmente no esporte de força como o meu, porque o halterofilismo foi por muito tempo visto só para homens, né, em alguns países também ainda continua mesmo nesse pensamento. Muitas pessoas não sabem do halterofilismo, que é um esporte, vamos dizer assim, que ninguém conhece, então eu conheci através de uma psicóloga que eu fazia acompanhamento na época. Eu tinha nove para 10 anos de idade, e aí ela falou assim “olha, tem uma menina que vem aqui, ela tem ossos de vidro, e aí ela faz natação”. Ela me passou o contato, “eu queria muito poder te ver com medalha também”, aí eu entrei em contato, né, porque eu já tinha tentado de tudo, tudo quanto é tipo de esporte, esse tipo de coisa, só que eu não gostei de nada, eu sou muito careta. E aí eu entrei em contato, eu lembro que meu técnico tinha marcado 7:30, 8:30, alguma coisa assim e eu cheguei uma hora antes de tanta ansiedade. E aí a gente conversando, de primeira ele já me apresentou a seleção brasileira da época do esporte e aí ele falou assim “olha, eu acho que se enquadra muito bem nesse, quer conhecer? Te dou uns dois meses. Se você não gostar eu te indico para outro esporte tranquilo”. Aí na hora que eu cheguei lá na academia, povo tudo doido, um gritando, o outro levantando aquele tantão de peso, minha mãe ficou doida também querendo saber mais, querendo ver mais, ela fica louca. E aí eu já me apaixonei logo de cara, os dois meses tá aí tem 10 anos né, uma década, mas eu acho muito importante porque,

assim, eu era a mais nova, a mais nova, eu fui a primeira atleta de Uberlândia né, a começar tão jovem.

E: você tinha quantos anos?

P: Tinha 10 anos.

E: 10 anos?

P: Isso, fui a primeira. E aí eu via que o número de mulheres era um pouco reduzido. Na hora que eu vi eu falei “ah, meu Deus do céu”, e é isso que o povo pensa, quando é mulher ela tem que ser sujeita a balé, natação, atletismo ou corrida, nem todo atletismo é corrida, mas, enfim, nunca você vai parar para pensar e perguntar “Ow, você é do halterofilismo?”, porque ninguém tem coragem de chegar e perguntar até porque o povo, tipo, pensa em todas as modalidades, menos halter. E aí, esses dias mesmo eu estava andando e as pessoas me perguntaram “você é do basquete?” e eu “não, não sou”. Mas eu estou feliz que a modalidade está crescendo, o número de mulheres tá igual ou pelo menos parecido com o masculino, então eu fico muito feliz com isso, estamos dando a reviravolta.

E: Aí sim! E sobre essa sua trajetória no esporte, a sua deficiência é congênita, adquirida, como que funciona?

P: A minha deficiência é congênita, eu tenho artrogripose e mielodisplasia. A artrogripose, ela é, ela ajuda né, coopera na má formação de alguns membros, má formação, assim, ah, eu não sei explicar, tipo, deixa a pessoa com falta de algum, de algumas coisas e alguns deles não conseguem mexer do pescoço para baixo, né. Tipo, a minha mão, ela é diferente, minha mão não, os meus dedinhos é meio diferente e ajuda, a gente, nesse quesito a gente não tem força, assim, sabe? Eu não sei a palavra certa, eu esqueci, tá aqui na minha cabeça mas eu não lembro, e eu não tinha nem noção que eu poderia algum dia ser atleta, eu tinha vontade de ser atleta, eu via muito as Olimpíadas, eu não lembro qual que foi a Olimpíada que eu vi, aí eu tava vendo uma e eu sou apaixonada na ginástica artística, então eu vi aquilo, eu ficava doida, eu ficava “ai, meu Deus do céu”, inclusive aprendi várias na ginástica artística. Eu posso? Não, mas eu faço? Com certeza. Aí eu fiquei muito feliz que depois de anos eu realmente virei atleta profissional e hoje eu tô viajando o mundo.

E: Que legal! E aí você, você comentou né, que antes de você ir para o halterofilismo mesmo, você falou que já tinha passado em tudo quanto é tipo de esporte né. Quais esportes você praticou, como que você ficou sabendo dessas modalidades? Você chegou a ter contato com essas modalidades que você praticou na escola ou era instituição de clube, assim mesmo, instituições esportivas, associações?

P: A escola nunca deu muita importância para a pessoa com deficiência. Eu falo, porque assim, eu chegava na aula de Educação Física, ele [o professor] pegava um joguinho e jogava enquanto os meninos estavam elaborando maior jogo, então, e eu também não podia brincar com bola, até hoje eu não posso ficar brincando com bola, por conta da minha baixa visão, então assim, para mim, eu ficava muito chateada com isso, de não poder brincar mas depois de um tempo eu fiquei “ah, tô nem aí também de poder brincar em escola pública, enfim”. O esporte foi para mim, por conta justamente da saúde, eu fazia acompanhamento na AACD, aqui em Uberlândia, e aí era por questão de saúde, eles tinham indicado para fazer várias coisas, tem natação, só que eu não podia por conta do ouvido, eu sou toda prejudicada, por conta do ouvido, e aí eu tentei também balé, e tudo bem, nossa, já tentei muitas outras coisas, também por indicação médica. E aí, no último caso, ele [o professor] falou “não tem mais jeito, não tem o que eu fazer, você vai ter que tentar fazer pelo menos isso aqui”. E aí foi onde eu já comecei no halter.

E: Legal! E aí você comentou que você se apaixonou, viu um monte de gente gritando lá. Além disso, o que te levou a escolher, assim, que você começou a praticar e falou “não, é essa modalidade mesmo que eu quero”. Teve algum outro motivo ou um conjunto de coisas que contribuíram para você decidir mesmo.

P: Assim, eu falo que eu não escolhi o esporte, o esporte me escolheu, até porque foi amor à primeira vista, na hora que eu cheguei lá, parece que a academia era no meu lugar, parece que eu nunca tinha saído dali. E cara, eu me senti bem acolhida pelas pessoas que estavam lá, os outros atletas tudo conversando comigo, tentando puxar assunto, querendo saber quem eu era, quantos anos eu tinha e tal. E aí a minha mãe também, minha mãe me incentivou muito porque ela tava muito doida, assim, para mim, aí eu achei muito legal, tipo, ela também se apaixonou muito quando ela viu, então pelo apoio e incentivo que eu recebi, também me incentivou bastante a querer continuar e principalmente pelo desafio que é, né, porque o halter é um desafio toda vida, todos os dias tem que se superar, superar o cansaço, superar as dores, porque as dores

vem, e se auto superar em questão de carga. E eu sou muito competitiva, tipo assim, muito! Eu posso até perder, mas desistir não, eu não desisto, então assim, foi muito impactante para mim ver isso, entendeu: E o esporte conseguiu trazer meu lado competitivo mais à tona ainda, então se eu era antes, agora estou pior (risos). É isso que me fez continuar e querer tá lá, tipo, aí eu vi uma menina ali fazendo, sei lá, 40kg, eu queria bater a meta dela, tipo, tá fazendo 40, eu quero fazer mais, e foi assim até hoje, até hoje eu sou assim.

E: Que legal! E aí entrou na modalidade com mais competição ainda, mais competitiva?

P: É, eu não entrei, na verdade não foi para competir a princípio, é justamente pela saúde, só que meu técnico olhou bem para minha cara e para minha mãe e falou assim “olha, eu não treino atletas amadores, só profissionais”, eu “putz”. E aí minha mãe olhou pra mim, eu olhei para ela e disse assim “Bora!”, então assim, eu comecei muito nova, e poder tá lapidando me ajudou muito, me ajuda muito até hoje pelos resultados que eu tenho, e eu não me arrependo de ter começado não. Por mim, se pudesse começar assim na hora que eu nasci, era ótimo.

E: Já estava nascendo lá levantando peso (risos).

P: Exatamente (risos).

E: E como é ser, né, uma atleta paralímpica de alto rendimento né, da menina que você era lá com 10 anos, que tava entrando na modalidade sem perspectiva de realmente ser uma atleta, até chegar no nível que você tá hoje?

P: É, para mim é surpreendente. Eu não imaginaria, eu não imaginava estar no lugar que eu estou hoje. É, para mim, até hoje, eu não consegui, tipo, entrou na minha cabeça, tipo, é real, sabe? Tenho grande chance de ir agora para Paris 2024 também e eu fui a mais nova da delegação brasileira, uma das mais novas né, a mais nova do halter e, mais um menino também da seleção brasileira, que não era do halter, era da natação se eu não me engano, que estava indo também, então os mais novos era a gente e foi muito emocionante eu estar lá e poder participar e ver as coisas de outras formas, de outros ângulos ali, foi incrível.

E: E como foi chegar nesse nível, assim, o que que você coloca de, que você acha que dificultou ou que ainda dificulta e aquilo que facilita né, que a gente chama de agentes dificultadores, que são os obstáculos ali que a gente encontra e também os facilitadores desse processo. Tanto de

quando você ainda era nova, não que você, você ainda é nova né, mas assim, quando você era criança mesmo e entrou na moralidade e até talvez os desafios, os obstáculos e também os facilitadores que você tem hoje nessa carreira de atleta paralímpica.

P: Eu acho que o que dificultou, eu não vou falar dificultou porque, assim, para mim, quando eu coloco um trem na cabeça é bem difícil de sair, a pessoa tem que ser muito boa no que ela fala ali e mesmo assim eu ainda fico com um pé para trás. Mas, assim, eu falo familiar, teve uma época, em 2019, que eu tava indo para os jogos parapanamericanos em 2019 em Lima, e aí, assim, eu treinava de manhã e tarde e dia de sábado também, eu faço isso até hoje tá, gente? Eu treino todos os dias de manhã e de tarde, tirando quarta, hoje é meu dia de folga, folga só da parte da tarde, parte da manhã a gente treinou, e aí eu ia de sábado também. E aí, o que que acontece, uma pessoa da minha família chegou em mim e falou “não, Larissa [nome verdadeiro alterado para nome fictício], vem pra cá e tal, não sei o que”, eu falei “não vou, porque eu tenho treino”, “ah, mas você vive para esse treino e tal, não sei o que, esse treino não te dá nada”, e, tipo assim, eu fiquei parando para pensar “não, realmente, não me dá nada, eu tô viajando para fora do país, eu tenho uma bolsa que me ajuda para caramba, eu tenho familiares que me apoiam para caramba”. E, tipo assim, muita gente não colocava fé naquilo que eu estava fazendo. Eu tinha uma amiga que a mãe dela não gostava de mim, de jeito nenhum, ela falava que eu ia levar a filha dela para o mal caminho, mal sabia ela. E aí eu falava que eu era atleta, eu não viajava na época porque eu era muito nova, eu falava que eu era atleta e tal, que eu um dia iria viajar e tal, e aí ela não colocava muita fé no que eu estava falando. E aí, tipo, ela falava que eu era um péssimo exemplo e tal. Chegou um certo dia e a gente se viu, esses dias atrás, faz um pouquinho de tempo, e aí ela “nossa, Larissa [nome verdadeiro alterado para nome fictício], que não sei o que, parabéns”, e eu tipo “ah, entendi! Na hora que eu queria que tu me ajudasse, me apoiasse, tu não queria, agora que tu tá me vendo?”, ela “ah, porque eu te vi na TV”, e eu “bacana, interessante.” E aí a gente sai como grossa, porque na época que a gente tava começando ninguém colocava fé, hoje em dia não, hoje em dia a pessoa já vem, já vê que a coisa é diferente. Tipo assim, eu saí do gabinete do prefeito quarta passada, a gente tava numa, num evento com o próprio prefeito, e aí eu saí e tal, aí hoje, por isso que eu pedi para ser mais tarde, hoje eu fui no banco e aí o moço lá do banco falou assim “nossa, eu te vi, você tava junto com prefeito, você tirou foto com prefeito, que não sei o que, não sei o que, vou te acompanhar”, eu falei “acompanha mesmo”. Então assim, são pequenas palavras ali, que não vou falar que me

desmotivava, mas que me deixava com um pezinho atrás com uma pessoa, e aí aquilo só me fez crescer ainda mais, falando “não, muita calma”. E eu fui para Lima por convite, porque assim, quando você é convocado, parece seu nome, tudo bonitinho. E quando você não é convocado e você tem chance de medalha, aí eles pegam um convite, eles podem ou não aceitar, e aí foi por convite. Pessoas da minha própria equipe uma vez falou assim “ai, tá se achando demais, você tá indo por convite”, e aí nesse convite lindo e maravilhoso que eu fui, Graças a Deus, eu peguei uma medalha. Eu fui com chance de pegar bronze ou às vezes até não pegar nenhuma, e eu voltei com prata.

E: Olha, que legal!

P: E aí eu até zoei depois, eu falei assim “olha, a convite pegou medalha, né gato?”. Eu não queria falar nada, foi o convite mais bem acertado do planeta, e aí a pessoa meio que ficou emburrada depois, mas ai, gente, aí agora eu vou para o parapan né, em Santiago, só que agora eu não vou para convite, eu vou pelo meu nome mesmo, então eu tô muito feliz e tô ansiosa também.

E: Ai, que legal, Larissa [nome verdadeiro alterado para nome fictício]! E hoje tem alguma palavra, alguma frase, algo que você consiga definir o que o esporte representa, o que ele significa para você, na sua vida? Tanto na vida pessoal ou na vida profissional mesmo como atleta.

P: Nossa, é difícil definir uma palavra aquilo que me deu tudo que eu tenho hoje. Porque assim, eu venho de uma família humilde, então assim, sem chance, o máximo que eu poderia sonhar em viajar é ali para Goiânia, Goiás, ali perto e olhe lá. E, assim, o esporte me proporcionou tudo, tudo, tudo. Bolsa, viagens, conhecer pessoas diferentes, conhecer culturas diferentes, nunca imaginei que do nada eu ia aparecer lá no Japão, sabe? Com, sei lá, 18 anos, então eu fiquei, eu fico muito impressionada e é muito difícil, por isso que é muito difícil eu pensar só em uma palavra, né? Mas, se tivesse uma palavra, eu diria a liberdade, porque a gente, nós, uma pessoa com deficiência, a gente vive numa bolha e às vezes o próprio familiar coloca a pessoa lá dentro daquela bolha. Graças a Deus a minha família nunca foi assim, mas eu conheço pessoas que vivem na bolha, e ele não vai sair porque a família não deixa. Tipo assim, eu sou única excluída, eu mesmo pensava que eu era a única exclusiva da terra que tinha alguma deficiência, até eu entender que não, que tinha mais gente assim, que tinha mais pessoas com

outro tipo de deficiência, até eu conseguir compreender e colocar isso na minha cabeça, foi pelo esporte mesmo. Eu tinha depressão quando eu era mais nova, então o esporte também me ajudou isso, né, a conhecer outras pessoas e a mudar, eu ver as pessoas com outros olhos, que até então eu praticamente não gostava nem de conversar, essa conversa que a gente tá tendo agora eu não teria se fosse antes. Então, é liberdade. A gente consegue ver que o nosso mundo é totalmente diferente daquilo que a gente imaginava, a gente pode fazer o que a gente quiser.

E: E durante toda essa, essa questão de liberdade né que você dá, o que significa, dá o significado do esporte para você, essa sensação né, você sente agora ou já faz algum tempo. Por exemplo, assim, você não praticava nenhum esporte né, passou por diversos esportes até chegar no halterofilismo com 10 anos, mas isso você já sente desde lá ou você acredita que seja uma construção que você teve durante todo esses 10 anos na modalidade?

P: Olha, eu paro para pensar e fico “gente, eu, é uma coisa inacreditável porque tipo, parar para pensar, tem mais deficiente dentro de casa do que fora”, então para mim é uma coisa que às vezes me bate de repente “pô cara, eu consegui tal coisa, eu consegui, sei lá, viajar ali para São Paulo, que seja São Paulo, ali perto”, mas essa satisfação acho que todo mundo tem e não sabe descrevê-la, sabe? De poder “não, cara, você não pode fazer”, “eu posso porque eu quero fazer e eu vou”. Então assim, autoestima, outra coisa também que dá para caramba é autoestima porque tipo, cara, se você consegue conversar com os outros, se você tem essa liberdade de chegar e conversar, já, já te dá autoestima para você poder “tá, agora eu consigo dominar o mundo”, e é muito importante isso. É algo que eu penso assim, do nada dá um de repente, pensei, toda hora eu fico pensando “cara, se não fosse a minha mãe insistir, a psicóloga vim conversar comigo falando “não, você tem que tentar porque você não tem mais nada para você fazer” e se não fosse Deus também na minha vida, eu não estaria onde eu estou hoje.” Então, todo esse mérito não é meu né, não é só meu, assim, é uma pequena partezinha.

E: E em relação a, você comentou também essa questão da, do número né de mulheres e de homens tanto no esporte paralímpico em âmbito geral mas também na sua modalidade, ainda mais a sua modalidade que, como você também comentou, é muito vista como masculina, que não é o lugar de mulher e tudo mais. E aí quando você entrou com 10 anos você comentou também que tinham poucas mulheres né, e que hoje esse quadro está mudando. Mas você é, onde você treina hoje, tem também mais mulheres ou é mais quando você vai para competição

mesmo ou no treino mesmo, no seu dia a dia tem outras mulheres, seja do halterofilismo ou também de outras modalidades?

P: Sim, é, o nosso, o nosso lugarzinho né, tem bastante mulheres que são do halterofilismo. É, vamos dizer assim que a gente igualou ou até tá maior do que a quantidade de homens, então é algo que me deixa muito feliz, ver que as mulheres estão pegando brabo. Até porque para o mundial foi a maior delegação e 90% da delegação eram só mulheres que estavam indo para Dubai. Então assim, cara, o nosso esporte está crescendo cada vez mais e cada vez mais mulheres estão entrando e estão vendo que não é para homens, porque tem muita gente pensa que vai ficar musculoso, vai ficar igual o povo do fisiculturismo, aqueles braço grandão, aquelas coisas estranhas, mas não, então é difícil você colocar isso na cabeça de uma pessoa, principalmente se for menor de idade, que tem que conversar com a mãe, a mãe fica tipo meio que com pé atrás, tipo “ah, minha filha não vai fazer isso”, então é complicado. Mas que agora tá melhorando muito, a gente tá gravando muita visibilidade, graças a Deus agora em Uberlândia e fora também, né, o Brasil está sendo bem visto, então eu fico muito feliz com isso.

E: E hoje tem, assim né, eu achei muito legal e interessante o fato de, ainda mais na sua modalidade né, no esporte paralímpico geral mas também na sua modalidade, de já ter ali né as crianças, como criança mesmo já iniciando a carreira esportiva. Hoje você já está numa fase adulta, ainda sendo nova, mas já está numa fase adulta, você assim, tem outras crianças chegando para fazer a modalidade, ou você enxerga que tem uma resistência, como que é essa essa adesão, vamos dizer assim?

P: Olha, por ser assim, igual eu falei, às vezes é, o familiar prende muito, então acaba que conhece mas o familiar fica com medo, só que tem uma parte de crianças que estão se interessando, estão querendo ir e que estão participando para caramba. Por exemplo, meu técnico aqui de Uberlândia, ele é o técnico da seleção brasileira, o melhor técnico do Brasil e ele é especializado em esporte infantil também, né, esse princípio. Porque é muito importante você pegar um atleta no início, quando ele é mais novo, que consegue lapidar, que consegue fazer tudo, porque quando chegar na fase adulta, ele já vai estar tipo no auge, assim, ele já vai ter passado por todas as etapas que são fundamentais e que às vezes com adulto não dá mais para fazer, porque já é adulto, então assim, é, muitas crianças que ainda estão em casa, mas invisibilidade mesmo né, inclusive a gente começou a acompanhar um tempo atrás para chamar

essas crianças, para elas poderem participar, pelo menos ver como é que é né nosso esporte. Também temos aí o festival paralímpico porque, dessa vez não vai ter halterofilismo, mas já teve as outras vezes, que é muito importante e chama muito as crianças.

E: Ai, que legal! E o seu técnico, que você comentou, ele é o seu técnico desde quando você começou lá com 10 anos?

P: Desde que eu comecei, desde quando eu comecei, agora virou uma relação de pai e filha.

E: Legal! E hoje quais são as suas expectativas, os seus desejos né, na sua vida, assim, esportiva, na sua carreira profissional mesmo?

P: Olha, é, eu medalhei agora no mundial de elite e fui a primeira medalhista júnior a conquistar medalha no adulto também na mesma edição do mundial e a intenção, assim, eu peguei terceiro lugar. A intenção é pegar primeiro nos próximos anos e também medalhar agora né em Paris 2024, então tô muito feliz e estou muito ansiosa para chegar logo ano que vem (risos). Porque gente, é muita ansiedade, a gente fica muito ansioso e pensa no futuro, pensando nas possibilidades né, então a gente passou do mundial agora, deu tudo certo graças a Deus, a gente tem a etapa do parapan e mais duas etapas classificatórias finais para os jogos e aí sim eu vou poder dizer que eu sou convocada, mas até então por enquanto eu tô bem classificada. E é isso, a gente tá trabalhando muito para poder pegar a medalha lá também. E nas próximas, né? (risos)

E: Ah, sempre buscar a medalhinha, né Larissa [nome verdadeiro alterado para nome fictício]?

P: Olha, não queria mostrar [as medalhas], te falar nada não, entendeu, porque eu sou uma pessoa diferente sim e tal, eu não ia nem mostrar, mas minha mãe que fez, tipo, cara, engenhoca para caramba. E ainda não tem todas aqui, porque tem algumas guardadas, mas a gente, ah, achei, tem gente que vai perguntar “você queria?”

E: Conseguiu achar aí?

P: Achei! Eu, assim, minha mãe fez uma árvore de medalhas [ela mostra um vaso com um galho de árvore plantado com ramificações e com as medalhas penduradas].

E: Ai, que legal! Tem que ser na árvore porque se faz na parede, é tanta medalha que iria cair (risos).

P: Pronto, iria cair a parede e tudo (risos). E aí foi uma ideia, minha mãe tirou do zero, o tronco é de árvore de verdade, lógico que ela não arrancou, não maltratou né, a árvore, coitada, mas é verdadeira, e aí ela me incentiva. Eu peguei medalha agora do mundial mas eu tô deixando ela guardada porque às vezes pode ter alguma entrevista, então ela tá na mochila. Vixe, eu durmo com ela, coloco na mochila, eu falei que eu ia ficar um nojo assim que eu ganhasse essa medalha e eu realmente tô (risos). E assim que eu colocar, eu coloco, vou colocar ela ali, as medalhas né, porque foram quatro, e aí eu, ela mesmo fala assim “ah, é uma árvore né, vai dando frutos, então quanto mais frutos você colocar, mais ela vai dando”. Aí eu tô começando acreditar nisso, aí eu já tô louca para colocar mais.

E: Daqui a pouco sua mãe vai ter que improvisar outro galho, outro tronco, vai ter que ser um tronco (risos), um galho não vai dar conta.

P: Vai ter que ser a árvore toda (risos). Mas é, fiquei muito feliz, quando eu cheguei aqui, ele tava pronto. Eu participei do processo no começo, só que aí eu viajei e aí ela terminou o resto, na hora que eu cheguei tava pronto, falei “meu Deus do céu, que coisa mais linda”. Fiquei muito feliz.

E: Que legal, ficou muito bonito!

P: É, tem bastante medalha, Graças a Deus eu já nem sei quantas que tem.

E: Isso aí Larissa [nome verdadeiro alterado para nome fictício], e bora conquistar mais!

P: Bora conquistar mais! Se Deus quiser, estamos aí, vocês vão ouvir muito falar do meu nome.

E: Vamos! Bom, acho que por enquanto é isso. Caso, eu vou né finalizar a gravação aqui também depois. Eu e minha orientadora vamos assistir de novo a entrevista, fazer algumas análises e se surgir alguma outra dúvida, aí eu acho que faltou perguntar isso ou aquilo, aí qualquer coisa eu entro em contato com você de novo. Estou muito agradecida pela sua contribuição aqui, ainda mais como uma atleta do halterofilismo, muito importante ter você aqui, pode ter certeza que a sua experiência, tudo que você falou que vai contribuir muito para minha pesquisa mas também para o desenvolvimento né de mulheres com deficiência no esporte, que é algo que a gente ainda tá bem cru nisso, então tem muito para crescer.

P: Com certeza!

E: E que surjam muitas Larissas [nome verdadeiro alterado para nome fictício] por aí né, ainda mais. Eu fiquei bem feliz do jeito que você iniciou ali, com 10 anos. Já que a gente vê que é bem difícil ter essa iniciação cedo, geralmente é só na vida adulta ou às vezes como você também falou, as pessoas nem sabem que existe o esporte, as pessoas com deficiência às vezes nem sabem que o esporte é uma possibilidade para elas, então o seu relato né, o seu engajamento também que você comentou de buscar mais crianças para trazer para apresentar a modalidade. E estou na torcida aí, vai dar tudo certo!

P: Amém, muito obrigada pelo convite! Quando precisar, pode me mandar mensagem. Pode acontecer de eu ler a mensagem e esqueci de responder, muito obrigado pela oportunidade.

E: Depois preciso que você imprima e assine o termo ou só responder o e-mail que eu te mandei falando que você leu o termo e que aceita participar da pesquisa, só para eu deixar salvo para não ter nenhum problema e eu conseguir usar as informações.

P: Tá bom! Muito obrigada.

E: Eu que agradeço! Um beijo, boa semana e bons treinos aí que tem!

P: Muito obrigada! Para você também.

E: Tchau.

P: Tchau.

11. Apêndice 4

TRANSCRIÇÃO - PÂMELA

E: Bom, vamos começar então.

P: Ok!

E: Você é uma mulher

P: Sim!

E: Você é uma mulher, uma atleta com deficiência, me conta um pouquinho como que é isso é, como você se sente.

P: Então, 25 de janeiro eu vi minha vida mudar de um dia para noite né, 25 de Janeiro de 2002 foi onde que tudo mudou né. Fisicamente, mentalmente, psicologicamente, a vida me reestruturou né, a mulher que me tornei hoje. E... Graças a Deus que tudo se deu dessa forma né, porque talvez eu não teria me tornado né, a atleta que eu sou hoje. Então hoje para mim, o que que eu posso dizer? Sou grata né, eu sou Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício], atleta da nataação paralímpica, que tô tendo a oportunidade de vivenciar esse mundo fantástico né, esse universo esportivo que temos hoje né, E é um privilégio para poucos, né!? É... Hoje eu me vejo assim. E talvez eu não me veria dessa forma se eu não tivesse sofrido um acidente né, da minha vida ter mudado. Então... têm seus altos e baixos.

E: E como que foi essa trajetória, assim, você já praticava algum esporte antes do acidente? Como que você começou na nataação paralímpica?

P: Então-

E: Até chegar na grande atleta que você é hoje! (Risos).

P: (Risos) Então, é bem dinâmico, né? Eu sempre pratiquei esportes, eu sempre fui amante do esporte, então tudo de qualquer brincadeira que envolvia esporte, adrenalina, pode ter certeza que eu tava nela! Então quando criança, quando adolescente, eu joguei futebol feminino, mas profissionalmente não consegui levar a frente né, porque você tem escolhas no nosso país.

E... o esporte para mulheres então, sempre foi um tabu. Hoje não digo que não seja ainda, mas, tá bem a diversidade e as oportunidades elas estão mais acessíveis do que era antes né. E aí larguei. O futebol se tornou como se fosse um hobby entre uma folga e outra de trabalho, porque, eu me tornei mãe muito nova né, então eu tive que optar entre me tornar um atleta ou ser uma chefe de família. E aí... eu tive que ser uma chefe de família. E aí quando eu sofri meu acidente, a gente, eu entrei no centro de reabilitação, o CREFES, lá no Espírito Santo, lá em Vila Velha. E lá começou a minha trajetória! Quando eu cruzei a porta daquela unidade, a forma de como eu fui acolhida, os profissionais que tinham naquela época, fez toda a diferença na minha jornada que tenho hoje! E aí eles estavam com um projeto de reabilitar no esporte, mostrar às pessoas que o esporte é uma ferramenta de reabilitação, naquela época. E que bom que houve profissionais nessa época que teve esse intuito, o meu treinador, eu falo “meu” treinador com muito orgulho (sorriso), Márcio [nome verdadeiro alterado para nome fictício], ele era um dos funcionários dessa unidade e, ele começou a implantar esse projeto né. E aí me fez idens convites. E... eu nunca aceitava porque na época eu não sentava numa cadeira de rodas! Eu não falava, eu não mexia quase nada. Eu entrei na unidade em cima de uma maca, entubada para tudo quanto é buraco que o nosso corpo tem. Então viver falando hoje assim, fluente, é... um privilégio pra mim, uma honra que Deus me devolveu minha fala. E aí ele [o técnico] começou uma saga. Os longos anos da minha vida eu procurei... eu ficava sentada lá vendo aquelas pessoas, e aí vinha falar comigo eu não respondia, hoje nós somos grandes amigas. E ali quando eu menos me imaginei, eu não me dei conta né, eu já tava inserida dentro do sistema. É... comecei com um grupo, uma roda de conversa bate-papo, e ali foi criando forma da gente sentar, me ensinar como é que sentava numa cadeira, como é que você lidava com aquela cadeira né, que seria sua nova vida né. E aí eu fiz 12 anos nessa brincadeira, que eu comecei em: “como ocupar a mente?”. É o melhor exercício e fortalecimento da alma, porque eu falo que mente vazia é labirinto pro diabo. E aí os períodos que minha mente ficou vazio eu comecei a fazer merda né. E aí eles falam assim: “não, então, você tem potencial, vamos conhecer! Tem um grupo de meninas aqui e você pode ser mais uma integrante, vai compor e vai fazer o número exato que a gente tá precisando!”. E aí eu falava desse jeito, eu me lembro como se fosse hoje (rosto e boca franzida): “Nã- não, não, nã- não. Bom, quando eu puder eu vou, eu tenho medo!”. E ele falou: “eu vou te ensinar a você perder o medo”. Eu tava voltando a falar! A dar sinais que eu ia voltar a falar, e... falar hoje fluente pra mim é, eu sou grata ao basquete. Em 2009 para 2010, o Espírito Santo estava tendo um congresso para diversificar e

mostrar a diversidade do esporte que o Espírito Santo tinha, que Vitória tinha. E aí se juntou todos os professores e profissionais daquele segmento: atletismo, natação e várias outras comunidades esportivas, que a gente até então desconhecia que existia, entende? Grupo de dança do Quilombo. Eu nem imaginava que era um universo fantástico e de várias né, e modalidades e etnias. E... qual o nome que se dá na época. eu não sabia nem como falava né. Eu só sabia que eu me tornei mais uma integrante do sistema. E aí ele é um professor, o Fábio Brasil que é professor de Educação Física. Tava montando um projeto. Tinha montado um projeto de inclusão a pessoa que tinha limitação física ou que já nasceu com alguma deficiência e tal, a fazer natação. E era dentro do Clube Álvares Cabral. E aí porra... Um clube renomado, mais de 100 anos de tradição que eu nunca tinha conseguido entrar com andando pela porta da frente daquele Clube. Entrar nele, pela porta da frente, de uma cadeira de rodas, também jamais poderia imaginar que eu faria isso. E aí ele me convidou para me conhecer natação. Eu brinquei com ele ainda, falei: “rapaz, natação como? Eu nunca vi uma piscina nem no motel quanto mais na vida real” (MUITOS risos). Literalmente! E aí ele me levou para conhecer a natação, aí uma amiga minha, ironicamente eu me tornei a nadadora por causa dela, e aí ela falou assim: “amiga eu tô fazendo natação” e eu falei assim: “QUE!?!?!?!?!? Você?” O nome dela é Tati [[nome verdadeiro alterado para nome fictício]. Aí eu falei: “AAAA você tá zoando comigo”. E ela é pólíio e ela é pequenininha assim ó (abre os braços e exemplifica o tamanho comicamente). E eu fiquei imaginando como é que ela nadaria (risos). Como é que a mente do ser humano é né. Quem desconhece o potencial ou habilidade que cada um de nós temos não julga pela aparência. Eu fui mais um indivíduo ignorante, como muitos existem ainda, eu fiquei imaginando realmente dessa forma. Hoje se tornou engraçado da forma de como nós tínhamos, nós temos, uma amizade tão bacana, tão profunda e uma liberdade da gente lidar do nosso jeito, das coisas tão ignorante ou não. Daí a gente zuava né. E aí ela chegou e falou assim: “rapaz juro!”. Aí quando eu cheguei vendo ela nadar, eu fiquei imaginando... eu olhava pra mim, eu olhava para ela eu olhava pra mim. Ai eu falei: “caraca velho, como é que ela consegue? Como é que pode?” Aí ela falou assim então: “Você quer descobrir? Entra aqui dentro que você vai saber como é que é!”. Ai eu falei: “se ta doido eu não sei nadar rapaz, eu hein, se tá loca?! Eu vou afundar”. Ela, ela falou: “nãooo, eles vão te ensinar”. E ali começou uma nova descoberta. Meados de 2000 é... final de... entre setembro pra outubro eu fui conhecer. Bati um papo com ele, ele explicou como é que o projeto funcionava...

E: E Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício], em que ano que foi isso?

P: Foi em 2009, final de 2009 pra começo de 2010, E aí é-

E: E aí você comentou- Só rapidinho, pra mim entender aqui que eu tô marcando algumas coisas. É.... No caso você teve o acidente em 2002 e aí você entrou ali no CREFES do Espírito Santo para o esporte como forma de reabilitação. E aí você, quando você falou dessa de voltar a sua fala, você falou do basquete, você praticou diversas modalidades ou foi só no basquete para depois ir na nataação?

P: Não. Lá dentro do centro de reabilitação, lá a gente fez, eu fiz basquete, eu fiz dança em cadeira de rodas. Aí depois de dança de cadeira de rodas, eu fui para nataação, eu fiz tiro esportivo, eu tentei o vôlei sentado, mas lesado quatro membros não dá certo, eu testei o remo adaptado, também não me dei bem, porque... não é que eu não me dei bem, pra mim que tem uma lesão alta, eu morria de medo ainda morro, de medo de ter uma regressão né, infecção, escara essas coisas assim... então, o remo ele já é mais propício para isso. E aí eu não quis me alimentar, eu só vivenciei a experiência. Mas aqui, eu cheguei a praticar mesmo foi só basquete, nataação e tiro esportivo.

E: E aí todo esse tempo até você entrar na nataação você sempre tá praticando alguma modalidade?

P: Ah eu sempre vivenciava as experiências, entende? Não tem aquela descoberta de que você: “Ah o basquete é minha paixão”. Hoje o meu universo é aquático, entende? Na parte da adrenalina é o basquete. É... vivenciar essa magia é água. O basquete é adrenalina. A água é uma magia cara. Você não tem noção como é que você vê o seu corpo flutuar que, sentadamente, a gente não vê! A gente não consegue ver a leveza que isso tem! A forma como transporta, como ela materializa a gente assim. É incrível de falar, eu sou suspeita em falar, entende? E aí tipo, sou grata por ter tido essa dádiva, sabe, de sempre me permitir vivenciar a experiências. É... poucas pessoas se permitem a isso, entende? Eu busquei entre uma situação que eu estava vivenciando ela, era uma forma de resgate e de autoafirmação, porque eu precisava provar pra mim, e mais do que pra ninguém, era para os meus filhos que eu ainda era a mãe deles e que eu era capaz! De mostrar para eles que eu tava ali, que eu era útil. E a importância da minha presença mesmo naquela cadeira de rodas. E isso eu agradeço ao esporte por eu ter tido essa

oportunidade de eu ter vivenciado vários momentos dentro de uma reabilitação, que ela tem altos e baixos, ela começa a calma depois ela fica frustrante. E depois você tem que redescobrir ou- ressigni... fazer um resignicamen- (atropelamento de palavras)-

E: Resignificar?

P: Isso. Dá aquele sentido da importância né, da sua vida, da importância que tem a vida do outro e... e isso o esporte proporciona cara. Eu sou grata eternamente ao esporte por todas as dádivas e por todos os privilégios vivenciado nesse de (elipse de pensamento) 2005 até hoje, eu posso dizer assim, né? Porque eu nunca parei né, eu fiquei do basquete e a natação eu fiz quase 4 anos simultâneos, o basquete e a natação. Eu pedi eu pedi dispensa na minha equipe principal do basquete porque eu era titular da equipe em 2015. E aí meu treinador o Márcio [nome verdadeiro alterado para nome fictício] que é o treinador da seleção da equipe do IREFES e, da Seleção Brasileira também, porque ele compõe a Seleção Brasileira também. E eu pedi dispensa, e ele chegou me fez uma pergunta assim: “você tem chance de ir para uma paralimpíada por acaso?”

E: Ele era seu técnico do basquete?

P: Era meu técnico do basquete. E eu falei assim: “então se eu tenho chance eu não sei, mas que eu vou para uma paralimpíadas eu vou” - aí ele tava tendo coisas do Rio, era projeção Rio, ia ter coisa no Brasil - E aí: “rapaz você tem chance de ir para paralimpíada no rio?” E eu tipo assim: “se eu tenho chance eu não sei, mas que eu vou. Eu não sei, mas eu vou”. E eu só fui assim categórica. E ele falou assim “eu preciso conversar com você...”. E ele começou a pegar no meu pé e nisso eu fui convocada pro basquete eu fui pré-convocada. E no basquete funciona assim, pré-convocação, você se apresenta, faz os treinamentos e depois eles tiram as 12 que vai ou as 24. Na época eram 24. E aí depois tinha eliminação novamente para ir só as 12 titulares, aí eu também tava concorrendo - comecei a desenvolver na natação também - e nisso eu fui convocada para fazer a classificação internacional na natação. E aí se tornou uma chance mais real (olhos arregalados)! E eu falei tipo: “Oi?”. Aí eu falei assim: “vamos conversar? - aí eu já tava me sentindo infeliz - vamos fazer assim: me permite eu treinar um ano exclusivo só natação? Se eu não der certo e não tiver êxito, eu volto para o basquete e a gente não toca mais no assunto. Eu me dedico exclusivamente ao basquete.” E aí ele falou: “Então tá bom, trato feito”. Aí quando eu fiz a classificação, fui convocada pro Rio, graças a Deus, quando eu chego

no Rio... Graças a Deus a nossa equipe também foi convocada alguns integrantes e inclusive ele como treinador! E aí quando eu chego na concentração que a gente ia se apresentar para ir para o Maracanã, quem eu encontro na concentração? Mas pensa naquela felicidade mega de você estar com aquela pessoa que você tem como ídolo, e de você tá indo com uma outra modalidade também com seus ídolos, então puts... eu tenho megas motivos assim é... pra falar do esporte. E ali começou minha jornada na natação, eu comecei em 2010.

E: E aí dedicação exclusiva foi em 2015 no caso? E aí que você saiu do basquete e se foi depois para a natação.

P: Foi, de 2015 até hoje,

E: E como que você conseguia conciliar ser um atleta de alto nível nessas duas modalidades?

*****erro técnico*****

P: Aí voltamos!

E: Aí, foi. Eu ia mandar o link agora pra você aqui.

P: Ah é, é, daqui a pouco- Ele trava, o meu celular tem essa parada. É o telefone que a gente ganhou em Tóquio, é uma das tecnologias deles, pra evitar que o telefone exploda ou alguma coisa assim, sei lá.

E: Entendi.

P: Aí ele veio com esse esse dispositivo, eu nem sabia que tinha isso,

E: Tão tudo avançado já. Aí então, eu tinha perguntado para você na hora, bem na hora que travou, como que você conciliava né, ser uma atleta que, você por mais que ainda não tinha, não tivesse ido para uma paralimpíada - no caso antes da decisão de se dedicar só para o basquete ou só para natação - já era de alto nível. Como que você conciliava treinar essas outras modalidades juntas ao mesmo tempo?

P: Três né? Porque eu era mãe, pai e de duas modalidades diferentes. Eu sempre fui muito, eu sempre fui muito enérgica né, eu sempre fui ligada nos 220. Então pra mim ocupar minha

cabeça é... foi a melhor terapia que eu achei naquele momento. Porque eu fui fazendo a terapia e às vezes eu ficava, começava e falava assim: “você sabe que você tá fazendo fisioterapia, mas você não vai voltar a andar, né?” e falei assim: “E eu por um algum acaso tô falando que eu to fazendo fisioterapia porque eu quero andar? Eu to fazendo fisioterapia porque eu quero ocupar minha mente pra mim ter uma qualidade a mais de vida, porque eu acredito né”. Então, eu sempre gostei de assistir muito filme de coisa e tal, então quando o super, o Clark Kent, que era o personagem do super-homem desenvolveu aquela pesquisa e montou toda aquele laboratório quando ele sofreu acidente dele, aquilo foi uma inspiração para saber que você só precisa ter oportunidade e recursos. E eu tava tendo ali, de certa forma, eu tava tendo oportunidade de recursos. Então por que que não utilizar corretamente? Pra mim eu fiz o melhor uso que eu pude fazer. Eu tomava 24 comprimidos, hoje eu não tomo nada. Eu tomo 1 que é para incontinência urinária né, infelizmente. E que para mim tá ótimo, por que? Porque foi o esporte. Foi fácil? Não, não foi. Eu vi meus filhos crescerem, eu vi meus filhos casarem, sair de dentro de casa e eu nem vi nada (risada), tudo em prol do esporte. Minhas netas vieram ao mundo e eu nunca consegui acompanhar a gestação, eu não sei o que que é pegar no colo, eu só via depois, porque eu também acredito que você faz, você precisa de dedicação, você precisa saber o que que você... o que que você se abdicou, entende? Não foi de parar de fumar, não foi de sair de gandaia. Foram de momentos que não tem volta também, da mesma forma que nos meus movimentos. Então, é fácil essa vida de atleta? Não é fácil. É uma escolha e você tem que saber que toda escolha ela tem altos e baixos e tem as suas consequências. Prós e prós, assim como eu costumo dizer. E... que bom que eu fiz essa escolha, entende? Vou ser cobrada no futuro? Acredito. De vez em quando meus filhos tem umas DR aí né. O meu mais velho mais, o meu mais novo já consegue me compreender melhor, porque nós dois temos uma mesma característica e somos de signos diferentes. Mas é... não me arrependo não, sabia? De boa Nat. É... hoje eu tô com 47 anos e se eu tivesse só escutado com as pessoas falaram, os prognósticos que os médicos me deram: “que eu não iria falar, que eu não podia isso que eu não podia aquilo”, talvez não teria me tornado a mulher que sou hoje. Mas é muito da característica de cada um. eu já sempre fui assim. Nunca desisti no primeiro não ou no primeiro degrau alto. Eu ia buscar a mil e uma oportunidades de como subir aquele degrau alto, mas desisti de subir ele nunca passou pela minha cabeça, entende. Então sou suspeita em falar, né (sorriso).

E: Legal! E como que é ser uma atleta paralímpica hoje, de alto rendimento, aí dos Jogos Paralímpicos, o Mundial agora recentemente, você ganhou as medalhas. Como que é esse status de atleta? Não, lógico não é um status momentâneo porque tem toda uma construção por trás disso, mas qual é o sentimento de hoje tá no topo ali do dos atletas, tá num nível tão alto do esporte paralímpico?

P: Cara, eu sou grata a todos os profissionais que me alimentaram, porque quando eu comecei, a gente começa como reabilitação, né. E nesse processo eu falo que quando a gente nasce guerreiro a gente sempre tá pronto para guerrear uma boa batalha. E como em toda batalha lá todos os seus soldados, né. E que bom que eu tive esse privilégio de estar nessa jornada e, com profissionais incríveis que sempre me alimentou e do jeito deles foram me instruindo o que são hoje. Então talvez se eu não tivesse pegado uma boa enfermeira, uma boa fonoaudióloga, uma boa terapeuta ocupacional, uma boa fisio, aquele profissional que você não dava nada por ele, mas que ele via do jeito dele. Naquele momento deu rebelde, porque eu fiquei rebelde na época, eu fiquei muito agressiva. Venho de uma família de origem bem desordenada, essa é a palavra. Me ver naquela situação me fez ativar uma armadura que eu não via, mas ela tava lá, que foi da agressividade, né. Achar que era tudo no grito, era tudo na porrada, a forma de falar, entende? E esses profissionais foram me moldando e o esporte molda você também. E hoje é fácil você se tornar assim? Não, não é fácil porque a gente não temos incentivo e quando você alimenta esse sonho, você vem com uma, com uma ferramenta e depois essa ferramenta se torna um instrumento ali que vai formando uma obra de arte que a gente nem percebe. Eu me vejo que todos aqueles profissionais, eles foram escultores e hoje essa obra de arte que me tornei, foi a obra, é a obra deles. Eles são os artistas! Eu sou só mais uma ferramenta, eu me vejo assim. E fico honrada porque venho de família humilde, venho de um bairro de periferia, de violência alta, sou fruto de uma violência alta, né. E vê isso, e como o esporte ele é resgatador, como o esporte ele é transformador, como seres humanos quando eles vêm nesse planeta terra para ser transformadores eles transformam. E hoje eu poder falar isso aqui pra você, eu dar essa entrevista, são itens nomes, a lista se torna pequena, eu me torno só mais uma fagulha nesse universo da tamanha grandeza desses profissionais o que eles me tornaram, né. Então o esporte para mim é isso. Hoje ser uma atleta de resultados positivos é fruto de uma atendente, de uma recepcionista, é fruto de uma auxiliar de serviços gerais, é fruto de um fisioterapeuta que me acolheu, que me transformou quando eu não era nada. Então para mim chegar na alta

performance eu dependi de cada um desses profissionais mais a minha base familiar que era os meus filhos, que era minha companheira, tanto a Claudete [nome verdadeiro alterado para nome fictício] como a Marlene [nome verdadeiro alterado para nome fictício]. A Claudete [nome verdadeiro alterado para nome fictício] foi a primeira companheira minha que quando eu sofri o acidente ela não me abandonou, ela não me desamparou. Foram 12 anos incríveis 12 anos de reabilitação minha que eu fui alto me transformando. Se eu não tivesse tido o acolhimento dela, a resiliência dela me aceitar do jeito que eu tava, meus momentos altos e baixos. Talvez eu não teria me tornado a pessoa que estou aqui hoje falando com você. E... eu sou suspeita em falar entende, porque hoje eu só tenho palavras que eu não consigo ainda, de vez em quando eu busco no vocabulário que descreva toda essa imensidão de oportunidade, de dádivas de ter vivenciado tudo isso e de estar vivenciando tudo isso, entende?

E: Entendi.

P: E isso é... não sei se responde a sua pergunta, mas como é que a gente conseguiria responder uma pergunta dessa, entende?

E: Tem muita coisa por trás né?

P: Têm! É uma construção incrível que as pessoas deveriam conhecer mais. Eu acho que... eu costumo dizer que os bastidores ninguém quer ver. Eu não gosto das pessoas que me dão parabéns ou que me parabenizam e falam: “isso aí, você exemplo de superação!”. Não, não sou exemplo. Eu estou sendo, tô tendo exemplo de pessoas que sabe o que que significa superação. Essa palavra superação as pessoas tem que buscar ela mais a fundo, porque superação não é só porque eu tô numa cadeira de roda e “Ah”. Não. Superação é aquele profissional que deixa de tirar a alimentação dele pra me nutrir, pra mim continuar fazendo o que eu tava fazendo, pra ou não desistir. Então isso para mim é superar. Quando uma auxiliar de serviços gerais compartilha o seu almoço e quando a recepcionista compartilha do seu salário pra mim comprar uma passagem aérea pra mim não desistir, entende? Isso é superação! E são os bastidores que as pessoas desconhecem. Até chegar nesse auge que eu tô hoje, me tornar top 3 do mundo... eu tenho que fazer valer a pena a dedicação que eles estão fazendo. E acredito que cada um deles estavam vivenciando seus, suas circunstâncias porque nós todos vivenciamos nesse mundo universos paralelos simultâneos, mas cada um no seu universo. Ele não deixou de não ter os seus problemas pessoais e mesmo assim ele tirou o momento, aquele momento que ele tirou

para mim compartilhar, ele tava não só me resgatando mas ele resgatou. E a forma de como ele fala comigo hoje, as amizades que eu fiz nesse intelecto, todos os profissionais que lidaram comigo desde quando eu tava naquela maca são hoje meus verdadeiros amigos. A minha base familiar, todo aquele apoio familiar, psicológico, que eu precisei e eu não tive da minha família genética, eu tive deles. Então muito positivamente dos meus resultados tá tudo nessas pessoas, então esse resultado não é meu, esse resultado é de todos eles é de todos nós. “Quando a gente une o pouco faz muito.” Eu sou fã dessa palavra que “o pouco faz muito”, o pouco faz grande e hoje eu era uma pessoa que tinha 1,54, hoje eu sou uma pessoa que hoje eu não tenho um tamanho, não é meia altura, não é minha cadeira, mas tudo que as pessoas compartilharam comigo.

E: Sensacional! E aí com base em tudo que você falou, todas essas experiências né, os relatos. Tem alguma palavra ou algo que defina o esporte, que significa, que dá significado ao esporte pra você?

P: (Feição alegre) Como é que- Eu tô ainda buscando essa palavra, Todos os dias me busca essa palavra. Cara, é tudo. Se a gente juntar todas essas situações e vivências eu ainda continuo vendo mágica, a palavra que define é todo esporte é “mágica”. “Ah, porque ela vai se materializar?”, não. A mágica, a beleza e o sentido da mágica é todo o processo para ser produzido para que você veja aquilo que sempre teve ali, mas que poucos conseguem ver. E só quando a gente atinge, transcende aquela limitação, que sai daquela zona de conforto que você vivencia a zona de conforto, aprende visualizar o prazer e a beleza que todo o processo tem e que todas as pessoas. A gente na ânsia e às vezes na ignorância ou da falta de informação ou de oportunidade, a gente não vivencia, não passa por ele, não visualiza e não consegue mostrar, é... a gente não tem sucesso e não teríamos chegado nessa palavra “esporte”.

E: Legal Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício]. E aí hoje quais são as suas expectativas, os seus desejos aí na sua carreira?

P: Ahhh, são tantos, é infinito né! Eu ainda, eu almejo né, e voltou nessa preparação para Paris 2024, o meu foco para Paris 2024 é me tornar medalhista individual. Não importa em qual prova, mas que eu vou ser eu vou em nome de Jesus! Ela vai estar me nutrindo e me alimentando e com todos esses seres de luz que estamos aqui nesse mundo terrestre compartilhando dessa energia e dessa magia que é o esporte, todos em prol desse alimentar e de fortalecer essa

unidade. Eu me vejo me preparando para melhor ir em busca disso que é me tornar medalhista individual numa paralimpíada. Esse feito eu ainda não tenho e eu quero vivenciar esse sentimento! E se Deus assim me permitir, a minha ambição maior no momento está sendo essa porque os demais a gente vai ter que vivenciar, produzir esse processo e alimentar e nutrir ele e fortalecer ele da melhor forma possível. Espero estar apta ainda pra melhor ir buscar e representar não só meu país, mas a mim mesma da melhor forma possível.

E: Muito bom! É... algumas coisas que eu queria entender também Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício], que eu tava marcando aqui pensando. Durante todo esse processo em que você quase começou a reabilitação, foi uma escolha ou foi indicação de profissional também? Ou os dois juntos você escolheu ir para o esporte como forma de reabilitação e também a indicação de profissionais?

P: Então, no basquete começou com uma reabilitação. O esporte ele foi se inserindo assim gradativamente. É irônico, pra você ver como é que era. Quando “normal” eu nunca consegui pegar direito uma bola de basquete, acertar o aro então puta que lá merda. Eu tinha 1,54 de altura, a bola não fazia nem vento quanto mais chegar no aro. Hoje, me ver sentada numa cadeira de basquete e arremessar e fazer uma cesta de três, não tem preço então, putz... fazer, jogar basquete quando “normal” não jogava, depois que fui parar numa cadeira de rodas e jogava. A magia, aquela adrenalina, ela é sem igual. Então hoje vê que esses profissionais eles não estavam errados, os esportes ele resgata, que você só precisa se permitir. E hoje eu tenho o mestre Renan [nome verdadeiro alterado para nome fictício], ele é um professor também de educação física. E... faz mentoria esportiva mental, ele falava que você só precisa se permitir. E aí eu tava naquele dilema, vivenciando o universo que eu desconhecia que era uma pessoa com deficiência, eu não sabia, não tinha mega, não tinha a mínima noção como é vivenciar esse outro lado. Hoje eu já posso ter autonomia de falar que eu tenho alguns conhecimentos. Não porque eu sei, mas que eu tenho alguns conhecimentos. E ter esses profissionais no mundo esportivo hoje, eu continuo dizendo a ferramenta esportiva eu acho que ela é o melhor remédio, é a melhor remédio para qualquer doença que o ser humano tenha. Esporte ele é o melhor remédio, ele é uma terapia, ele é aquele psicólogo, ele é aquele terapeuta, ele é aquele analgésico você só precisa querer tomá-lo, usá-lo. E aí eu quis fazer isso. Eu sentia necessidade de fazer isso. E quando eu fui me permitindo e fui fazendo, cara não tem noção Nat como que isso é transformador dentro de você. Hoje eu me olho no espelho eu sinto orgulho, eu sinto prazer na

vida e talvez se eu não tivesse conhecido o esporte pode ter certeza acho que nem em cima dessa terra eu não estaria mais. Isso é a verdade que eu tenho de mais concreto em mim.

E: E aí ô Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício] também, durante toda, todo esse processo o esporte, no caso hoje né a sua ferramenta de trabalho, é o seu, é uma forma de trabalho, lógico-

P: Se tornou!

E: É se tornou exatamente! Mas você chegou nesse período de reabilitação antes da dedicação exclusiva ao esporte, do esporte como um trabalho mesmo. Você chegou a trabalhar em outro ramo ou não? Somente para o esporte mesmo.

P: Não, não. Depois, depois que eu fui baleada no meu local de trabalho eu falei não, eu vou aproveitar. Era muito bem é... emblemático isso porque eu trabalho desde os 7 anos de idade. Então até os meus 24 anos de idade, até no dia que eu levei o tiro eu estava no meu local de trabalho. Eu nunca soube o que que é brincar... eu tirava aqueles momentos, mas sempre muito em folga de trabalhar, porque minha mãe perdeu meu pai, minha mãe se tornou viúva muito nova, com mais três irmãos né, menores do que eu para sustentar. E naquela época os filhos era criados para ser aquela ferramenta de alimentação dos pais. Então eu comecei a trabalhar com 7 anos, com 8 anos minha mãe já não comprava mais nenhuma folha de papel para mim estudar e a base lá em casa era estudar e trabalhar. Mas primeiro era estudar. E aí se não passasse de ano com notas boas o pau comia. Hoje é... quando eu sofri meu acidente eu usei esse tempo para mim vivenciar a presença dos meus filhos, apesar que é bem enfático né, porque eu ficava mais fora do que em casa também com eles. Eu saía quando andava de madrugada e chegava eles já estavam dormindo. Então eu saía falava no pé do ouvido deles eu chegava eu falava no pé do ouvido deles “bom dia fica com deus, mamãe tá indo trabalhar”, “boa noite a mamãe chegou eu te amo tá”. E eles falavam dormindo “eu também”. E quando eu sofri meu acidente levei dois anos para mim voltar a falar, então nesses dois anos que eu levei para voltar a falar era apavorante eles falar eu não sabia responder. O meu filho mais novo ele vai fazer 4 anos, então hoje ver ele com 26 anos né... Meu filho mais velho com 30 anos então não tem preço. E eu usei esse tempo vazio, esse tempo parado né, porque as pessoas pensam que você tá em cima de uma cadeira de roda, você está em cima de uma cama que você não pode fazer nada. Pode! Se você tivesse, se você tiver quem faça né, quem faça, quem te alimenta a isso, é

possível! Entende? E eu tive isso, então eu sou muito grata. E eu venho de uma geração que a gente tem que fazer valer a pena o esforço que o outro também tá fazendo por você. O esporte é isso né.

E: Muito bom Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício]. Obrigada por compartilhar a sua história, um pouco da sua história. É muita coisa e eu fico muito feliz de ter você aqui conversando comigo, relatando tudo isso e contribuindo também com a pesquisa brasileira, ainda mais nesse campo de mulheres com deficiência que estão no esporte de alto atendimento então, eu fico muito honrada de ter você aqui-

P: É que pra nós mulheres é mais conflitante né? Por quê? Por que para as mulheres mais conflitante? Nós nunca tivemos muito apoio né. Pra você ter noção o basquete em cadeira de roda quando se tornou uma a nossa equipe - eu vou te passar depois o contato do professor Márcio [nome verdadeiro alterado para nome fictício] - você vai ter outros, muitos outros relatos, você vai ser bacana. Começou tipo, a nossa equipe feminina começou muito para mostrar para os homens que nós éramos tão capazes de quanto eles, porque a equipe era só masculina. E aí quando ele saía que eles não tinham mais treinamento, a gente ia lá e sentava nas cadeiras dele nossa senhora... era uma briga. E daí eu falei assim: “sabe de uma coisa? Eu vou pegar essa cadeira para mim eu vou sentar nela, eu vou jogar e você vai ficar olhando. Eu vou estar lá jogando e você vai estar olhando. E quando eu comecei a voltar a falar e, foi muito bacana porquê... foi fácil nós montar uma equipe só feminina? Não, não foi. E a barreira começa aí. E a barreira ela sempre ela vai existir, mas não porque ela vai se tornar uma barreira, pelo contrário, ela é só um, um instrumento fortalecedor. Se você realmente quiser vivenciar essa batalha, ela não vai ser um dificultador, pelo contrário, ela vai ser o alimentador da sua força. Para você mostrar o potencial que você tem, a garra, a qualidade, as virtudes, as habilidades que todos, eu costumo dizer para galera: “todos nós temos, a gente só não utiliza, tá aqui o tempo inteiro com todos nós!”. A habilidade, o seu potencial, a gente só precisa de oportunidade e querer mostrar essas habilidades. Usar essas oportunidades. E para nós mulheres que temos uma sociedade ainda machista, vivenciar e quebrar um pouco esse estereótipo, esse tabu que... a palavra tabu ela ainda representa muito bem essa situação toda que vivenciamos hoje no nosso país e no mundo inteiro. Não é só no Brasil é no mundo inteiro. E cabe cada uma de nós mulheres mostrar que eles tão errado, ou modo... que não existe certo errado ou que estamos aqui e vamos lá! Como que você prova isso? Vamos! Mostra a qualidade, mostra sua virtude.

mostra a sua determinação. você já vai estar fazendo a diferença. Nãos vão existir, obstáculos irão existir, como a gente transforma isso no sim? Como a gente transforma essa, esses paradigmas em algo positivo é só em ação. Então tô aqui guerreando uma boa batalha, tô aqui em ação mostrando que tinha qualidade e que tinha potencial. Quando o meu treinador fez essa fala para mim se eu tinha uma chance ou não e aí eu fui buscar “como é que eu vou chegar lá?”, “como é que eu vou fazer?” Aí um dia eu fiz umas carta pergunta para uma grande atleta, a Joana Neves, eu cheguei para ela mega feliz para fazer aquela resenha, tira uma foto comigo aí! Ai entre uma foto e coisa e tal, que ela tava chegando de um evento, eu cheguei para ela e falei assim: “como é que eu faço para mim ser igual a você?”. Ela chegou para mim e fez a seguinte pergunta, não, ela respondeu da seguinte forma: “trate de emagrecer e treinar sujeito que você vai estar onde eu tô”. Aí quando ela se viu um certo dia que eu comecei a dividir o quarto com ela, aí ela falou assim: “você aqui?!?! E eu falei assim: “É! Você não me deu uma ordem? Eu só executei. Você falou que era pra mim emagrecer, eu emagreci, você falou pra mim treinar, tô treinando. Por isso eu tô aqui. Agora você aceita que agora eu sou sua e ninguém larga!”. É uma das pessoas que eu sou mega fã incondicional dela, porque ela é inspiração como mulher, como atleta, como mãe também, que ela se tornou mãe. E ter essas oportunidades de experiências assim ó, o esporte tá mais uma vez nos falando aí que ele é uma ferramenta mágica. Não tem outra palavra que ele descreva.

E: Ai Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício]! Muito obrigada pela riqueza, também de detalhes de informações que você trouxe-

P: Ah eu peço desculpa se não te respondi da forma como você queria...

E: Nãooooo, não aqui não tem-

P: Espero ter contribuído de todo o coração. Todas as mulheres que passam, precisam ter oportunidades e que elas saibam o potencial que cada um de nós temos. E aproveite, vivencia, se permita, é... vivencie o processo, se permita vivenciar aquele momento nem que seja um minuto que seja, entende? Pode ter certeza que depois cada um desses indivíduos que vivenciar que se permitir fazer isso ele vai ter oportunidade de ele auto se analisar e fazer e falar assim: “caraca como é libertador, como é prazeroso vivenciar esse sentimento e essa oportunidade que antes eu não pensava ou que antes eu não via assim”. Eu sou mais um desses indivíduo que eu tô tendo essa oportunidade de estar falando né, e estar tendo essa oportunidade de pensar, de

visualizar uma nova forma de pensar. E hoje mais do que nunca eu quero ser mais um instrumento, se eu puder ter utilidade ainda, o que eu acredito pós uma.... pós uma vida de atleta de alta performance eu quero sim dar a minha contribuição para que muitas outras Pâmelas [nome verdadeiro alterado para nome fictício] surjam, para que muitas outras Joanas, muitas outras Nathalias ou Nati e outros tantos nomes que vierem de nós mulheres e que possamos transformar aí nossas vidas e nossos momentos profissionais, ou de ambiente e mostrar que somos capazes né. E que nós mulheres além de sermos muito em unidade numerosa no nosso planeta, é que possamos mostrar com igualdade não para mostrar que somos mais do que os homens, pelo contrário, os homens- nós somos 50% tanto homem como mulher que faz a poção de 100%. Que que é 100% de tudo? 50% mulher 50% homem. É o que faz a beleza é magia de tudo que temos no nosso planeta terra, eu vejo assim hoje. E precisamos só acreditar que somos capazes, eu acredito e todos podem acreditar também que cada uma são!

E: Muito bom Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício], sensacional. Obrigada!

P: Eu que agradeço e peço desculpa aí.

E: Não pelo amor de Deus! Só de você se disponibilizar- A hora que você me respondeu no Instagram eu falei assim... consegui uma participante, tô em contato com outras, mas é muito importante essa conversa individual porque cada uma tem uma história cada uma de modalidade diferente, às vezes até de modalidades iguais, mas a história é diferente. Outras gerações, então tudo isso...

P: É verdade!

E: Muito disso... e contribui para pesquisa, contribui pra gente entender como que tá todo o esporte paralímpico hoje, então pode ter certeza que você contribuiu muito e eu vou...

P: Ah o esporte paralímpico hoje, não tenha dúvida, ele vem hoje eu acho que é melhor a- a- a- a- ancora di- di- di- (gaguejo) de vida do esporte paralímpico hoje ele é de socialização, porque a maioria dos atletas que se tornaram é... se você fazer em porcentagem numerais não importa qual modalidade que seja. Todos começaram por uma forma de ocupar a cabeça e como oportunidade de mudança, entende? E oportunidade de mostrar que tinha algum talento, hoje o esporte paralímpico ele, ele continua nessa ferramenta. Ele ainda é essa âncora, entende? Porque

a maioria dos indivíduos eles vem de, se a gente fizer um censo, eles vêm de periferia, vem de bairros carentes, nem todos nasceu no berço de ouro. Então por que não aproveitar a oportunidade? Eu vi isso como uma oportunidade, eu comecei a pensar: “pô é mente vazia é labirinto pro diabo, já tô parada mesmo, aleijada eu já sou, já estou, voltar a andar eu não vou por que que eu não vou utilizar esse corpo melhor? vamos utilizar esse corpo melhor”. Cara, eu passei a ficar bem melhor mesmo. Me vejo hoje tipo, puts... antes não conseguia ver beleza em mim hoje eu vejo. Não só porque todas nós somos lindas né, mas o esporte resgata fisicamente então, te dar um outro up, sei lá, então eu sou suspeita em falar.

E: Então (risada), é a mágica!

P: É então, nós mulheres aí então tem que se ver assim na beleza, não só como uma deformidade no corpo, “ai eu não sou bonita”. Todo mundo é! Todo mundo tem uma beleza. Ele só precisa enxergar que ela tá lá. A beleza ela sempre esteve cada um, a beleza sempre esteve dentro de mim e hoje eu tenho privilégio de visualizar ela da forma como ela realmente a real beleza cara... é sem igual, é imensurável o sentimento de, entende? De como você visualiza tudo isso e como isso é fortalecedor. Então Nati, eu que agradeço a você e a todos que tem essa, esse intelecto aí. Espero, desejo todo sucesso na sua pesquisa, espero que seja mais uma pesquisa que desenvolva, que seja mais um pontinho ali naquela letra ou uma vírgula que seja naquele best “sella”, best seller que é a vida humana, que é o paradigma desse universo que temos o privilégio de estarmos nele né. Então vamos continuar alimentando a história! Sou grata por ter oportunidade de estar nesse universo aqui e me sinto honrada de estar tendo oportunidade de estar fazendo parte da sua pesquisa!

E: Obrigada Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício]! E aí eu vou né, tô gravando. Vou mostrar para minha orientadora a gente vai assistir a gente vai analisar. E aí se surgir é mais alguma dúvida posso estar entrando em contato com você?

P: Sempre a hora que você quiser e se eu peço desculpa, infelizmente essa correria que você tá vendo porque temos mundos paralelos eu sou uma...

E: É a vida de atleta.

P: É! Eu sou uma atleta de alta performance, mas não deixa de não ser uma chefe de casa e que temos nossas, nossas limitações familiares também, e às vezes em prol desse esporte, justamente porque você acredita em todo esse trabalho que está sendo feito que às vezes a gente se abdicar de algumas coisas pessoais. Mas tem coisas que não tem como a gente abrir mão né, saúde é uma dessas, nesse momento a minha companheira precisa da minha presença e que bom que eu pude estar próximo dela nesses últimos dias né. E tô aqui nessa, na peregrinação aqui, nessa sala de espera aqui ainda e em oração porque já deu tudo certo na cirurgia dela eu creio. E vida que segue depois né que ela já tiver em recuperação voltar aos treinamentos firme e forte.

E: É isso aí!

P: A hora que você quiser o meu contato, ele é o mesmo, esse outro número que eu te passei é o dela. Ela consegue responder algumas coisas mais rápido do que eu né. Ela consegue te dar direção “olha ela tá no treino ou ela tá na fisio ou ela tá...” sempre eu tô fazendo alguma coisa em relação a isso. É usando essas ferramentas aí de em prol de melhor se preparar. E aí eu te retorno da melhor forma possível, beleza?

E: Não, tranquilo. Inclusive desejo né, já deu tudo certo a cirurgia se Deus quiser-

P: Sim em nome de Jesus.

E: Desejo boa recuperação para ela aí.

P: Obrigada!

E: Bom retorno aos seus treinos aí, quando for retornar, e todo sucesso do mundo.

P: AAA eu vou te mandando, eu vou te mandando aí, eu vou te mandar.

E: Ficarei na torcida aqui!

P: Obrigada lindona também tô, tamo junto, à torcida minha ela é recíproca de todo coração que você tenha sucesso e êxito nessa trajetória aí nessa jornada que você tá trilhando, todo sucesso desse universo para você, e que você continue na pegada, continue no caminho e quando você achar que surgiu algum obstáculo não veja como ele obstáculo e, sim como mais

um uma ferramenta, mais um item de fortalecer aquele degrau ou para ampliar ou pra fortalecer aquela base que você tá trilhando, beleza?

E: Muito obrigada Pâmela [nome verdadeiro alterado para nome fictício], brigadão! Um beijo viu

P: Valeu minha linda, um outro minha flor. Fica com Deus, com trabalho.

E: Obrigada! Tchau, tchau.

P: Tchau!

12. Apêndice 5

TRANSCRIÇÃO - LAURA

E: Agora que foi. Acho que na hora de eu agendar, foi com meu e-mail pessoal, e aí fiz com meu e-mail constitucional da faculdade, ele libera a gravação. Bom, vamos lá. Para começar, eu queria salientar que você é uma mulher, atleta e com deficiência. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso. Seja no esporte no âmbito geral, na sua modalidade, enfim, você é bem livre para falar o que você quiser, não tem certo nem errado. E qualquer pergunta também que eu te fizer que você não quiser responder também, tá tranquilo.

P: Tá! Então, acho que, tipo assim, é um desafio ser mulher no geral, eu acho que a gente já nasce com essa prospecção, assim, de que mulher não, não vive para o esporte, de que mulher não está condicionada a isso. Eu acho que desde a infância, quando os brinquedos que nos são dados são bonecas e panelinhas e não uma bola, que normalmente é dada para um menino, a gente já começa a colocar na cabeça tipo, tá, a bola é para o menino, então eu não posso ir para o esporte, não é um lugar que eu sou ambientada, não é um lugar que, que vai me receber bem como uma cozinha, por exemplo. Então essa é uma das coisas inclusive que eu converso hoje com meu namorado sobre falar assim “ó, quando a gente tiver filho, se for menina, se for menino, vai ganhar de tudo”, porque as pessoas, tipo, eles tem que entender desde o início que, tipo, se for mulher, por exemplo, que ela pode fazer o que ela quiser, que ela pode ser o que ela quiser, que ela pode jogar bola se ela quiser, que ela pode pilotar um carro. Então, vai brincar de tudo, porque eu tive a oportunidade de crescer na roça, então para mim, assim, eu cresci brincando de pique, eu cresci brincando fora de casa, tendo esse contato realmente com o mundo, assim, com o movimento, eu digo, então quando as pessoas perguntam “ah, quando que o esporte entrou na sua vida?”, eu nem sei muito bem responder quando, porque para mim, desde a minha infância, eu tenho isso dentro de mim né, de que eu pratico o que eu quiser, de que eu tô lá para fazer o que eu quiser, então eu acho que isso me ajudou muito nesse sentido de criar essa consciência corporal mesmo, de criar essa consciência de que eu queria ser uma atleta, de que eu queria estar em movimento, de que o meu corpo ele é feito para estar em movimento, então para mim, no caso, pode ter sido um pouco diferente do que para meninas em geral quando a gente fala assim né, exatamente pelo fato de que desde criança eu fui educada de que eu posso sim estar brincando, estar movimentando meu corpo, estar dentro de uma

quadra, estar brincando de bola, eu cresci com essa mentalidade já. E aí eu acho que, assim, o desafio de ser mulher foi surgindo aos poucos, assim, ele foi, principalmente quando eu cheguei no alto rendimento né. Eu acho que o que eu encarei de preconceito, assim, de dificuldade, de falar assim “cara, isso existe, isso tá aqui” foi mais depois que eu vim para o alto rendimento mesmo, e aí se você quiser a gente pode entrar mais um pouco sobre isso depois, mas no âmbito geral, assim, no início da minha carreira ali, eu não senti muito essa diferença. Acho que a única diferença que eu posso ter sentido é quando eu, sei lá, menstruei pela primeira vez, que aí tinha que lidar com cólica, com hormônios, e isso e aquilo, mas acho que isso não me afetou tanto quanto a parte psicológica que hoje me afeta, por exemplo, de ser mulher e ter que escutar comentários e ter que lidar com esse tipo de coisa, assim, acho que o que mais me afeta é isso hoje. Na época lá atrás nunca me afetou tanto não.

E: Entendi. E agora fazendo um link com o que você tava comentando do esporte, queria que você comentasse um pouco da sua trajetória. Você falou que realmente, ainda por ter muita vivência, não tem muita essa noção do tempo né, quando a gente é criança a gente não tem muito essa noção do tempo mesmo. Mas, pensando no esporte de alto rendimento que você tá hoje, como que foi chegar até esse esporte, você praticou outras modalidades você, né, o que te levou a escolher o vôlei sentado?

P: Sim, ele é que, como eu falei desde cedo, é o movimento do meu corpo, na educação física eu era aquela menina que fazia tudo, que adorava ir para a aula, que era sempre a primeira a escolher e ser escolhida, fazia de tudo, tudo. Falava que era queimada, eu ia jogar, futsal não era muito boa não, futebol não era muito boa com os pés não (risos). Sempre fui mais habilidosa assim com as mãos, mas gostava de fazer de tudo. E aí, eu acho que depois que eu saí, como eu falei, eu cresci na roça né, e aí eu me mudei para cidade, troquei de escola e eu acho que eu precisava de botar essa energia em algum lugar, e aí meus pais falaram “a gente precisa botar ela numa modalidade mais forte”, e aí eu comecei no handebol né, que é uma modalidade que, eu tava até conversando com o Diogo Hubner, que é um atleta de handebol, estava falando sobre isso, que o handebol é uma modalidade escolar, a gente tem sempre o primeiro contato com o handebol, todo mundo fala “ah, você conhece handebol?”, “ai, joguei na escola”. Então para mim começou na escola.

E: Nós da Educação Física, a gente fala do quarteto fantástico, os professores só passam futebol, vôlei, handebol e basquete (risos).

P: Exatamente (risos). E eu acho que o handebol é uma modalidade, assim, que fica na escola, porque hoje no Brasil é muito pouco incentivado, assim, financeiramente mesmo né, enfim, então o handebol, eu comecei a treinar e queria virar profissional, e aí meu pai e minha mãe já torceram a cara assim, porque “como você vai virar profissional do handebol hoje no Brasil? É muito difícil”, e realmente, se a gente olhar pra Europa, é outro esquema né mas, a minha cabeça de adolescente queria porque queria, que eu comecei né no handebol, comecei a treinar, comecei a me destacar. O meu porte físico sempre foi um porte físico que ajudou muito né, eu sou de uma colônia italiana no Espírito Santo, então a gente sabe que essa herança europeia, querendo ou não, traz ombros mais largos, joelhos mais fortes, cotovelo, essas coisas assim, então, essa coisa meio do Viking ali né, que pegou um pouco de lá, então tem essa, o porte físico me ajudou muito nesse sentido, assim, de que tudo, acho que qualquer coisa que eu fizesse, eu iria desenvolver bem, porque sou alta, enfim, acho que isso me ajudou muito a estar dentro do esporte também. E aí comecei a me atacar no handebol, comecei a treinar de uma forma mais efetiva, assim, treinava ali quatro vezes por semana, e aí isso com, sei lá, 12 anos eu comecei, e aí depois comecei a fazer academia também para me ajudar, tudo sempre visando a modalidade, sabe? Eu nunca, meu foco sempre era esse, sempre era “eu vou treinar porque eu quero melhorar na modalidade, vou treinar na academia porque eu quero ficar mais forte”, então sempre tive esse foco, acho que por isso também o meu corpo se desenvolveu para isso né, nunca tive outros objetivos. E aí com 15 anos, né, treinei todo esse tempo, competi, tava perto de uma competição, tava tipo, há uns três meses de uma competição quando eu comecei a sentir uma dor no joelho, e aí eu achei que era uma tendinite né, todo mundo achou, era só uma dor inicialmente. E aí procurei um médico exatamente porque eu ia ter uma competição depois, nem era uma dor tão forte assim, não era uma dor que, se eu fosse uma pessoa comum né, se eu não fosse atleta, provavelmente eu não procuraria um médico tão rápido, eu procurei realmente por causa da competição, e aí descobri o câncer, então eu sempre digo que o esporte salvou a minha vida em todos os sentidos, inclusive no sentido literal mesmo da palavra de salvar a vida, porque talvez se eu tivesse buscado, tivesse esperado um pouco mais né, o câncer quando se espera muito, aí que é o problema né, quando a gente tem um diagnóstico precoce, tudo fica muito mais fácil. E aí descobri esse câncer, tive que parar com o esporte, eu achava

que eu ia voltar conseguir, mas, fiz todo o meu tratamento, foi um tratamento muito invasivo, muito difícil, e aí tive que tirar os ossos né, da perna, um pedaço do fêmur, o joelho e um pedacinho da tíbia, e aí acabei colocando a prótese no lugar. Antigamente, antes, que eu tive diversas outras cirurgias depois né, que eu vou contar, mas antes, disso eu dobrava o joelho ainda, eu dobrava uns 80 graus, então conseguia fazer muita coisa ainda, conseguia andar de bicicleta, conseguia fazer muita coisa, só não consegui saltar pro handebol, era arriscado também estar no handebol né, estar numa modalidade de tanto contato, e aí acabei tendo que deixar. E aí uma das coisas que eu sempre falo assim, quando eu falo com o professor de Educação Física cara, é uma tecla que eu bato muito nela, porque eu era atleta, o meu porte era de atleta, eu tinha tudo para ser uma atleta, com 15 anos eu descobri o câncer, então assim, eu acho que na escola eu já deveria ter sido encaminhada para uma modalidade paralímpica e não fui. Hoje eu tenho apego, tipo, sou super amiga da minha professora de educação física, a gente tem uma relação muito boa, mas eu acho que falta informação, falta as pessoas se adaptarem, entenderem o que que é ter um aluno com deficiência, entender o que que é, saber quando você tem que incluir ele só nas suas aulas e quando você tem que levar ele para o alto rendimento, porque isso pode mudar a vida de um atleta. Então eu poderia ter começado a treinar com 16 anos de idade, eu poderia ter pegado o ciclo do Rio, por exemplo, poderia ter duas medalhas paralímpicas ao invés de uma, então assim, acho que isso...

E: Sobre isso, desculpe te interromper, sobre isso né, essa questão do esporte paralímpico na escola, que tem uma defasagem muito grande né, isso independente de ter um aluno com deficiência ou não né, tem essa importância dos outros também, sem deficiência, ter o conhecimento do esporte paralímpico.

P: Exatamente.

E: Na época, quando você teve o câncer e tudo mais, por mais que não tivesse, você não tivesse o contato ali na escola com o esporte paralímpico, você tinha esse conhecimento né, você ou seus pais mesmo esse conhecimento de que você poderia estar no esporte paralímpico, ou não, era uma coisa que não estava na realidade, vamos dizer assim?

P: Eu não conhecia [o esporte paralímpico], sabe por que? Porque a gente tem uma ideia, e aí às vezes isso é um problema não sei de quem, da mídia, governamental, não sei, mas de pintar

o atleta paralímpico como sem braço, sem perna, na cadeira de rodas e não enxerga e ponto, acha que é só isso. E aí eu tipo....

E: Deficiências mais visíveis, né?

P: Exatamente, então, ou tipo mais severas, assim, eu nunca achei que eu poderia nem me enquadrar como uma pessoa com deficiência, assim, eu não eu não me colocava esse rótulo, e aí eu já não sei se era um rótulo porque eu não queria me colocar na época, que eu tinha uma versão, por ter sido atleta, enfim, eu tive essa dificuldade de, no início, não dificuldade, tipo, de mostrar minha perna, eu nunca tive esse problema, mas de me colocar o rótulo tipo, “sou uma pessoa com deficiência”, então eu não conhecia a modalidade paralímpica, os meus pais não conheciam, conhecia assim, ouvia falar do Daniel Dias, sabe? Era o máximo que eu tinha ouvido, sei lá, Alan Fonteles, que quebrou aquele recorde lá, ganhou, era essas pessoas que eu conhecia, assim, que eu acho que acontece com a maioria das pessoas hoje, então eles eram as minhas referências, assim, e ambos não tinham as pernas, Daniel Dias não tinha as pernas e nem o braço, então para mim era aquilo, assim, então eu me sentia, eu me vi num momento que, assim, eu não conseguia nem praticar o esporte olímpico e eu achava que eu também não me enquadrava no paralímpico, então eu vivi, tipo assim, sabe? Quem vai me acolher agora, o que que eu vou fazer, o que que, será que eu realmente não posso fazer nada? E o esporte era minha vida, então nesse momento realmente foi um choque, assim, de realidade, sabe? De tipo “o que que eu vou fazer?”, porque eu queria ser profissional, então naquele momento “o que que eu vou fazer?”. E aí eu acho que foi quando eu tava, foi quando eu decidi fazer o jornalismo né, que foi, tipo, eu me vi num lugar assim de “cara, eu preciso estar dentro do esporte, ainda eu preciso fazer alguma coisa relacionada ao esporte, eu preciso. Se eu não vou praticar ele, eu vou falar sobre ele”. Então foi quando eu decidi fazer a faculdade de jornalismo para ser uma jornalista esportiva, para falar sobre o esporte porque eu achava que eu não ia me enquadrar mais em nenhum lugar nesse sentido, assim, acho que eu nunca deixei de colocar o esporte na minha vida assim, ele sempre teve presente mesmo que não em movimento, aí fiquei seis anos longe, fiquei seis anos parada, parada, assim, entre aspas, parada, continuei tipo fazendo, sei lá, natação, eu ia para piscina, tentava movimentar meu corpo mas nunca com essa ideia profissional ainda, assim, era sempre uma ideia mais amadora porque eu ainda achava, mesmo tendo acesso a informação, mesmo tendo internet, aí eu não sei, por isso que eu falo, eu não sei foi falha de quem, que se eu quisesse eu poderia ter dado um Google e falado “posso ser

atleta paralímpica”, tipo, a informação tá aí, mas nunca me despertou isso, mas hoje eu vejo que assim, eu sou muito espiritual também, eu acredito muito no destino e da forma que as coisas eram pra ser, então... Hoje, eu ter feito a minha faculdade, eu ser formada em jornalismo, eu ter essa coisa com a comunicação sabe, eu poderia me comunicar bem, poder levar a mensagem do mundo paralímpico para mais pessoas, eu tenho certeza que isso foi proposital né, que o destino foi, preparou tudo assim, então eu falo dessa forma mas eu sou muito feliz com a forma que a minha vida foi, mas ao mesmo tempo eu luto para que sim, se uma adolescente de 16 anos tem condição de ser atleta, ela tem que treinar.

E: E aí, como que você passou né, vamos dizer assim...

P: Ah, que eu conheci o vôlei sentado?

E: Isso, vôlei, alguém te apresentou ou foi através do jornalismo?

P: É, então, eu tava participando de um programa de TV pra falar de uma coisa completamente aleatória, nada a ver com nada, assim, nada a ver com o esporte, e aí uma das atletas da seleção estava assistindo o programa, e aí eu tava de short né, nunca tive problemas de mostrar a minha perna, nem nada, e ela viu que eu tinha cicatriz, ela viu que eu andava meio mancando, e viu que eu tinha uma deficiência e resolveu, me mandou uma mensagem no Instagram mesmo. E aí eu vi a mensagem dela, inclusive era um momento tipo, muito né, eu tinha acabado de ir na Fátima Bernardes, então eu tinha muitas mensagens no meu Instagram, então foi realmente o destino eu ter visto a dela, porque, ficou várias, assim, pra trás que eu não vi, e vi a dela. E ela me convidou para conhecer, e aí eu fiquei meio assim, eu falei “cara, será?”. Tipo, eu estava começando TCC naquele momento, e aí eu falei “gente, será que é pra ser mesmo e tal?”. E aí eu tava no meio de cirurgia né, eu tive que revisar minha prótese muitas vezes, eu peguei uma infecção na perna, e aí nesse meio termo aí, eu tava no meio de uma cirurgia, então tive que esperar fazer a cirurgia, me recuperar um pouco, pelo menos tirar os pontos para ir conhecer a modalidade que era aqui em São Paulo, era em Suzano né e eu tinha feito a minha cirurgia em São Paulo, foi a primeira vez que eu tinha vindo para São Paulo e era a primeira cirurgia que eu tinha feito aqui e tal. E como a logística deu certo, acabei indo para lá e aí vi a realidade, me vi em muitas meninas lá, tipo, por mais que as deficiências, eu falo que o paralímpico, assim, no olímpico a gente vê todos os corpos iguais né, no paralímpico nenhum o corpo é igual ao outro. Nenhum, nenhum. Pode ter a mesma amputação, na mesma altura, a cicatriz vai ser

diferente, alguma coisa vai ser diferente, nenhum corpo é igual. Então eu me vi muito assim na, eu me lembro que a primeira coisa que eu vi quando eu cheguei lá, eles me apresentaram a academia primeiro, e aí eu cheguei tava a Diana [nome verdadeiro alterado para nome fictício], que hoje é uma das minhas melhores amigas assim, ela tava correndo na esteira com a prótese dela e super independente, e aí eu olhei para aquilo falei “gente, é isso que eu quero, sabe, tipo, eu quero ser independente assim, eu quero fazer minhas coisas, eu quero”, porque ainda, até então eu ainda ficava meio travada assim, eu ainda sentia que eu não tinha um lugar né, eu ainda sentia que tinha um vazio assim, que não tinha sido preenchido, por mais que eu tivesse continuado em contato com o esporte né pelo jornalismo. E aí quando a gente foi para quadra, quando foi o momento de pegar na bola, assim, ir para quadra, aí eu realmente me senti preenchida, completa, não sei explicar, mas eu falei “isso é para mim”. E aí como eu já tinha tido contato com o vôlei na escola, não foi tão difícil assim, acho que quem é do esporte, vai se adaptar. É claro que é difícil, é uma modalidade muito complicada, porque você tem que se deslocar com os braços, jogar com os braços e o vôlei em si é uma modalidade muito técnica né. Se você não der um toque perfeito, vai dar dois toques, se você não fizer todo movimento da manchete, vai, não vai fluir, não vai dar certo, então é uma modalidade muito difícil de aprender né, mas eu acho que por eu ter tido toda essa herança no esporte, me fez fluir, as coisas fluíram muito rápido para mim. Eu sempre fui muito dedicada também, gostava de aprender, gostava de fazer as coisas e peguei muito rápido, foi tudo fluindo muito rápido.

E: Olha, que legal ouvir tudo isso. E aí hoje, no caso você falou que já se formou na faculdade de jornalismo, eu até vi esses dias, acho que faz uma semana, duas semanas, você tava fazendo um programa, tipo alguma coisa assim, com a Renata [nome verdadeiro alterado para nome fictício] do atletismo. E aí hoje, assim, você atua também, lógico, o esporte é um meio de trabalho, você está no alto rendimento, mas você também tem essa dupla carreira, assim, de atuar como jornalista também?

P: É engraçado que é a primeira vez que eu falo sobre isso porque é algo muito recente. Eu dei, eu decidi que eu queria voltar esse ano. E aí, porque antes eu me dediquei muito ao esporte, tipo muito, eu queria tanto estar em Tóquio, eu queria tanto viver isso que eu acabei abrindo mão dessa outra paixão minha, que se tornou uma paixão também. Eu comecei a sentir muita falta, eu comecei a ficar muito bitolada, sabe, só com o esporte, e aí eu falei “cara, eu preciso me sentir útil em outra coisa, eu preciso fazer outra coisa”, então hoje a minha carreira é pelo

esporte, tipo, a forma que eu me sustento, então assim, não sei nem se eu posso dizer que o jornalismo hoje, na minha vida, é uma carreira de fato, não é algo que eu conseguiria me sustentar hoje, sabe? Mas é uma coisa que eu faço porque eu amo, assim, porque eu acho que eu posso levar a mensagem do esporte, principalmente o esporte paralímpico, e aí quem abraçou a minha casa foi o Olimpíada Todo Dia, não sei se você conhece, é um portal de notícias super grande, a gente sempre foi muito parceiro, e aí eu sempre tive essa vontade de criar um canal para mim e aí fazer exatamente o escopo do quadro que eu quis fazer e eles abraçaram uma ideia para me ajudar né, me impulsionar, me fazer, enfim, que se tivesse custos também eles iam arcar com isso para não precisar de arcar. Eu queria só me inserir, assim, no mercado hoje, eu realmente tenho essa vontade de talvez no futuro não sei se deixar o esporte, mas de tornar o jornalismo uma coisa mais, mais profissional ainda. Hoje é um quadro quinzenal, mas que além, eu faço entrevista com atletas, assim, o nome do quadro se chama “Por Trás do Pódio”, que é exatamente porque eu tive, quando eu entrei no alto rendimento, eu vi essa necessidade de falar da parte que ninguém fala, da parte que acontece muito, que é todo esse por trás né das medalhas, do que todo mundo vê, que é tudo muito bonito, é tudo muito legal, é todo mundo rindo na hora, a competição é isso aqui [gesto mostrando algo pequeno], a nossa vida é o nosso dia a dia, que é o que a gente passa, o que a gente encara. Então, principalmente o episódio com a Renata [nome verdadeiro alterado para nome fictício], foi um episódio muito importante no qual ela falou sobre depressão, sobre suicídio, sobre, enfim, coisas muito pesadas que ninguém imagina que atleta passa né. Então assim, hoje sim eu acho que eu levo uma dupla carreira e tenho vontade de que ela seja ainda maior porque eu acho que o meu objetivo com a comunicação hoje é de levar as pessoas a conhecerem mais uma pessoa com deficiência né, não é nem só esportes paralímpicos porque o quadro ele é para esportes olímpicos e paralímpicos, mas é exatamente para ver uma atleta paralímpica. E aí uma parte do quadro é exatamente quando eu pratico cada modalidade, que eu tô me dispondo a entrevistar. Então, por exemplo, o primeiro episódio foi com Alan [nome verdadeiro alterado para nome fictício] da ginástica, então eu com a minha deficiência fui fazer os aparelhos né, então andei na trave, me pendurei lá nas argolas, fui ver como que é a barra, então fui ver como que é tudo, assim, eu acho, então eu quero me colocar assim: “cara, eu tenho uma deficiência mas eu posso fazer”. Tipo, claro que não pro alto rendimento, não vou conseguir fazer ginástica pro alto rendimento, mas eu quero mostrar que a gente pode estar lá, estar nesses ambientes e eu acho que a comunicação

me ajuda muito nisso e me ajuda a mostrar isso para as pessoas, não só para eu entender mas para que todo mundo entenda.

E: Ah, isso é muito importante você conseguir relacionar essas duas coisas né, já sendo uma atleta, mas também estando nesse meio do jornalismo, é bem legal essa conexão. E aí, pensando mais nessa questão de você ser uma atleta de alto rendimento, o que você coloca, assim, como facilitadores e dificultadores desse processo? De quando você começou no esporte paralímpico né, no vôlei e também até hoje, se tem alguma barreira, vamos dizer assim, e isso assim, barreira em qualquer âmbito, tá? Não tô falando só financeiro, as bolsas que ainda não são todos os atletas que tem acesso, mas assim, âmbito geral, o que você coloca que dificultou, o que você coloca que facilitou você chegar e estar nessa posição de atleta de alto rendimento?

P: Cara, primeiro que o que facilitou né. Acho que o que facilitou eu já falei com você assim, de ter tido uma herança esportiva desde cedo, desde muito nova, então assim, eu cheguei na modalidade em 2019 e fui para uma Paralimpíada em 2021, isso é muito rápido para um atleta, assim. Então, querendo ou não, isso facilitou muito a minha aprendizagem, o meu desenvolvimento, eu já ter sido atleta né, eu ter essa herança esportiva, a memória muscular, tudo, tudo me ajudou muito. E de ajuda, sinceramente, acho que só isso. Eu não consigo pensar em outra coisa a não ser a minha própria família, assim, me dando incentivo, mas no âmbito geral do que me incentivou aí, do que me incentivou foi a minha condição física e um sonho, um sonho de criança, assim, o sonho de ser atleta, de estar aqui. E aí talvez é, por exemplo, quando eu cheguei aqui e vi a estrutura física, eu tô no CT paralímpico agora, e a estrutura física daqui é surreal de linda assim, é muito legal, tudo muito bonito, então isso pode ser que tenha interferido também, de ver que o alto rendimento ele tem essa parte lúdica também né, da parte do sonho, essa parte bonita, mas em relação tipo financeiro, por exemplo, isso é, a gente sabe que o esporte paralímpico é pouquíssimo visto, e aí é complicado eu tocar nesse assunto porque para mim foi muito diferente do que é para o resto das pessoas. Por eu ter esse sangue de comunicadora, assim, essa coisa, eu consegui muito mais chegar em patrocínios individuais, assim, em marcas grandes então, tipo, eu fechei com marcas muito grandes hoje, então o fato de eu conseguir me sustentar tranquilamente hoje é por eu ser uma comunicadora nata, eu não vou ser hipócrita de falar que é porque eu jogo bem, não é. É por eu ser uma comunicadora, porque eu já fechei com marcas muito grandes antes de ir para Tóquio né, tipo, eu não era nem titular. Hoje eu sou titular, é claro que uma coisa não exclui a outra tá, assim, eu continuo me

dedicando muito, continuo querendo evoluir muito e claro que se eu não tivesse numa seleção brasileira também essas marcas não me procurariam assim, mas também a gente entende que hoje o ser atleta e ser muito bom não é o suficiente para você ganhar dinheiro, a não ser que você esteja no Olímpico aí, receba um salário de clube, receba uma bolsa pódio né, porque quando você tá no individual é bolsa pódio, quando você tá no coletivo é bolsa convencional, bolsa atleta. E aí eu tô falando de uma bolsa para um medalhista paralímpico ou olímpico é uma bolsa de R\$3.000,00, só. Então assim, é para a gente se, porque eles entendem que a gente, que a gente do coletivo tem um clube que tem todo suporte, que dá salário, que dá médico, que dá fisioterapeuta, não sei o quê, mas no paralímpico não é assim. A gente tem um clube hoje feminino que paga salário, que é o Sesi, só um.

E: Você está atuando em algum clube ou você treina em algum lugar, mas geralmente treina mais no CT?

P: Então hoje eu, como eu tenho essa independência financeira, eu não dependo do Sesi hoje, de estar no Sesi, e eu escolhi não estar no Sesi hoje por questões psicológicas mesmo. Eu fui dispensada em um momento, já tive oportunidade de voltar e não quis voltar assim por questões psicológicas e também de independência. Hoje eu escolho estar em São Paulo primeiro porque eu vim para cá depois de muito tempo né, primeiro eu fui para Goiânia porque o treinador da seleção estava lá e aí eu, e aí quem me sustentou lá foram meus pais, eu ainda não recebia nada, não recebia dinheiro de nada. Quando eu fui, eu fui com um sonho, coragem e uma família que graças a Deus é super bem estruturada, que me apoiou e me incentivou a tá lá, mas se não fosse isso, eu tranquei minha faculdade para ir para lá, se não fosse a minha família que, então, eu entendo que isso é um privilégio, assim, eu entendo que isso não é para qualquer um, eu realmente tive uma família que me apoiou e que ralou para me sustentar lá sozinha até eu começar a ganhar grana mesmo né. Então eu fui para Goiânia e aí eu defendo hoje o time de Goiânia, o clube lá que chama Aspaego, mas não é um clube que me dá um salário, e aí por isso quando o treinador da seleção saiu de lá né, os treinos começaram a cair muito e aí eu fui para Curitiba tentar um projeto novo que também não deu certo, eu queria criar uma equipe feminina lá, não, não fluiu, não foi para frente, é muito desafiador. Eu tenho muito essa vontade de ser revolucionária né, não sei se por causa da faculdade, que uma faculdade de comunicação a gente tem essa velocidade né, a gente quer ser revolucionário, a gente quer mudar o mundo né, e aí eu caí na real lá em Curitiba, assim, eu acho que eu caí na real que não é assim, você querer

mudar o esporte paralímpico, você querer fazer algo a mais é muito desafiador, é muito difícil, então lá, assim, eu vi que não ia muito para frente e foi quando eu decidi ir para o jornalismo, e aí eu sabia que eu precisava vir para São Paulo para isso, não adianta eu tinha que ir para São Paulo. E o treinador da Seleção Brasileira hoje está aqui, ele é treinador de um clube masculino, que é o Paulistano, e eu conversei com ele eu falei “olha, você me abriga nos treinos? Eu posso treinar com você?”, porque para mim ia ser muito bom, e aí realmente eu evolui muito treinando aqui, treinando com homens, treinando com metade da seleção brasileira masculina aqui que é o clube dele, então evolui muito assim treinando com homens, estando num ambiente, só tem eu de menina aqui treinando, então para mim foi muito bom, então eu treino aqui e quando é para competir eu compito com as meninas de Goiânia ainda. E isso foi muito tranquilo para mim, por elas tudo bem né eu morar aqui e competir porque a gente tá sempre com a seleção, praticamente todo mês, assim, a gente tá junto, então a gente treina junto querendo ou não, o time titular ali né, o que joga, então não foi muito difícil assim essa adaptação.

E: Ah, muito legal! E aí, pensando, você quando estava falando do preconceito e tudo mais, de ser mulher, você comentou que sentiu mais isso quando entrou no alto rendimento, e aí você, bom, até o momento da minha vida eu não sou uma mulher com deficiência, posso adquirir em algum momento ou não, então eu não sei, não tenho esse lugar de fala, mas você, como que é essa questão quando você entrou no esporte alto rendimento, no esporte paralímpico, você acha que essa questão do preconceito entrou por ser uma mulher ou também pela questão da deficiência, ou depende né, às vezes depende do contexto, isso pode mudar também.

P: Isso que eu ia falar, assim, casos por ser mulher e casos por ser uma pessoa com deficiência e casos por ser uma mulher com deficiência, então tem, tem diversas vertentes. E aí e eu quero que você entenda assim, eu vou falar o que eu vou falar aqui é exatamente porque é uma pesquisa e a gente tá, é claro que se fosse para mídia, são coisas que a mídia ainda não está preparada para ouvir, ainda não está preparada para entender e até tipo perigoso para a gente né, falar esse tipo de coisa, mas eu acho que a gente tem que falar, assim, pelo menos aqui, começar aqui, e se no futuro puder e a gente conseguir ir para mídia, é importante porque são casos muito pesados assim, são coisas muito fortes que eu tive que ouvir e eu acho que cara, principalmente por ter, eu acho que longe de mim falar que existe preconceito reverso, tá? Mas assim, por eu ter essa cara padrão, por ser uma menina considerada bonita e não sei o que,

quando eu cheguei aqui, que as pessoas acham que a pessoa com deficiência não pode ser bonita. Primeiro, já começa por aí, e aí no geral, assim..

E: Sempre tem um comentário né: “nossa, você é bonita, apesar da deficiência”.

P: É, nossa eu já ouvi tanto tipo assim “ai, mas você é tão bonita, pena que tem isso na perna né” tipo, sabe, isso é muito sem noção (risos), quando eu ouço uma coisa dessa, dá vontade assim, de sair gritando e esbravejando, e é claro que eu me contenho e tal, eu tento falar “não, não é apesar disso”, tipo, “não, qual o problema?”, assim “por que que eu não posso ser?”, então eu faço muita questão hoje de ser vaidosa mesmo, de ir jogar, eu me maquio mesmo e eu levei isso, trouxe isso para dentro do time, assim, algumas meninas já eram, mas era um pouco acanhadas, então quando eu cheguei, eu cheguei, então quando você chega mudando paradigmas, as pessoas vão reclamar, as pessoas vão falar. Então tipo, desde disso, assim, de falar, “acha que é uma Barbie”, “tá achando que tá aqui para ser modelo”, “tá achando que não sei o quê”, é porque eu acho que isso traz uma confiança para a gente, sabe? Uma confiança dentro de quadra mesmo, você se sentir bonita, sentir que você tá bem assim, se sentir bem com você mesmo. E de que isso te dá uma confiança dentro da modalidade mesmo, eu não sei das outras modalidades, tá? Mas o vôlei, você tem que estar confiante, você tem que estar no dia, tem que estar no dia bom para você jogar tudo que você tem que jogar, que você sabe jogar, que você faz no treino. Então eu acho que isso ajuda sim e nem todo mundo entende, e aí quando eu cheguei, como as coisas fluíram muito rápido pra mim também, muito rápido eu já tava na seleção brasileira, eu ouvi muitas vezes assim “ah, é porque você é bonitinha”, “é porque você é legalzinha”, “é porque você...”, então tipo, isso já foi uma coisa que eu comecei a ouvir muito cedo aqui e aí, mas enfim, acho que a gente assim, tem que começar a bloquear um pouco essas coisas, sabe? E para mim hoje é muito difícil bloquear, eu não tinha problemas psicológicos, eu não tinha antes né, antes de vir pro esporte, e aí quando eu comecei a ouvir essas coisas assim, começou a me dar crises de ansiedade, começou a me dar crises, então é muito difícil pra mim ouvir esse tipo de coisa. E aí eu tive coisas muito pesadas, mais pesadas, tipo não sei se eu posso falar isso aqui ou se você vai filtrar na hora de colocar, mas...

E: É até interessante, ainda mais que a gente não vai revelar a sua identidade, então acho que é importante porque a gente, por mais, igual eu falei que eu e a minha orientadora, a gente não

seja mulheres com deficiência, mas por a gente tá nesse meio estudando, a gente vai saber interpretar o que você tá falando

P: É, então, e aí quando eu te digo que a parte tipo de ser mulher, de não ter a ver com deficiência, tem a ver com isso, a maioria dos dirigentes são homens, poucas mulheres estão tipo, até a minha própria CT, minha própria comissão técnica é homem. Você olha para os dirigentes da Confederação, é homem, então ninguém consegue entender, assim, de fato, o que a gente passa. E eu acho que às vezes por a gente ter uma deficiência física né, as pessoas acham que a gente é mais frágil, que é mais fácil de você praticar um assédio, que é mais fácil, que assim é, cara, juro para você, tem homem que acha que tá fazendo um favor, sabe, de... [pequeno trecho retirado a pedido da participante] tem outras coisas que eu acho que não tem a ver com deficiência, tem a ver com ser mulher, tipo essas coisas que eu te falei né, “ai, chegou na seleção porque é bonitinha”, “chegou na seleção, tá indo pra Tóquio porque deu pro técnico”, sabe? Eu já ouvi, eu já ouvi isso. E eu já ouvi isso falando diretamente a mim e eu já e eu sei que falam, falam isso até hoje. Mudou de técnico e eu continuo dando para o técnico, entendeu? Tipo, se eu me mantenho na seleção é por isso, então sempre tem um porquê, e o porquê sempre tá relacionado a um homem, nunca é por mérito nosso, nunca é “ah, eu consegui os meus patrocínios porque..”, “ah, porque é bonita”. Eu nunca, nunca tenho mérito, sabe sempre é porque é isso, porque aquilo, porque... e é o que eu falei, normalmente é assim porque está relacionado a um homem, sabe, e isso é muito desgastante, isso é muito triste. E aí eu acho que isso não tem nada a ver com deficiência, eu acho que isso talvez outras atletas olímpicas também passam por isso assim, ter que ouvir esse tipo de comentário, ter que ouvir esse tipo de coisa, principalmente com rede social, assim. Eu era muito ativa em rede social, muito ativa, eu era assim, antes de chegar aqui eu compartilhava minha vida inteira, então eu já cheguei aqui com essa carga de rede social, e aí eu fui tão podada, tão podada, que hoje eu já não posto nem o básico, nem o que eu queria postar eu já não posto mais, porque a gente é sempre silenciada, sempre silenciada. É complicado, assim, e eu juro para você eu queria falar isso tudo que eu tô falando aqui, eu queria chamar a Globo e falar “ó, filma aqui, deixa eu falar, deixa eu externalizar o que que eu tô sentindo” porque...

E: Às vezes podem ainda colocar “superação”

P: É, nossa, exatamente assim. Mas eu acho que a mídia tem mudado um pouco, sabe, principalmente a grande, grande mídia, assim. Eu vejo que a Globo em si, por exemplo, falando de uma mídia grande, o Olimpíada Todo Dia, por exemplo, eu nunca vi falando esse tipo de coisa, e a Globo, principalmente, tem que ser atentado para isso, assim, eu vejo que eles têm uma sensação, de uma coisa de diversidade de inclusão lá dentro que tá indo para as matérias, assim, que tá sendo levado, então às vezes eu vejo isso em outras emissoras, por exemplo, que não tem esse cuidado, assim, que realmente quer o sensacionalismo, mas eu vejo uma mudança, assim, eu já vejo, graças a Deus né, mas esse tipo de coisa a gente não pode falar ainda, a gente não tem suporte suficiente para isso. Eu não posso falar isso senão tô fora da seleção, sabe, ainda tem questões muito, muito pesadas que envolvem políticas e tal e aí é uma coisa que é difícil para mim porque quando eu fui para faculdade né, como eu falei, fui pra faculdade de comunicação que tem essa coisa de que “eu quero mudar, eu quero fazer alguma coisa, eu quero”. E aí eu não posso, e essa sensação de impotência é a mesma situação que eu senti quando eu fui assediada e não podia falar nada. Eu acho que mulher, a gente acha que “ah, é só denunciar” e não, não é, não adianta. Hoje, seu denunciar, eu lido com muitas consequências que podem acabar com a minha carreira, então é muito complicado ainda, eu ainda não tenho, ainda não tenho uma solução, mas eu acho que a solução começa aqui tipo, por exemplo, você fazendo pesquisa sobre isso, sabendo de casos como esse, a gente vai começar a mudar assim, quando as pessoas começam a entender o que acontece aqui dentro e quem tá disposto a falar. Eu tô disposta a falar, hoje eu não tô disposta a acabar com a minha carreira, mas quem sabe um dia eu não possa falar sobre isso e as pessoas possam entender que isso acontece e possa ter algum tipo de consequência para quem pratica essas coisas né. Acho que só vai mudar quando alguém tiver alguma consequência né,

E: Enquanto nada for feito e ainda a vítima sair como errada fica, fica difícil né, a gente conseguir avançar nisso.

P: Exatamente.

E: E aí, apesar de todas essas questões bem pesadas mesmo, desse de todo esse preconceito que a gente sabe que não vem de hoje, que tem um longo caminho ainda para a gente tentar amenizar, pelo menos amenizar isso, qual o significado né, o que o esporte representa para você hoje, na sua vida, assim?

P: Eu acho que se eu encaro essas coisas, se eu quero passar por isso, se eu quero superar isso, e aí superação no sentido, tipo, se eu, se eu vejo todos esses problemas que para mim são muito pesados e ainda assim, quero continuar aqui, é pelo esporte, pelo esporte puro, assim, pelo que ele traz, assim, pelo que ele me traz, de não sei ele, ele me completa, sabe aquela sensação que eu senti quando eu sentei na quadra de novo, que eu me senti completa? É essa sensação que me faz continuar. Então mesmo tendo falado isso tudo, assim, que a gente passa, acho que o verdadeiro sentido de continuar é pelo esporte sim, é pelo que ele pode me trazer, é pelas conquistas que ele pode me dar, pelos aprendizados que ele pode me dar, e aí conquistas que eu falo nem é financeira, assim, tipo, eu sei que tem atleta hoje que continua sendo atleta pela questão financeira, para mim não é, e não vou romantizar tá, não vou falar porque, não, é porque realmente eu tenho uma família estruturada, que se eu quiser sair eu posso sair, então não vou romantizar, não vou falar que qualquer um pode tomar essa decisão que eu tô tomando, não é. Mas se eu continuo hoje mesmo com, mesmo encarando tudo isso é porque hoje, cara, eu segurar minha medalha de Tóquio é uma coisa surreal, é uma energia que eu nunca, tem que segurar, tipo, acho que todo mundo que quiser entender o que que é, tem que segurá-la na mão, assim, o materializar os sonhos mesmo, fazer acontecer e mudar um pouco da realidade, assim, é o que eu te falei. Eu sinto que hoje eu não posso mudar tanto essa realidade, hoje eu ainda, como eu ainda tô focada muito nas minhas conquistas ali dentro do esporte, eu ainda tenho que me calar um pouco, assim, mas eu sei que no futuro eu posso mudar, eu sei que no futuro eu posso fazer alguma coisa para melhorar né, então acho que isso é o que me move também, sabe, querer fazer o esporte melhor para as crianças que estão vindo aí, para as mulheres com deficiência que tão vendo aí, fazer mulheres com deficiência entenderem que a gente não é condicionada a ficar em cima de uma cama, ser sustentada pelos pais, que é isso que é colocado pra gente né, quando a gente se torna uma pessoa com deficiência, essa é a ideia que passam para a gente e não tem que ser assim. Eu acredito muito na mudança que o esporte pode trazer para nossa vida, o esporte realmente mudou, mudou tudo em mim, como te falei, eu não me imagino sem o esporte, não consigo visualizar a minha vida sem ele né. Então é, eu acho que ele, eu vejo sentido nisso tudo, eu ainda vejo, eu ainda acho que vale a pena, sabe?

E: Legal! E relacionado a isso, quais são as suas expectativas né, um pouco dos seus planos... É lógico que às vezes, se tiver algo sigiloso, você também não precisa falar, mas na sua carreira esportiva, os seus planos futuros né, recentemente teve a medalha de Tóquio que foi, acho que

foi até um vídeo que você postou no Instagram que daí que eu fui te conhecer, aí que eu fui te seguir até compartilhei e lembro que você até curtiu o meu story que eu compartilhei, foi um vídeo seu da conquista da medalha de bronze né, nos jogos e isso acho que é como você falou, significou muito. Então assim, o que que você tem de expectativa aí para esses anos, para os próximos?

P: Então, no ano passado teve o campeonato mundial e pela primeira vez na história a gente foi campeã mundial, assim, na verdade pela primeira vez na história a Seleção Feminina ganhou um campeonato, seja ele qual for, e isso é uma tecla que o meu treinador sempre bateu, assim, é, porque a gente sempre é, o que acontece, a masculina tem adversários muito fortes na Europa, África, Ásia, então o Panamericano eles sempre ganharam disparado, Estados Unidos nunca, nunca bateu de frente com eles. E o feminino é ao contrário.

E: Teve um pan esse ano?

P: Teve, mas a gente não foi.

E: Mas o masculino foi?

P: Masculino foi, mas a gente não foi porque a gente já tá com a vaga por ter sido campeãs mundiais. E o feminino, a gente sempre bate, a gente eu falo né, o time, mas eu não estava no time ainda, eu entrei em 2019, mas na história toda, sempre bateu, assim, sempre bateu diferente com os Estados Unidos e perdeu. Os Estados Unidos é, hoje eu não vou falar que é, já foi né, a maior potência do vôlei sentado feminino, então a gente nunca tinha ganhado um campeonato, nunca tinha sentido o sabor do ouro, e aí chegou no mundial do ano passado que, é claro que uma paralimpíada tem, é diferente, tem um sentimento diferente, mas ter sido campeão mundial, assim, deu um gás para gente, nossa, assim, realmente é campeã do mundo, não tem ninguém acima de você ali naquele momento. A gente ganhou dos Estados Unidos de 3 a 0, passamos a carroça nelas, assim, foi uma coisa, eu me arrepio só de falar, assim, então eu acho que ter sido campeã mundial deu uma vontade na gente de ser campeã paralímpica que eu acho que tá todo mundo com essa gana, assim, de “a gente não foi campeã paralímpica, mas somos campeãs mundiais”. O campeonato mundial deu esse impulso para a gente de olhar e falar assim “cara, a gente pode ser campeã paralímpica”, porque antes a gente não acreditava que podia, não acreditava que a gente tinha ganhado dos Estados Unidos e a gente ganhou, então ganhou,

acabou né, acabou aquele paradigma de “não, ganhamos!”, mas claro que continua sendo uma equipe muito forte mesmo a gente tendo ganhado de 3 a 0, obviamente eles, eles têm toda a tecnologia a favor deles, eles têm uma equipe, assim, uma comissão técnica não só de técnico, porque acho que técnico o nosso é melhor, mas estatística, essa coisa assim, eles são muito tecnológicos. Obviamente que eles já estudaram o nosso time, nosso time tem passado por uma transição, a gente perdeu um atleta muito importante que é a Diana [nome verdadeiro alterado para nome fictício], que era a nossa levantadora oposta né no mundial, é muito talentosa, uma menina muito talentosa que decidiu seguir com outra carreira que é no Badminton, por ser uma modalidade individual. Infelizmente hoje a Diana [nome verdadeiro alterado para nome fictício] teve que deixar o vôlei por uma questão financeira porque o esporte coletivo não paga bem e ela é super talentosa, é talentosa em qualquer lugar que ela for, então no badminton, o noivo dela é do badminton então ela, enfim, se achou lá, vai ganhar dinheiro e é isso, entendeu. Só que a gente perdeu a Diana [nome verdadeiro alterado para nome fictício] e era um pilar muito importante para a gente, e aí com isso eu não era titular, eu passei a ser titular e é uma transição muito, muito difícil né. Eu tô mudando de posição, eu era, eu era central assim, eu era, tipo, nem passava, nem fazia fundo de quadra e o meu treinador viu, não sei porque, ele tem um feeling, assim, acho que nunca ninguém pensou nessa possibilidade, porque eu sou alta, então todo mundo olha para mim tipo como atacante e ele viu em mim um talento que talvez nem eu mesma acreditava que eu tinha que era de levantar, e ele falou “eu quero ter uma levantadora alta”, porque ele olhou para o Canadá né, Canadá tem uma levantadora alta e é uma coisa que você não perde no bloqueio, quando tá na rede né, normalmente explora-se muito levantadores né, quando tá no bloqueio, e a Gabi [nome verdadeiro alterado para nome fictício] era nossa levantadora é bem baixinha. Ela é craque, craque, impossível eu querer substituir a Gabi [nome verdadeiro alterado para nome fictício], que ela é muito craque, só que ela é baixa e aí acaba interferindo um pouco nisso. Então a gente mudou muito o time né, o time tá diferente de quando a gente foi campeã mundial, tá numa adaptação, mas mesmo assim a gente ainda acredita que pode ser campeã paralímpica em Paris, acho que esse é o principal objetivo. E aí depois disso, é depois né, quando você fala de uma paralimpíada, o seu foco é total ali. Eu não sei se eu vou continuar no esporte por causa da minha perna, eu tô, tipo, a minha prótese tá soltando de novo, eu vou precisar operar de novo e o esporte querendo ou não alto rendimento, a gente acha que esporte é saúde né, mas é o alto rendimento não é saúde, acho que você sabe muito bem disso, assim, o nosso corpo é levado ao extremo e a minha prótese tem sido

comprometida com isso também, então não sei se eu continuo depois de Paris, vou precisar avaliar com meu médico, então por isso que meu foco total é Paris, assim.

E: Bom, acho que finalizamos então. Eu queria agradecer, primeiro parabenizar toda sua, essa sua trajetória, a pessoa que você é, mas também, antes da atleta, a pessoa que você é e a sua disponibilidade de contribuir né, tudo que você falou aqui vai ser de grande proveito para pesquisa e realmente fazer crescer essa questão da ciência no esporte paralímpico, ainda mais pensando nas mulheres né. Você relatou algo que é, muitas atletas, tanto na minha pesquisa de, da graduação também essa questão da comissão técnica ser somente homens e homens também sem deficiência, então assim, não tem essa, essa identificação né, vamos dizer assim. Então assim, são muitas coisas que vão contribuir muito, então agradeço demais mesmo a sua disponibilidade, bem numa quinta-feira de feriado e você tá aqui falando. Tô muito feliz com a sua participação aqui na pesquisa e caso surja alguma dúvida, porque assim, eu gravei aqui entrevista, eu vou assistir tudo de novo, vou passar para minha orientadora, caso surja alguma dúvida assim, eu falo com a Dani aí qualquer coisa, às vezes não necessariamente a gente precise de outra entrevista, mas às vezes “Dani, fiquei com dúvida de tal coisa, pode perguntar para Laura [nome verdadeiro alterado para nome fictício]?”, e aí eu mando para ela.

P: Sem problema, pode perguntar, sem problema. Eu que eu fico feliz de poder ajudar, porque como eu te falei, eu acho que é exatamente na educação física que a gente consegue começar essa mudança, sabe? Eu acho que é bem ali assim o pontapé inicial que a gente tem que dar, não só para, como você falou, pessoas com deficiência, mas as pessoas sem deficiência também entenderem mais do universo paralímpico né, de tudo que acontece. E fico feliz também de poder falar tudo que eu falei aqui, que eu nunca tive oportunidade de falar porque o tempo todo dando entrevista para mídia e não sei o que, e eu sempre falei “cara, alguém precisa saber disso, alguém precisa começar a falar sobre isso” e que bom que você já trouxe essa, esse assunto né à tona, e tomara que a gente possa progredir com isso né, fico feliz.

E: Então ótimo feriado, não se já treinou ou se vai treinar hoje, mas bons treinos aí.

P: Muito obrigada!!

E: Fico na torcida sempre!

P: Obrigada, qualquer coisa você pode falar com a Dani que a gente, se precisar marcar outra também, não tem problema, fica tranquila.

E: Tá bom, obrigada!

P: Valeu, até mais.

E: Obrigada, tchau tchau!

P: Tchau.

13. Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A mulher com deficiência no esporte: perspectivas de atletas paralímpicas

Nome do(s) responsável(is): Maria Luíza Tanure Alves, Náthali Fernanda Feliciano e Isabella dos Santos Alves

Número do CAAE: 37547220.0.0000.5404

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo pesquisador e pelo participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O estudo tem como objetivo investigar e analisar as perspectivas da mulher com deficiência no esporte paralímpico, revelando a realidade vivenciada, contribuições, obstáculos e significações que o mesmo a proporciona. O estudo tem foco no contexto social vivenciado, buscando compreender as relações vivenciadas, crenças, valores e comportamentos associados à participação feminina do esporte paralímpico de rendimento.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidada a participar de uma entrevista para responder algumas questões que seguirão roteiro pré-estruturado, elaborado pelas pesquisadoras responsáveis em conjunto com outras mulheres com deficiência praticantes de esportes.

Observações:

- Você receberá uma cópia do roteiro para análise prévia.
- A entrevista será realizada uma única vez e terá duração de aproximadamente 30 minutos.
- As entrevistas serão gravadas em áudio e vídeo e serão armazenadas em documentos criptografados do computador das pesquisadoras durante a realização do estudo, sendo descartadas após sua finalização.

Desconfortos e riscos:

Você não deve participar deste estudo caso não se sinta confortável em falar sobre a sua perspectiva no esporte.

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis, exceto a possibilidade de quebra de sigilo e privacidade devido ao recolhimento e descrição detalhada de suas experiências esportivas. Dessa forma, caso você sinta algum desconforto durante a realização das entrevistas, você pode interromper sua participação.

Benefícios:

A referente pesquisa será benéfica no sentido que estará ampliando a literatura na temática da mulher no esporte paralímpico, além de levantar dados que refletem a baixa participação do público feminino no esporte paralímpico quando comparada aos homens.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Acompanhamento e assistência:

A pesquisadora se responsabiliza por acompanhar o desenrolar da pesquisa e estará disponível para esclarecimentos sobre a mesma antes, durante e depois da entrevista aplicada.

Sigilo e privacidade:

O seu nome não será divulgado, mas devido ao número pequeno de participantes da pesquisa, a posição que você ocupa e frente a necessidade de recolhimento e descrição detalhada de suas experiências esportivas (i.e. vitórias, derrotas, prêmios, colocações no ranking nacional e internacional, e etc), não podemos garantir a manutenção do seu sigilo e sua privacidade.

Ressarcimento e indenização:

Não haverá gastos para participar da pesquisa, pois não há custos para responder a entrevista. Ou seja, não é necessário investir qualquer custo para participar desta pesquisa, e não há previsão de ressarcimento pela sua participação. Em casos de danos decorrentes do estudo, a participante tem direito à indenização.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras:

Náthali Fernanda Feliciano, Faculdade de Educação Física – FEF, Av Érico Veríssimo, 701 Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas – SP, Tel: (11) 99791-4994, e-mail: nathalifeliciano@hotmail.com;

Maria Luíza Tanure Alves, Faculdade de Educação Física – FEF, Av Érico Veríssimo, 701 Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas – SP, Tel: (19) 988409004, e-mail: luizatanure@gmail.com.

Isabella dos Santos Alves, doutoranda (Área de Concentração Atividade Física Adaptada) da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF/UNICAMP, Avenida Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária Zeferino Vaz, Campinas – SP, Tel: (16) 99158-4842, e-mail: santosalvesisabella@gmail.com;

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:00hs às 11:30hs e das 13:00hs às 17:30hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@unicamp.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em Pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Nome do (a) participante da pesquisa:

Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa.

Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

14. Anexo 2

 CEPUNICAMP COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA	UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS	 Plataforma Brasil												
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP														
DADOS DA EMENDA														
Título da Pesquisa: A MULHER COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE: PERSPECTIVAS DE ATLETAS PARALÍMPICAS														
Pesquisador: Maria Luíza Tanure Alves														
Área Temática:														
Versão: 5														
CAAE: 37547220.0.0000.5404														
Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física														
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio														
DADOS DO PARECER														
Número do Parecer: 5.119.657														
Apresentação do Projeto:														
O parecer inicial é elaborado com base na transcrição editada do conteúdo do registro do protocolo na Plataforma Brasil e dos arquivos anexados à Plataforma Brasil. Os pareceres de retorno, emendas e notificações são elaborados a partir do último parecer e dos dados e arquivos da última versão apresentada. Trata-se de SOLICITAÇÃO DE EMENDA (E1) AO PROTOCOLO originalmente aprovado em 21/12/2020 para inclusão de novo pesquisador, mudanças na metodologia e extensão do cronograma de realização da pesquisa. O texto do parecer foi atualizado conforme a documentação apresentada. A solicitação está detalhadamente descrita ao final do parecer. Introdução: O esporte para pessoas com deficiência teve início marcado no período da II Guerra Mundial com o retorno de soldados lesionados aos seus países. Neste contexto o seu desenvolvimento se deu principalmente em dois países: Inglaterra e Estados Unidos. Em ambos os países o esporte foi desenvolvido inicialmente como forma de reabilitação para as pessoas com deficiência, buscando um retorno ainda distante à sociedade (MELLO; WINCKLER, 2012). Na Inglaterra, o esporte para pessoas com deficiência teve seu início com o médico neurologista Sir Ludwig Guttmann no Hospital de Stoke Mandeville. Este desenvolveu diversas modalidades para pessoas em cadeira de rodas, ampliando suas atividades com competições oficiais primeiramente internas e posteriormente internacionais. Nos Estados Unidos, o esporte para pessoas com deficiência também teve seu desenvolvimento atrelado ao retorno de soldados lesionados aos														
<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td colspan="2">Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas</td> <td>CEP: 13.083-887</td> </tr> <tr> <td>Bairro: Barão Geraldo</td> <td colspan="2"></td> </tr> <tr> <td>UF: SP</td> <td>Município: CAMPINAS</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Telefone: (19)3521-8936</td> <td>Fax: (19)3521-7187</td> <td>E-mail: cep@unicamp.br</td> </tr> </table>			Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas		CEP: 13.083-887	Bairro: Barão Geraldo			UF: SP	Município: CAMPINAS		Telefone: (19)3521-8936	Fax: (19)3521-7187	E-mail: cep@unicamp.br
Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas		CEP: 13.083-887												
Bairro: Barão Geraldo														
UF: SP	Município: CAMPINAS													
Telefone: (19)3521-8936	Fax: (19)3521-7187	E-mail: cep@unicamp.br												



Continuação do Parecer: 5.119.657

países. Porém, neste país o esporte foi desenvolvido pelos próprios atletas com deficiência através do basquete sobre rodas. Desta forma, com a ampliação dos jogos desenvolvidos inicialmente no hospital de Stoke Mandeville e a participação de diferentes países, o esporte para pessoas com deficiência se estruturou como esporte paralímpico, como o conhecemos atualmente (MELLO; WINCKLER, 2012). - O esporte adaptado no Brasil A chegada do esporte para a pessoa com deficiência no Brasil se deu por meio de duas pessoas que procuraram os serviços de reabilitação oferecidos nos Estados Unidos na década de 1950: Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande. Quando retornaram ao Brasil, Robson fundou o Clube do Otimismo e Sérgio criou o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. Com isso, o esporte para pessoa com deficiência começou a ser difundido pelo país, o que favoreceu a primeira participação paralímpica do Brasil em 1972, nos Jogos de Heidelberg, na Alemanha. O Brasil foi representado por dez atletas nas modalidades Natação, Atletismo, Basquete e Tiro com Arco (ARAÚJO, 2011; MELLO; WINCKLER, 2012). Ao longo dos anos, diversas associações esportivas foram criadas, a fim de obter uma melhor organização da participação brasileira nos Jogos Paralímpicos. O Brasil foi, cada vez mais, aumentando a sua participação em diversas modalidades e, consequentemente, aumentando o número de atletas representantes. Com isso, em 1995 foi fundado o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) (MELLO; WINCKLER, 2012, p. 10). - Sexo, gênero e esporte No geral, a sociedade está organizada na ideia de que as diferenças entre mulheres e homens são mais importantes do que as qualidades que ambos têm em comum. As pessoas procuram comparar a questão feminina com a masculina baseando-se nas questões "naturais" quando, na verdade, existem dois processos: sexo e gênero. O primeiro diz a respeito de uma característica mais constante e natural da vida humana e se refere aos aspectos biológicos de ser homem ou mulher, enquanto o segundo está mais relacionado com a cultura, pois diz respeito ao comportamento construído e aprendido, e geralmente é categorizado amplamente como "masculinidade" e "feminilidade". Pode-se observar que ainda hoje as noções entre sexo e gênero podem ser confundidas pelas pessoas, onde a feminilidade e a masculinidade são frequentemente vistas como algo natural e imutável (LAKER, 2012). As noções em relação ao conceito e a constituição do "ser" feminino e do "ser" masculino começaram a surgir a partir dos comportamentos e dos privilégios da sociedade no período do Iluminismo no século XVIII. O esporte acabou sendo percebido como uma atividade culturalmente "masculina", onde as mulheres frequentemente não possuíam acesso ou tinham relações menos privilegiadas quando comparadas aos homens devido à valorização da masculinidade. Na concepção de Barão de Coubertin, falecido presidente do Comitê Olímpico Internacional, o esporte, mais precisamente os Jogos Olímpicos, serviam para coroar a masculinidade do homem, mediante

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

a prática atlética, incompatível com a natureza feminina. (WELCH; COSTA, 1994; DEVIDE, 2005; KNIJNIK, 2010). Ao longo do tempo começaram a surgir organizações feministas em diferentes regiões do mundo para reivindicar e lutar pelos seus direitos e, em relação ao esporte, não foi diferente. Na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em 1896, na cidade de Atenas, uma mulher grega tentou se inscrever para a prova de maratona na competição, mas foi impedida pela organização do evento de realizar tal prova. No dia da prova, a grega correu separadamente dos homens, o que deu coragem às outras mulheres. Nos primeiros anos de desenvolvimento do Comitê Olímpico Internacional, havia uma falta de organização e coesão no programa dos Jogos, o que permitiu que houvesse uma reunião de eventos desorganizados, entre os quais alguns eram destinados às mulheres. A partir do final do século XIX e início do século XX, alguns eventos foram permitidos para o público feminino como o golfe e tênis em 1900 e arco e flecha em 1904. Com isso, as mulheres deram um salto no esporte, passando a ter presença nos Jogos não apenas como espectadoras, mas como participantes, porém sendo elas restritas à prática da natação e do tênis (WELCH; COSTA, 1994; DEVIDE, 2005). Apesar disso, até 1968 as mulheres olímpicas tinham que provar sua feminilidade, nuas, através de um desfile perante uma banca de examinadores. Esta prova era necessária em função das concepções de gênero que existiam na sociedade que ainda não admitem, de forma plena, a presença feminina no esporte (FAUSTO-STERLING, 2000; KNIJNIK, 2010). No Brasil, vale ressaltar que nem sempre foram e ainda não são iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, no campo das práticas corporais e esportivas. A visão machista baseada no ideal conservador de que às mulheres não era permitida a participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, já estava posta na sociedade. Com as mudanças e inovações dos ideais oriundos da Europa, chegou também no Brasil os ideais da luta feminista, que proporcionaram às mulheres novas formas de comportamento e, entre estas novas formas, estava o exercício físico. Com isso, a presença das mulheres brasileiras no esporte foi aumentando e, caminhando em direção ao desfecho do século XX, os anos 80 e 90 se caracterizaram pelo período de maior inserção das mulheres em esportes que estereotipados como violentos para a participação feminina (GOELLNER, 2005). Alguns anos depois, nos XXVIII Jogos Olímpicos Modernos em 2004, a cidade de Atenas recebeu 4.412 mulheres atletas, 40,6% do total de participantes, "[...] competindo em 26 modalidades e demonstrando valores como força, competitividade, desafio e atletismo, quebrando recordes e se aproximando cada vez mais das marcas masculinas" (DEVIDE, 2005). Neste mesmo ano o Brasil enviou uma delegação feminina recorde, com 122 mulheres, o que correspondeu a quase 50% da delegação do país, o que demonstrou o aumento da participação das mulheres brasileiras no

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

esporte de alto rendimento. No entanto, apesar do aumento da incidência das mulheres no esporte, não se pode negar o fato de que elas ainda são [...] julgadas, avaliadas e mesmo afastadas do esporte, a partir de critérios que não se relacionam em momento algum com as suas habilidades esportivas, e que remontam a valores sobre a condição feminina que se imaginavam superados (KNIJNIK e SIMÕES, 2000 apud KNIJNIK, 2010). - A mulher com deficiência no esporte O esporte tem sido associado ao corpo atlético masculino, que é visto como um corpo forte e capaz, sem deficiências e danos (DEPAUW, 1997; HARDIN et al., 2002 apud FIGUEIREDO, 2014). A pessoa com deficiência em primeiro lugar é julgada e analisada através de seus corpos, vistos como imperfeitos, incompletos e inadequados. Com isso, as mulheres com deficiência estão e são sujeitas a uma tripla discriminação, pois não se enquadram na perspectiva do corpo atlético ideal; não correspondem à masculinidade, que apresenta atributos como força, habilidade, resistência, velocidade, agressividade, independência e coragem; nem pela sexualidade (HARGREAVES, 1994; SCHANTZ; GILBERT, 2001; FIGUEIREDO, 2014). A pessoa com deficiência começou a participar de competições somente no ano de 1948, nos primeiros Jogos de Stoke Mandeville. Esta competição contou com a participação de 14 homens e somente duas mulheres (MELLO; WINCKLER, 2012). Uma hipótese para o número de mulheres participantes ser menor que o número de homens deve se dar pelo fato de que somente os homens participavam das guerras e voltavam com membros comprometidos, ou seja, além daqueles que já nasciam com deficiência, surgiam mais homens com deficiência devido aos combates da guerra. No entanto, apesar de não haver informações na literatura sobre o processo do acesso da mulher com deficiência aos esportes adaptados e paralímpicos desde os primeiros Jogos de Stoke Mandeville até os dias atuais, sabe-se que ela também foi, progressivamente, conquistando o seu direito de participação e espaço neste contexto esportivo. No Brasil, o cenário revelado a respeito do número de mulheres participantes em relação ao número de paratletas homens é semelhante ao contexto mundial. O Comitê Paralímpico Brasileiro ilustra um gráfico com informações referentes às participações de paratletas brasileiros nos Jogos Paralímpicos da primeira edição na qual o Brasil esteve presente (Jogos de Heidelberg, 1972) até a última edição dos jogos no Rio 2016. A curva do gráfico mostra-se bastante satisfatória onde se pode observar aumentos significativos no número de paratletas mulheres (CPB, 2020). O preconceito às pessoas com deficiência é visto como uma negação social, onde as diferenças apresentadas são vistas como falta, carência e/ou impossibilidade. O esporte paralímpico veio como um meio de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade, e a mulher deve estar inclusa neste contexto (DA SILVA, 2006; MELLO; WINCKLER, 2012). Desta forma, o presente estudo busca compreender a perspectiva da mulher com deficiência no esporte de alto

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

rendimento no Brasil, elucidando possíveis aspectos positivos e barreiras ainda atuantes.

DELINEAMENTO DA PESQUISA: Trata-se de estudo qualitativo e descritivo, por meio de entrevista por telefone, grupo focal e acompanhamento longitudinal de um ano por meio de diários reflexivos das rotinas de treinos e competição, que envolverá 15 mulheres com deficiência física e visual e idades de 18 anos ou mais. O estudo tem caráter qualitativo e descritivo com foco em atletas femininas do esporte paralímpico, visando o contexto social amplo, buscando crenças, valores, comportamentos e atitudes vinculadas a presença da mulher com deficiência no esporte de alto rendimento. Desta forma, o presente estudo busca investigar e analisar as perspectivas da mulher com deficiência no esporte paralímpico, revelando a realidade vivenciada, contribuições, obstáculos e significações que o mesmo a proporciona. A coleta de dados se dará por entrevista semiestruturada com questões abertas e, acompanhamento longitudinal por meio de diários reflexivos das rotinas de treinos e competição. Isto ocorrerá com participantes mulheres maiores de 18 anos que praticam alguma modalidade paralímpica no mínimo há três anos e que participam de competições oficiais. Espera-se o reconhecimento inicial da realidade vivenciada pela mulher com deficiência no esporte paralímpico de rendimento. Tal perspectiva pode contribuir para análise dos obstáculos e impedimentos ainda presentes capazes de reduzir a participação feminina no esporte paralímpico.

Local de realização da pesquisa: A pesquisa será realizada na instituição de ensino UNICAMP(mais especificamente na FEF-UNICAMP).

População a ser estudada: A população estudada serão mulheres entre 18 e 25 anos que apresentam deficiência física e/ou visual, não sendo específico para a seleção a raça, etnia, gênero, escolaridade e classe social.

Garantias éticas aos participantes da pesquisa: A participação na pesquisa se dará de forma totalmente voluntária e as participantes terão seus dados preservados, mantendo o sigilo da sua identidade.

Método: O estudo tem caráter qualitativo e descritivo com foco em atletas femininas do esporte paralímpico, visando o contexto social amplo, buscando crenças, valores, comportamentos e atitudes vinculadas a presença da mulher com deficiência no esporte de alto rendimento.

Participantes: O estudo contará com a participação de mulheres com deficiência, selecionadas de acordo com os seguintes critérios de inclusão: 1) atletas de modalidade esportiva paralímpica maiores de 18 anos; 2) atleta com participação em competições oficiais do comitê paralímpico brasileiro há pelo menos três anos; 3) atletas com deficiência física ou visual. Serão excluídas do

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

estudo atletas com dificuldades de comunicação.

Recrutamento das participantes: Para o recrutamento das participantes, haverá um convite divulgado por mídias sociais em páginas e grupos que possivelmente tenham pessoas que se encaixam nos critérios de inclusão, além do encaminhamento via WhatsApp. No convite haverá um link que encaminhará as participantes a um formulário online para contato direto com as pesquisadoras e demonstração de interesse no envolvimento com a pesquisa.

A partir da demonstração de interesse, a pesquisadora encaminhará por e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para as pessoas com deficiência visual, elas possuem em seus dispositivos celulares funções que permitem ouvir o que está em forma de texto no TCLE. Sendo assim, após a leitura ou escuta do TCLE, ela poderá decidir se deseja participar ou não da pesquisa e, esse registro, será feito via email.

Coleta de dados: Com objetivo de buscar a perspectiva de atletas mulheres com deficiência no esporte, serão utilizadas as entrevistas semiestruturadas, que seguirão roteiro pré-estruturado, elaborado pelas pesquisadoras responsáveis, em conjunto com mulheres com deficiência praticantes de esportes. Para além de promover um instrumento fidedigno, o intuito dessa estratégia é estreitar relações com as participantes e promover uma pesquisa científica com, e não para, mulheres com deficiência. As entrevistas serão realizadas individualmente, com o registro na forma de gravação de voz. As entrevistas serão realizadas por telefone de acordo com a disponibilidade das participantes do estudo. Para fidedignidade dos dados, será realizado procedimento de member checking com as participantes do estudo (CRESWELL, 2003; PATTON, 2002).

Além disso, um acompanhamento longitudinal por meio de diários reflexivos será realizado com duas participantes dentro do período de um ano (BASHAN; HOLSBLAT, 2017). O objetivo desta técnica é fortalecer as relações entre a pesquisadora e as participantes e aprimorar o conhecimento do fenômeno esportivo a partir de impressões contínuas de mulheres paralímpicas brasileiras (DYMENT; O'CONNELL, 2011). Elas serão encorajadas a expressar livremente de forma escrita ou por áudio, seus desafios, conquistas e qualquer outras percepções frente às suas rotinas de treino e competição (BASHAN; HOLSBLAT, 2017).

Por último, entrevistas semiestruturadas em grupo focal serão realizadas a fim de discutir as impressões e temáticas emergentes dos diários reflexivos, compreender o agenciamento esportivo relatado por elas e, propor implicações teóricas e práticas com fins destinados ao empoderamento e emancipação de mulheres no movimento paralímpico brasileiro.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

Roteiro da entrevista semiestruturada: 1. Nos conte um pouco da sua história no esporte. Seu início, trajeto até aqui. 2. Como foi a relação da sua família com a sua vida no esporte? 3. O que o esporte paralímpico significa na sua vida? 4. Quais suas experiências mais significativas (que você gostaria de compartilhar) sobre a sua vida no esporte? 5. Quais foram as dificuldades encontradas para permanência no esporte? Como é ser uma atleta paralímpica todo dia? O que isso demanda? 6. Quais seus sonhos e perspectivas no esporte paralímpico? O que você visualiza para você? 7. Por que a mulher com deficiência deve participar do esporte paralímpico? 8. Qual o lugar da mulher com deficiência no esporte? Como ela deve alcançar?

Análise dos Dados: As entrevistas serão analisadas através da técnica de análise de conteúdo, a qual tem como objetivo explorar e compreender o tema estudado através do discurso dos participantes e consiste no processo de reconhecimento, codificação e classificação da informação (PATTON, 2002). Posteriormente, o material será codificado individualmente em unidades de registro, as quais podem ser palavras, frases ou partes do texto, que permitem a identificação de categorias presentes (BARDIN, 2011). Após este estágio, os temas emergentes das entrevistas e documentos serão categorizados em categorias temáticas maiores de acordo com a perspectiva de cada grupo de participante, buscando a transversalidade temática entre os discursos dos participantes. Posteriormente será realizado o processo de interpretação das categorias temáticas presente no conjunto das entrevistas e documentos permitindo uma análise e compreensão dos significados latentes de acordo com o objetivo do estudo (PATTON, 2002).

Os diários reflexivos serão avaliados longitudinalmente pela pesquisadora responsável e os membros da equipe, que desde o início do processo, irão documentar e codificar os conteúdos emergentes das impressões das participantes. Ao final do período de coleta de dados, as temáticas serão resumidas, discutidas e refletidas (DYMENT; O'CONNELLB, 2011).

Os resultados do estudo permitirão inicialmente o reconhecimento do status quo do envolvimento da mulher com deficiência no esporte de rendimento. Desta forma, espera-se resposta a questionamentos relacionados as perspectivas da mulher frente ao esporte paralímpico de alto rendimento, revelando os aspectos sociais presente neste contexto esportivo específico que ainda impedem ou prejudicam sua participação. O estudo se apresenta ainda como um passo inicial para desvendar este cenário, o qual parece ainda dominado, estruturado e desenvolvido para homens.

Cronograma de atividades: Devido a inserção de uma integrante na equipe e, o desenvolvimento de sua tese doutorado, o cronograma do projeto de pesquisa foi revisado, estando ele também atualizado na plataforma do CEP.

Orçamento: Para realização do estudo serão utilizados equipamentos e tecnologias já disponíveis

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

no Laboratório de Atividade Motora Adaptada da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Assim, custos para a realização do estudo se referem ao deslocamento da pesquisadora ao laboratório. O estudo será realizado com financiamento próprio.

Crêterios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa: O estudo contará com a participação de mulheres com deficiência, selecionadas de acordo com os seguintes critérios de inclusão: 1) atletas de modalidade esportiva paralímpica maiores de 18 anos; 2) atleta com participação em competições oficiais do comitê paralímpico brasileiro há pelo menos três anos; 3) atletas com deficiência física ou visual. Serão excluídas do estudo atletas com dificuldades de comunicação.

Riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa: O presente estudo se apresenta com baixo risco para sua execução, porém um dos seus possíveis riscos é a ocorrência de desconforto pelas atletas participantes durante a realização das entrevistas. Quanto aos benefícios, a referente pesquisa será benéfica no sentido que estará ampliando a literatura na temática da mulher no esporte paralímpico, além de levantar dados que refletem a baixa participação do público feminino no esporte paralímpico quando comparada aos homens.

Crêterios de encerramento ou suspensão de pesquisa: Não se aplica.

Resultados do estudo: As pesquisadoras garantem que resultados do estudo serão divulgados para as participantes da pesquisa e instituições onde os dados serão obtidos.

Divulgação dos resultados: As pesquisadoras garantem que os resultados da pesquisas serão encaminhados para publicação com os devidos créditos.

Requisitos específicos dos protocolos de pesquisa: Não se aplica

Desfecho Primário: Os resultados do estudo permitirão inicialmente o reconhecimento do status quo do envolvimento da mulher com deficiência no esporte de rendimento. Desta forma, espera-se resposta a questionamentos relacionados as perspectivas da mulher frente ao esporte paralímpico de alto rendimento, revelando os aspectos sociais presente neste contexto esportivo específico que ainda impedem ou prejudicam sua participação. O estudo se apresenta ainda como um passo inicial para desvendar este cenário, o qual parece ainda dominado, estruturado e desenvolvido para homens.

Objetivo da Pesquisa:

Relevância social: O projeto de pesquisa busca elucidar fatores envolvidos com a participação da mulher com deficiência no esporte. Desta forma, frente à realidade de pouco envolvimento com o esporte e os reconhecidos benefícios para a saúde física e psicológica da prática esportiva, os resultados podem permitir o reconhecimento de mudanças necessárias em políticas públicas e

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

práticas voltadas à participação da mulher com deficiência no contexto esportivo.

Hipótese: Mulheres com deficiência têm prejuízos específicos à sua condição para participação no esporte de rendimento.

Objetivo primário: O estudo tem como objetivo investigar e analisar as perspectivas da mulher com deficiência no esporte paralímpico, revelando a realidade vivenciada, contribuições, obstáculos e significações que o mesmo a proporciona. O estudo tem foco no contexto social vivenciado, buscando compreender as relações vivenciadas, crenças, valores e comportamentos associados à participação feminina do esporte paralímpico de rendimento.

Objetivos secundários: Não descritos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores informaram quanto aos riscos e desconfortos previstos para os participantes da pesquisa que "O presente estudo se apresenta com baixo risco para sua execução, porém um dos seus possíveis riscos é a ocorrência de desconforto pelas atletas participantes durante a realização das entrevistas".

Os pesquisadores informaram quanto aos benefícios diretos previstos para os participantes da pesquisa que "Quanto aos benefícios, a referente pesquisa será benéfica no sentido que estará ampliando a literatura na temática da mulher no esporte paralímpico, além de levantar dados que refletem a baixa participação do público feminino no esporte paralímpico quando comparada aos homens".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A EQUIPE DE PESQUISADORES citada na capa do projeto de pesquisa e na PB inclui MARIA LUIZA TANURE ALVES (Bacharelado em Treinamento em Esportes, Docente da Faculdade de Educação Física - FEF –UNICAMP, Pesquisadora responsável, Orientadora), NATHALI FERNANDA FELICIANO (Graduanda no curso de Educação Física da FEF-UNICAMP, Orientanda), ISABELLA DOS SANTOS ALVES (Graduada em Educação Física, Doutoranda no PPG em Educação Física da FEF-UNICAMP, Orientanda, Incluída em E1).

O orçamento descrito na PB informa que a pesquisa terá custo de R\$ 150,00 para aquisição de material de papelaria e será bancado pelos pesquisadores.

A pesquisa foi classificada na Grande Área 4 (Ciências da Saúde), Grande Área 6 (Ciências Sociais Aplicadas) e Grande Área 7 (Ciências Humanas) e tem como título público "A MULHER COM DEFICIÊNCIA NO ESPORTE: PERSPECTIVAS DE ATLETAS PARALÍMPICAS".

A pesquisa não foi classificada nas áreas temáticas especiais.

A Instituição proponente do protocolo é a Faculdade de Educação Física da UNICAMP e não foi

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

listada Instituição Coparticipante.

O cronograma aprovado na versão original do protocolo, como descrito na PB, previa início da pesquisa em 01/01/2021 e o término em 27/08/2021, em cerca de 20 meses. Já no projeto de pesquisa o cronograma previa 12 meses para a execução da pesquisa.

O cronograma proposto no projeto (E1) informa o início no segundo semestre de 2021, o término no segundo semestre de 2024 e prevê cerca de 42 meses para conclusão da pesquisa. O cronograma descrito na PB em E1 indica que a pesquisa será iniciada em 06/09/2021 (etapas preliminares), em 01/01/2022 (seleção de participantes) e será concluída em 31/12/2024, em cerca de 40 meses. Considerando o cronograma originalmente aprovado, como descrito na PB (o cronograma descrito no projeto de pesquisa não permite cálculo específico), foi solicitada extensão de 28 meses para a realização da pesquisa.

Necessidade de registro de Biorrepositório: A descrição da metodologia indica que não serão coletadas amostras biológicas para a realização da pesquisa e, portanto, não há necessidade de registro de biorrepositório.

Em 06/09/2021 os PESQUISADORES SOLICITARAM EMENDA (E1) AO PROTOCOLO sob a seguinte justificativa: "Esta solicitação se justifica pela inserção de novas estratégias metodológicas que serão contemplados no projeto de doutorado da aluna Isabella dos Santos Alves, nova integrante da equipe desta pesquisa. Dessa forma, considerando a estreita relação e, sobretudo, a continuação do estudo da mulher com deficiência no contexto esportivo, as seguintes alterações se fazem necessárias: 1) Inserção de uma nova integrante à equipe que, com o desenvolvimento de sua tese de doutorado, continuará o estudo da mulher com deficiência no esporte sob a mesma vertente do projeto anteriormente aprovado; 2) As participantes do estudo serão mulheres com deficiência maiores de 18 anos, sem restrição de idade máxima. Considerando a entrada tardia no esporte paralímpico, bem como, a dificuldade para a renovação de atletas neste contexto, a não restrição de idade máxima se faz necessária para investigar a participação do esporte paralímpico em sua totalidade. 3) O roteiro das entrevistas semi-estruturadas será elaborado pelas pesquisadoras responsáveis, em conjunto com mulheres com deficiência praticantes de esportes. Esta alteração foi necessária para assegurar a fidedignidade do instrumento utilizado e, com objetivo de estreitar relações com as participantes. 4) Além das entrevistas, outras duas estratégias de coletas de dados foram adicionadas. Um acompanhamento longitudinal por meio de diários reflexivos será realizado com duas participantes dentro do período de um ano. O objetivo desta técnica é, para além de fortalecer as relações entre a pesquisadora e as participantes, obter impressões contínuas de mulheres paralímpicas brasileiras em seu ambiente natural de treino e

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

competição. Além disso, entrevistas semiestruturadas em grupo focal serão realizadas com todas as participantes com intuito de reunir as experiências, desafios e, sobretudo, compreender o agenciamento esportivo por mulheres no movimento paralímpico brasileiro. As estratégias para análise dos dados, a partir das novas técnicas de coletas, estão destacadas na sessão de análise de dados. 4) Com a inserção da nova integrante da equipe, o cronograma obteve alterações para assegurar o desenvolvimento da pesquisa dentro do período de doutoramento. 5) Duas referências foram adicionadas na lista de referências em virtude da inserção metodológica. Importante destacar que todas as alterações realizadas no projeto de pesquisa foram destacadas em amarelo e, o texto pontualmente excluído foi destacado em vermelho tachado".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos e blocos de informação utilizados para elaboração do parecer foram:

Registro do protocolo na Plataforma Brasil: Arquivo "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1802061_E1.pdf" de 18/11/2021.

Carta resposta ao parecer: Arquivo "Carta_resposta_18_11_2021.pdf" de 18/11/2021.

Projeto de pesquisa: Arquivo "Projeto_de_pesquisa_atualizado_18_11_2021.pdf" de 18/11/2021.

Modelo de TCLE a ser aplicado, etapa "diário": Arquivo "TCLE_diarios_atualizado_18_11_2021.pdf" de 18/11/2021.

Modelo de TCLE a ser aplicado na etapa "entrevista": Arquivo "TCLE_entrevistas_atualizado_18_11_2021.pdf" de 18/11/2021.

Também foram apresentados outros dois arquivos de versões anteriores do protocolo que não foram avaliados para a elaboração deste parecer.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências por resolver:

Pendência 1 (atendida em 18/11/2021)– Foi apresentado o modelo ajustado de TCLE a ser empregado na etapa "diário" da pesquisa.

Pendência 2 (atendida em 18/11/2021)– Foi apresentado o modelo ajustado de TCLE a ser empregado na etapa "entrevista" da pesquisa.

Pendência 3 (atendida em 18/11/2021)– Os pesquisadores explicaram que a distribuição das etapas da pesquisa favorecem o uso de dois modelos de TCLE, não de um.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.
- Lembramos que segundo a Resolução 466/2012, item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".
- O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1802061_E1.pdf	18/11/2021 13:09:28		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_diaros_atualizado_18_11_2021.pdf	18/11/2021 13:06:54	Maria Luiza Tanure Alves	Aceito

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.119.657

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_entrevistas_atualizado_18_11_2021.pdf	18/11/2021 13:05:57	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Outros	Carta_resposta_18_11_2021.pdf	18/11/2021 13:05:31	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_atualizado_18_11_2021.pdf	18/11/2021 13:02:36	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Outros	identidade_funcional.pdf	18/08/2020 13:11:39	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	18/08/2020 13:09:24	Maria Luíza Tanure Alves	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 22 de Novembro de 2021

Assinado por:
jacks jorge junior
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, 1º andar do Prédio I da Faculdade de Ciências Médicas
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@unicamp.br